

**PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO
PUC-SP**

CELSO FRADE

O *present perfect* no discurso jornalístico na mídia digital

**Doutorado em
Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem**

SÃO PAULO

2008

Livros Grátis

<http://www.livrosgratis.com.br>

Milhares de livros grátis para download.

**PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO
PUC-SP**

CELSO FRADE

***O present perfect* no discurso jornalístico na mídia digital**

**Doutorado em
Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem**

Tese apresentada à Banca Examinadora como exigência parcial para obtenção do título de Doutor em Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem, sob orientação da Prof(a) Dr(a) Sumiko Nishitani Ikeda.

SÃO PAULO

2008

BANCA EXAMINADORA

***O tempo veste um traje diferente para
cada papel que desempenha em nosso
pensamento.***

John Wheeler

AGRADECIMENTOS

Agradeço à PUC-SP e à CAPES pelo apoio acadêmico e financeiro para o desenvolvimento deste trabalho.

À Orientadora Sumiko Nishitani Ikeda pela paciência, compreensão e ajuda na elaboração desta pesquisa.

Aos Professores Doutores participantes das bancas de qualificação, Deusa Maria de Souza Pinheiro Passos, Maximina Freire, Orlando Vian Jr. e Rosinda Ramos, pelas inúmeras contribuições.

Aos Pais, Parentes, colegas de profissão e amigos que muito me apoiaram e incentivaram em todas as fases da execução desta tese.

A minha prima Eny Frederico e ao meu amigo de vida, o Prof. Dr. Artur Cesar Isaia, por sempre terem me apoiado e por confiarem em minha capacidade de vencer os obstáculos.

RESUMO

Esta pesquisa tem como objetivo descrever as funções do *present perfect* (*PrP*) que emergem do discurso jornalístico e traçar considerações discursivas e pedagógicas sobre essa questão. Optou-se pelo *PrP*, por ser um item da gramática da língua inglesa estudado sob diferentes perspectivas, por causa de sua complexidade tanto para os pesquisadores como para falantes não-nativos. A pesquisa lingüística acerca da natureza dos textos jornalísticos tem-se desenvolvido de modo abrangente, desde os anos de 1970, razão pela qual este trabalho, fundamentando-se na literatura da área, apresenta as visões de tempo verbal e aspecto, segundo Travaglia (1985) e Comrie (1985) e o uso do *PrP*, conforme os estudos de Schwenter (1994), Michaelis (1998), Engel & Ritz (2005) e Nishiyama & Koenig (2005, 2006). Esta revisão de literatura fornece uma perspectiva cronológica do que tem sido pesquisado sobre o uso do *PrP* e suas várias funções no discurso jornalístico, além de uma resenha dos autores sobre o discurso, dentre os quais, Bell (1991), Fowler (1991), Halliday (1978, 1985) e Fairclough (1995, 1999). Mais especificamente, fazendo uso da metodologia de pesquisa documental (Sanghera, 2002), analisam-se os dados coletados que incluem 60 textos de revistas e jornais da imprensa de qualidade americana e britânica, via mídia digital, *The Guardian* e *The Independent* (GB), *The New York Times* e *The USA Today* (EUA), os *websites* das redes de TV *BBC* e *CNN* e das revistas *Newsweek* e *Time*, com o propósito de ilustrar a ocorrência do *PrP* em diferentes contextos e assuntos. O período de coleta abrange os anos 2003 – 2008, e a diversidade de tópicos e subgêneros incluem *Hard News* (notícias atuais, como acidentes, e notícias acerca de política e diplomacia) e *Soft News* (artigos opinativos, não necessariamente relacionados a uma notícia recente). Em suma, procurou-se verificar que resultados indicam que o uso do *PrP* intensifica o valor da informação e atende às necessidades pragmáticas do produtor ao escrever o texto jornalístico e tentar dar uma contribuição original para as pesquisas que se direcionem à expressão da temporalidade no ensino de inglês como LE e para a Lingüística Aplicada no estudo do gênero notícia jornalística.

Palavras-chave: tempo verbal *Present Perfect* - funções - mídia digital - discurso jornalístico - ensino da língua inglesa.

ABSTRACT

The *present perfect (PrP)* is a complex issue for researchers and non-native speakers of English that has been studied from many different perspectives. This research aims at showing a description of the *PrP* in the language of news media and brings to light new insights into the teaching of English as a foreign language. Linguistic research on the nature of news stories has seen a great increase since the 1970s. So, the theoretical underpinning for the research provides a briefing of the state-of-the-art literature on the area that includes views on tense and aspect, Travaglia (1985) and Comrie (1985), the usage of *PrP* according to Schwenter (1994), Michaelis (1998), Engel & Ritz (2005) and Nishiyama & Koenig (2005, 2006) and the meaning of discourse by Bell (1991), Fowler (1991), Halliday (1978, 1985) and Fairclough (1995, 1999). It, therefore, provides a clear picture of what has been researched on the uses of the *PrP* and its various functions in the language of news media. More specifically, the research reported here, which used the documentary research methodology (Sanghera:2002), uses examples from the data collected, which include 60 sample articles from the websites of quality British and American broadsheets, such as *The Guardian and The Independent* (UK), *The New York Times and The USA Today* (USA), the *website* from the TV news broadcasters, *BBC* and *CNN* as well as from weekly magazines such as *Newsweek* and *Time*, which serve the purpose of illustrating both the occurrence and usage of the *PrP* in different contexts. The period sampled refers to the years 2003-2008 and the range of topics and subgenres include hard news (current events and one-off unscheduled events called spot news) and soft news (longer featured articles on different issues which are not time-bound to immediacy). The research question investigated in the study is: what kind of functions emerge from the *PrP* samples in the language of news media? With respect to the question, the results indicate the *PrP* is a means of intensifying the information according to specific pragmatic needs the producer has while writing the piece of news. Therefore, this study brings an original contribution to the existing body of research on the expression of time in TESOL and Applied Linguistics.

Key Words: Present Perfect Tense - Functions of the Present Perfect - language of news media - discourse - TESOL

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	1
CAPÍTULO I: REVISÃO DA LITERATURA.....	6
1. TEMPO	6
1.1 <i>Tempo Verbal</i>	6
1.2 <i>Tempo de Referência</i>	8
1.3 <i>Tempo de Evento</i>	9
2. ASPECTO.....	10
3. O <i>PRESENT PERFECT</i>	22
3.1 <i>AS FUNÇÕES DO PRESENT PERFECT</i>	28
3.1.1 <i>PrP: Resultativa ou Continuativa</i>	29
3.1.2 <i>PrP: Experiencial</i>	30
3.1.3 <i>PrP: Epistêmica</i>	31
3.1.4 <i>PrP: Pressuposição de Evidência</i>	33
3.1.5 <i>PrP: Relevância Atual</i>	34
3.1.5.1 <i>PrP: Hot News</i>	34
3.1.5.1.1 <i>PrP: Narrativa Vívida</i>	41
4. O DISCURSO JORNALÍSTICO	44
CAPÍTULO 2: METODOLOGIA.....	67
1. CONTEXTO DE PESQUISA E DEFINIÇÃO DOS DADOS	67
2. PROCEDIMENTOS DE COLETA.....	73
3. PROCEDIMENTOS DE ANÁLISE DOS DADOS.....	74
CAPÍTULO 3: ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS	77
1. ANÁLISE.....	77
2. DISCUSSÃO DOS RESULTADOS.....	119
CONSIDERAÇÕES FINAIS	126
1. PERSPECTIVA DISCURSIVA.....	126
2. PERSPECTIVA PEDAGÓGICA.....	127
REFERÊNCIAS.....	130
ANEXOS.....	136

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Resultados Quantitativos das Funções que Emergem do Uso do *PrP* no Discurso Jornalístico 120

Quadro 2 - Resultados Quantitativos das Funções que Emergem do Uso do *PrP* no Discurso Jornalístico na Mídia Digital nos 60 Textos Coletados 120

CAPÍTULO I: REVISÃO DA LITERATURA

1. TEMPO

Início a revisão da literatura com uma classificação e conceituação dos tipos de tempo utilizados nesta pesquisa, fundamentando-me no conceito de tempo verbal, visto que este é o cerne deste trabalho.

1.1 Tempo Verbal

A primeira definição que merece destaque é o significado de tempo verbal de acordo com Reichenbach (1947, pp.287-310). Para o autor, o tempo verbal (*tensed utterances*) é anafórico, pois usa das relações entre tempo de fala (*Speech Time – S*), o tempo de evento (*Event Time – E*) e o tempo de referência (*Reference Time – R*). Os tempos de referência, para Reichenbach, podem coincidir com os tempos revelados pelas expressões, *Tuesday, next week, now, etc.*, mas eles não são necessariamente explicitados no texto, razão pela qual, usou as relações entre tempo de fala e tempo de referência para representar o significado dos tempos verbais em inglês.

Mais tarde, Hopper & Thompson (1980, pp. 251-299), ligando fatos gramaticais a fenômenos discursivo-comunicativos, apresentaram uma postura definidamente funcionalista, que se opõe à da gramática formal, uma vez que a gramática formal apresenta um conjunto de regras que são separáveis do discurso e que o precedem.

Para Mani e colaboradores (1982, pp.181-187), o tempo verbal é um mecanismo específico construído na língua para localizar as informações no tempo. Os verbos e outras expressões, como os advérbios, realizam significados sobre as propriedades temporais dos eventos, isto é, se os eventos duram, mudam ou se completam. Dessa forma, segundo o autor, o tempo verbal pode ser resumido a um mecanismo para se localizar informações no tempo.

Outra autora que tratou deste assunto foi Medeiros (1984, p.17), para quem a expressão da temporalidade é diferente em inglês e em português, e o uso proficiente dos tempos verbais em inglês por um brasileiro só é possível mediante uma maneira diferente de perceber a relação entre temporalidade e tempos verbais.

Comrie (1985; p.1), por sua vez, define o tempo verbal como uma expressão gramaticalizada da localização no tempo, a qual envolve uma marcação, por intermédio da mudança de forma e de alguns elementos sintáticos, a exemplo do verbo e seus auxiliares.

Para Binnick (1991; p. 345), os tempos verbais não estabelecem os tempos de referência, mas simplesmente indicam a relação do tempo de referência ao tempo de fala. O tempo passado, segundo o mesmo autor, denota anterioridade; o presente, simultaneidade, e o futuro, posterioridade.

Se considerarmos o tempo como real segmento linear do universo dentro do qual os eventos e estados dos acontecimentos estão situados, o tempo verbal é a representação desse tempo, que, segundo Binnick (1991, p. 52), pode ser marcado morfológicamente por uma variação na forma do verbo (*walk* vs. *walked*), ou sintaticamente, por um verbo auxiliar (*will walk*) ou pelo verbo seguido do verbo auxiliar (*has walked*). Sendo assim, tempo verbal é a categoria que reflete o tempo e suas distinções de modo mais amplo.

Para os funcionalistas, a gramática é um conjunto vagamente definido e sedimentado de elementos que estão continuamente renegociando-se na fala. É provisória e incompleta e emerge do discurso, de acordo com Neves (1993, p.2).

Campos & Galembeck (1994, p. 57) referem que é comum em nossa tradição gramatical analisar os tempos verbais simplesmente como elementos que remetem o discurso a fatos presentes, passados ou futuros por serem considerados elementos absolutos, sem relação com elementos do enunciado ou da enunciação.

Porém, a definição que adotarei nesta pesquisa, por estar mais de acordo com seu contexto, é a de Downing & Locke (2002, p. 314). Conforme ressaltam esses pesquisadores, o tempo verbal é a unidade gramatical pela qual nós devemos tipicamente expressar nossa percepção dos eventos. Além disso, a expressão lingüística das relações de tempo desses eventos é expressa pelas escolhas dos tempos verbais: o tempo verbal é a expressão das relações temporais representadas pelo verbo. Essa expressão refere-se aos eventos situados em determinados pontos ao longo do fluxo do tempo em referência ao agora ou ao tempo de fala.

1.2 Tempo de referência

Outro conceito que merece ser mais bem esclarecido, em virtude de sua presença constante na literatura a respeito do tema, é o conceito de tempo de referência, que, segundo Michaelis (1998, p.XVI), é, resumidamente, o tempo que é o foco da atenção, quando o produtor faz uma asserção utilizando um tempo verbal, particularmente em uma narrativa. O tempo de referência pode ainda ser denotado por uma expressão temporal.

A propósito, os autores van Lambalgen & Hamm (2005:98) esclarecem que o que chama atenção na percepção de Reichenbach em relação ao tempo verbal é considerar o tempo de referência tão importante quanto o tempo do evento e o tempo de fala. Segundo esses autores, o tempo de referência é um marcador para o tempo, contexto ou situação sobre as quais estamos falando. Isto significa dizer que o tempo de referência deve ser conhecido pelos participantes para que o discurso temporal faça sentido.

E acrescentam que Reichenbach também percebeu que o tempo de referência pode ser diferente do tempo de evento, como, por exemplo, no *PrP*. Para exemplificar, segue a sentença demonstrada pelos autores: *I have caught the flu*. Nesse exemplo, pode-se perceber claramente a idéia de Reichenbach, segundo os estudos de van Lambalgen & Hamm (2005, p.99), pois aqui o tempo da infecção encontra-se no passado, mas o tempo de referência é idêntico ao tempo de fala, ou seja, essa sentença tem como objetivo ter um sentido de relevância no presente, por exemplo, como explicação por eu estar mal humorado.

Visto que, como pudemos observar tomando por base Michaelis (1998), o tempo de referência está particularmente relacionado a uma narrativa, vejamos agora uma explicação dos tempos verbais sob a perspectiva de primeiro e segundo planos narrativos, conceitos sugeridos por Hopper (1979, pp.213-241) e reafirmados por Hopper & Thompson (1980, pp. 251-299). Hopper (1979, pp. 213-241) estabelece como característica universal do discurso narrativo a distinção entre primeiro e segundo planos (*foregrounding* e *backgrounding*). O primeiro plano constitui a linha principal da narração e se caracteriza por apresentar orações que denotam eventos discretos, dinâmicos e ativos. Já o segundo plano consiste no material de suporte, que

simplesmente amplia, especifica ou comenta os eventos narrados no primeiro plano.

A distinção entre o primeiro e o segundo planos manifesta-se, na morfologia verbal de várias línguas, pela distinção entre duas formas de pretérito: o perfeito (relacionado com o primeiro plano) e o imperfeito (referente ao segundo plano narrativo). O mesmo autor enumera uma série de características da perfectividade e da imperfectividade no inglês, como sendo elementos característicos dos dois planos de narração. De acordo com a proposta de Hopper & Thompson (1980, pp.251-299), não é possível entender essas diferenças simplesmente no nível frasal, mas como parte de um contexto discursivo. Sendo assim, o pretérito perfeito liga-se à seqüência cronológica, a eventos dinâmicos, cinéticos, a tópicos humanos e ao real, fatos que fazem com que se identifique com o primeiro plano. Por outro lado, o imperfeito indica simultaneidade ou sobreposição cronológica com outra situação e liga-se a estados ou situações descritivos, à variedade de tópicos, incluindo fenômenos naturais, a fatos tanto reais como irrealis, o que faz com que esteja ligado ao segundo plano. Dessa forma, pode-se inferir que os tempos verbais não devem ser analisados de forma absoluta, independentemente do contexto em que ocorrem, mas inseridos em contextos mais restritos, representados pela frase, e em contextos mais amplos, representados pelo discurso.

1.3 Tempo do Evento

Tendo apresentado os conceitos de tempo verbal e tempo de referência, é essencial para o desenvolvimento deste trabalho definir o conceito de tempo de evento pois conforme Reichenbach (1999, p.270), um ato de pensamento é um evento e, portanto, isso nos remete ao que já foi mostrado anteriormente quando da referência ao conceito dêitico do *agora*: se nossas experiências sempre acontecem dentro do enquadre do *agora*, isso significa que todo ato de pensamento define um ponto de referência, ainda de acordo com o autor mencionado.

Outros autores que também se referem a evento são Zackys & Tversky (2001,pp.3-21) . Para eles, se trata de (i) um componente básico da construção humana do conceito de tempo e (ii) de um segmento do tempo em um dado lugar que é concebido por um observador como tendo um início e fim.

Dessa forma, a definição de evento usada nesse trabalho refere-se à de Reichenbach (1999, p. 270), a saber, uma situação que envolve mudança ao passar do tempo ou que tenha pontos salientes de início e término, enquanto que a definição de tempo do evento escolhida é a definição de Michaelis (1998, XIII), para quem o tempo do evento é o tempo no qual o evento ocorreu ou durante o qual um estado ocorria.

A partir da conceituação de tempo verbal, tempo de referência e tempo de evento, é possível estabelecer os primeiros passos para entendermos como o *PrP* se posiciona perante esses vários elementos na língua. Haja vista a dificuldade relatada anteriormente de se definir o *PrP* como um tempo verbal ou aspecto, prossegue-se essa revisão da literatura com uma discussão sobre aspecto e sua relação com o *PrP*, no intuito de esclarecer essa dualidade.

2. ASPECTO

Como forma de apresentar as várias visões sobre aspecto, para entender mais amplamente esse conceito, buscou-se, inicialmente, nos basearmos no seu significado na língua portuguesa para depois refletirmos sobre sua visão na língua inglesa, que é contexto de pesquisa deste trabalho. Note-se que essa discussão não tem nenhum objetivo comparativo, mas pretende tornar a sua conceituação mais consistente para se entenderem as várias explicações referentes à língua inglesa. Vejamos a seguir como diversos autores conceituaram aspecto.

Castilho (1967, p.14) considera o aspecto em três passagens diferentes: i) aspecto é a categoria que atualiza o processo definindo-lhe a duração; ii) aspecto é a visão objetiva da relação entre o processo e o estado expressos pelos verbos e iii) aspecto é a idéia de duração ou desenvolvimento. Aspecto é, pois, a representação espacial do processo, além de, segundo Castilho (1967, p.41), uma categoria que se reporta aos graus de realização da ação. Para este autor, a noção de completamento, peculiar ao aspecto tipo perfectivo, supõe a indicação precisa do começo e do fim do processo, pólos separados por um lapso de tempo extremamente curto e não-significativo. As nuances decorrentes da ação totalmente decursa - o perfectivo, pois, seria o acabado - permitem subdividir o aspecto perfectivo em três tipos:

- a) O perfectivo pontual que seria o perfectivo por excelência representado graficamente por um ponto;
- b) O perfectivo resultativo que indicaria o resultado conseqüente ao acabamento de uma ação;
- c) O perfectivo cessativo mediante o qual se depreenderia da ação expressa pelo verbo uma noção de negação que se reporta ao presente.

Azevedo Filho (1975, pp. 63-64) define o aspecto como sendo a duração do processo verbal ou o prisma sob o qual ele é apreciado. Para Luft (1976, p.131), o aspecto é expresso: i) em conjunto com o tempo: cantei/ canto/ cantara/ cantava (=acabado/não-acabado); ii) por locução verbal: estava cantando / tem cantado; iii) por sufixos: -ec(er) incoativo: enriquecer, -ej(ar), -it(ar) iterativos: voejar, saltitar; e iv) pelo próprio radical verbal com sua significação característica (andar, parar).

De acordo com Travaglia (1985, p.21), quanto ao estudo do verbo na língua portuguesa, pouca atenção tem-se dado à categoria de aspecto, talvez por nossas gramáticas tradicionais, com raras exceções, quase não tratarem desta categoria, o que criou uma lacuna na descrição do sistema verbal português. Por isso, considera-se válido expor aqui a síntese do que o mencionado autor encontrou em vários estudiosos da Língua Portuguesa sobre a categoria de aspecto. De acordo com o que ele afirma muitas vezes o que se tem é uma superposição à língua portuguesa de quadros aspectuais criados por estudiosos de outras línguas, e quase sempre não se define com clareza a categoria ou as noções enquadradas dentro dela, que, com freqüência, são simplesmente nomeadas.

Ainda Segundo Travaglia (1985, p. 27), pode-se observar, tomando por base vários estudos sobre a categoria em outras línguas, que a conceituação de aspecto tem variado, sendo quase sempre incapaz de abranger todas as noções arroladas como aspectuais e o quadro aspectual daí resultante. Entretanto, um exame mais cuidadoso revela alguns pontos mais ou menos comuns entre diferentes conceituações relatadas pelo autor, a saber:

- 1) Aspecto é “a maneira de ser da ação”;

- 2) Aspecto é a indicação da duração do processo, de sua estrutura temporal interna;
- 3) Aspecto é a indicação dos graus de desenvolvimento, de realização do processo, o modo de conceber o desenvolvimento do processo em si.
- 4) Aspecto envolve tempo;
- 5) Aspecto é definido como marcador de oposições entre certas noções ou de noções simples: término, início, resultado, etc.

Ademais, de acordo com o autor (1985, p.51), em primeiro lugar, é preciso ter em mente que o aspecto é uma categoria verbal ligada ao tempo, o qual tem três sentidos básicos:

- 1) Tempo 1 – categoria verbal (correspondente às épocas: passado, presente, futuro): tempo.
- 2) Tempo 2 - flexão temporal: os agrupamentos de flexões da conjugação verbal: presente do indicativo, pretérito imperfeito do indicativo, futuro do presente, futuro do pretérito - tempos flexionais.
- 3) Tempo 3 – a idéia geral e abstrata de tempo sem consideração de sua indicação pelo verbo ou qualquer outro elemento da frase: TEMPO (com letras maiúsculas).

Em suma, conforme Travaglia (1985, p.51), o aspecto é uma categoria verbal ligado ao “TEMPO”, pois antes de tudo ele indica o espaço temporal ocupado pela situação, e o termo situação, neste trabalho é um termo geral para processos, estados, fenômenos, eventos, fatos em seu desenvolvimento, marcando a sua duração, isto é, o tempo gasto pela situação em sua realização. A categoria tempo situa o momento de ocorrência da situação a que nos referimos em relação ao momento de fala como anterior (passado), simultâneo (presente) ou posterior (futuro) a esse mesmo momento. É uma categoria dêitica, uma vez que indica o momento da situação relativamente à situação de enunciação.

Travaglia (1985, p.54) ainda afirma que o aspecto é uma opção mais objetiva e concreta do que o tempo, pois se refere à situação em si. Entretanto, a apresentação de uma situação dentro de uma ou de outra noção aspectual

não é necessariamente objetiva, pois depende de como o falante pretende referir-se à duração e / ou às fases da situação, ou mesmo não se referir a elas. Além disso, a mesma situação pode ser vista de diferentes maneiras, não só de uma língua para outra, mas também dentro da mesma língua.

Para evitar que noções semânticas não aspectuais, presentes no verbo, sejam arroladas entre as noções verdadeiramente aspectuais, para Travaglia (1985, p.55), é suficiente verificar se a noção semântica em questão é uma noção temporal não dêitica que indica a duração da situação ou de uma de suas fases, pois, caso contrário, não será uma opção aspectual. Duas noções temporais que às vezes são apontadas como aspectuais, mas que na verdade são noções de tempo, são a iminência da ação e o passado recente.

Ainda segundo o autor, ao considerar o TEMPO envolvido na ocorrência de uma situação, é preciso lembrar que toda situação tem princípio, meio e fim; um antes de seu princípio em que ela ainda não começou ou está por começar e um depois de seu fim em que ela é acabada. Duração é a primeira noção semântica aspectual. Em oposição à duração temos a não-duração ou pontualidade que é o caso da situação cujo início e término ocorrem no mesmo instante ou separada por um TEMPO curto, de tal forma que a situação é concebida como pontual. A duração pode ser referida de diferentes maneiras, entre elas, limitada e ilimitada.

Por outro lado, como a duração ilimitada normalmente não apresenta muita significação para o espírito humano, há, nestes casos, uma tendência para reduzir ou anular a indicação de duração, e o verbo passa a ser sentido como se referindo à situação contínua (sem interrupção, no seu tempo de existência) ou descontínua (sofrendo interrupções na sua duração). A iteração tanto da situação pontual quanto da durativa cria uma série que pode ser representada como uma situação única.

Segundo Travaglia (1985, p.61), há, muitas vezes, um problema de análise que consiste na dificuldade de distinguir se temos, numa dada frase, o aspecto caracterizado pela duração contínua ilimitada ou o aspecto caracterizado pela duração descontínua ilimitada, já que os dois aparecem em frases que expressam verdades 'eternas' atemporais. As noções aspectuais também podem ser ligadas às suas fases de situação do ponto de vista de realização, a saber:

- a) A fase em que a situação ainda não começou (ex.: *Esta gaveta está por arrumar*)
- b) A fase em que a situação já começou (ex.: *Os rapazes continuam jogando apesar da chuva*)
- c) A fase em que a situação já terminou ou acabou há pouco (ex.: *Maria leu o livro*)

Afirma Travaglia (1985, p.63) que, a partir do momento em que a situação entra em realização, dizemos que ela está em desenvolvimento e aí temos suas fases do ponto de vista do desenvolvimento, a saber: início, meio e fim.

Uma noção não-aspectual, citada por Travaglia (1985, p.68), mas geralmente ligada ao aspecto é a questão da resultividade um ou permansividade, pois parece ter alguma relação com o *PrP*. Segundo o autor, essa é a indicação de um estado resultante de uma situação dinâmica que se concluiu. O nome permansividade é uma alusão ao fato de permanecer um estado em consequência do término de uma ação.

A resultividade dois, citada por Travaglia (1985, p.69), é a indicação de que a situação se conclui ao se atingir um ponto terminal. A resultividade dois depende deste aspecto e surge sempre ligada ao aspecto acabado.

Outra questão importante é o cessamento, explicado por Travaglia (1985, p.69) como algo que aparece quando se desprende da situação expressa pelo verbo uma noção de negação que se reporta ao presente. O cessamento é uma mistura de tempo e aspecto: é temporal, quando estabelece um contraste entre ontem (ou antes) e agora (momento da enunciação); é aspectual, quando indica que a situação é acabada.

Devemos também fazer referência ao experienciamento que indica que alguém já viveu ou passou por uma determinada situação, pelo menos uma vez. Liga-se ao aspecto o tipo que o autor chama de perfectivo, pois só aparece quando este aspecto está presente. O experienciamento na língua portuguesa é normalmente assinalado pelo verbo no pretérito perfeito do indicativo com o auxílio do advérbio “já” ou de locuções adverbiais do tipo “alguma vez”, “uma vez”, “certa vez”, embora nem sempre o experienciamento

seja marcado assim e nem sempre a presença destes elementos implique em experienciamento. De acordo com Travaglia (1985, p.71), no estudo do aspecto é importante a consideração de determinados tipos de situação, por três razões principais:

- a) Em primeiro lugar, porque a combinação de diferentes tipos de situação com uma mesma flexão temporal ou tipo de perífrase verbal, por exemplo, pode resultar na expressão de diferentes aspectos;
- b) Em segundo lugar, porque as propriedades semânticas inerentes (aspectuais ou não) dos diferentes tipos de situação interagem com as oposições aspectuais, proibindo certas combinações ou restringindo severamente os significados das combinações;
- c) Em terceiro lugar, a consideração de certos tipos de situação facilita a resolução de problemas de interpretação e determinação do aspecto presente em muitos casos problemáticos.

Para finalizar esse estudo sobre o aspecto na língua portuguesa, cito Cunha & Cintra (2001, p.382), segundo os quais aspecto designa uma categoria gramatical que manifesta o ponto de vista do qual o locutor considera a ação expressa pelo verbo. Pode ele considerá-la como concluída, isto é, observada no seu término, no seu resultado; ou pode considerá-la como não concluída, ou seja, observada na sua duração, na sua repetição.

Quanto ao estudo do aspecto na língua inglesa, devem-se levar em conta inicialmente as pesquisas de Vendler (1967, pp.97-121) que nos explica que o fato de os verbos terem tempos verbais indica que considerações envolvendo o conceito de tempo são relevantes para os seus usos. Tais considerações não estão limitadas meramente à óbvia discriminação entre passado, presente e futuro; existe outra dependência mais sutil sobre esse conceito: o uso de um verbo pode também sugerir uma maneira particular pela qual o verbo pressupõe e envolve a noção de tempo. Para melhor explicar essa relação, Vendler criou algumas categorias que explicam como se classifica o aspecto de situação.

Inicialmente, pode-se dizer que verbos da primeira categoria – como correr e puxar um carrinho - indicam atividades, e a segunda categoria - correr

uma milha e desenhar um círculo - representa verbos de execução (*accomplishment*). A terceira categoria - alcançar o topo - representa uma realização (*achievement*). A quarta categoria - amar, conhecer - representa um estado (*state*). Pode-se dizer que realizações ocorrem em um momento único, enquanto estados podem durar por um período de tempo.

Ainda segundo Vendler (1967, pp. 97-121), podem-se exemplificar essas categorias, com base nos seguintes exemplos: quando dizemos: *it took me an hour to write a letter*, que se refere a uma execução, pressupõe-se que “escrever uma carta durou uma hora”. O mesmo não ocorre com as realizações. Mesmo que alguém diga: *it took him three hours to reach the summit*, essa pessoa não está afirmando que o ato de alcançar o pico perdurou por três horas, embora tenha obviamente durado três horas para escalar e assim alcançar o pico, mas refere-se à realização total da situação.

No que se refere aos estados, a falta de tempos verbais contínuos (ex.: *I am loving, I am knowing*) é suficiente para distingui-los das atividades e realizações, e a determinação do tempo em perguntas, como *How long have you been loving I have been loving for such and such a period*, são suficientes para não confundi-los com as realizações. Vendler (1967, pp.97-121) afirma ainda que as atividades pedem períodos de tempo que não sejam únicos ou definidos; execuções, por outro lado, requerem a noção de períodos de tempo que sejam únicos e definidos.

Forsyth, 1970, apud Hopper (1979, pp. 213-241) observa que a escolha da forma verbal do perfectivo ou imperfectivo está condicionada não apenas pelas funções discursivas do primeiro e segundo planos (*foreground e background*), mas também pelo foco, isto é, pela marca de uma informação nova ou anterior na sentença. Tais aspectos da estrutura discursiva, tópico e foco, interagem com a saliência para determinar a escolha aspectual, mas atuam individualmente na escolha do tempo verbal. *Salience* está diretamente relacionada às duas noções que prevalecem na literatura: relevância e ocorrência ou inclusão de tempo. Para exemplificar o que se vem expondo, consideremos as orações citadas por Leech (1971, p.33):

(1) **Have** you **visited** the Gaugin exhibition? (i.e. while it has been on) Did you visit the Gaugin exhibition?

(2) *The dustman **hasn't called** at your house. (i.e. today)*
The dustman didn't call at your house.

Segundo Leech (1971, p.33), o primeiro exemplo nos leva a inferir que a exibição do Gaugin ainda continua ao passo que ao usar o *simple past* torna-se clara que ela não mais está em exibição. No segundo exemplo, algo é definido e pressupõe um período de tempo especial, provavelmente um dia. Não significa que o lixeiro não tenha passado por lá pelo menos uma vez no passado, entretanto, que o lixeiro não tenha passado durante certo período no qual sua visita regular é esperada.

Haugen (1972, p.135) observa que, na escolha do passado ou *PrP*, um evento objetivo que esteja ocorrendo em uma certa esfera de tempo não é tão importante quanto a visão do evento na mente do falante e o ponto de vista que ele adota em referência a esse evento.

Pelo exposto, pode-se observar que existe até na área acadêmica uma dúvida sobre o que é tempo verbal e o que é aspecto. Portanto, faz-se necessário nesse ponto do trabalho apontar tais questões, tendo por base as idéias de Comrie (1976) sobre tempo verbal e aspecto, visto que, segundo o autor, existe uma confusão conceitual entre eles.

Ou seja, para Comrie, o conceito de tempo verbal relaciona o tempo de uma situação referida a outro tempo, usualmente referindo-se ao momento de fala. Como uma definição mais geral de aspecto, podemos dizer que os aspectos são as diferentes maneiras de ver a constituição temporal interna de uma situação. Entretanto, embora ambos, aspecto e tempo verbal, estejam relacionados ao tempo, eles o fazem de formas diferentes. De acordo com Comrie (1976), o tempo verbal é uma categoria dêitica, isto é, localiza as situações no tempo, geralmente com referência ao tempo de fala e ocupa-se com a constituição interna temporal de uma situação.

O autor usa a palavra situação como um termo geral, quer dizer, a situação pode ser um estado, um evento ou um processo. Como forma de distinguirmos pode-se dizer que os estados são estáticos, enquanto eventos, e processos são dinâmicos; os eventos são situações dinâmicas vistas como um todo, ao passo que os processos são situações ainda em progresso.

Tendo em vista o embasamento teórico da língua portuguesa apresentado por Travaglia (1985), pode-se relacioná-lo com o aspecto na língua inglesa. Como explica Comrie (1976, p.46), quando combinados com os aspectos da oposição do tipo perfectivo / imperfectivo, as possibilidades semânticas dos verbos télicos, ou seja, verbos que têm um final inerente, como os de execução (*achievement*) / realização (*accomplishment*) (Michaelis, 1998 p.XVII), são consideravelmente restritas de modo que certas deduções lógicas podem ser feitas do aspecto de uma frase que se refere a uma situação télica, porém não podem ser feitas do aspecto de uma frase que se refere a uma situação atélica. Assim, por exemplo, o perfectivo de uma situação télica supõe que um ponto terminal da situação foi alcançado. Na frase citada por Travaglia (1985, p.75), João *leu* o livro, dá a entender que todo o livro foi lido e que a leitura foi concluída, enquanto que na oração Pedro *amou* Maria, em que temos o perfectivo de um verbo atélico, verbo que não tem um final inerente, como os de estados e de atividades (Michaelis, 1998, p. XI), não existe implicação de que algum ponto terminal tenha sido alcançado.

É importante ter em mente que, segundo Smith (1983), as propriedades semânticas pertencem às expressões lingüísticas e não ao evento do mundo real em si mesmo. Portanto, um evento como *John's running a marathon* pode ser entendido como *John ran*, *John ran 26 miles*, ou *John ran the Boston marathon*. As expressões lingüísticas têm diferentes propriedades, embora os fatos reais sobre a corrida de John se tivessem mantido inalterados. Da mesma forma que o evento se mantém constante e independente da forma como o falante a expressa, o aspecto lexical de um predicado como *JOHN RUN* fica inalterado, independente do aspecto utilizado. Seja o verbo representado por quaisquer das formas anteriormente apresentadas, "run" carrega o tempo. No vocabulário da semântica temporal, esse verbo tem duração.

De acordo com os estudos de Fleischman (1983, pp.183-214), o *PrP* é usado para uma situação ou evento que começou no passado, mas continua, incluindo uma situação cujo período de referência satisfaz este critério (ex.: *today, in the past ten years*) ou uma situação completa, mas ainda considerada relevante no momento presente. Esses dois tipos de situações correspondem ao que chamamos de presente estendido, mas o segundo está diretamente relacionado à teoria da relevância atual. A relevância atual é extremamente

subjetiva, segundo a observação de Fleischman (1983:191). Embora a localização temporal de um evento possa estar fixada em relação ao tempo de referência (e por último ao tempo de fala), o falante pode escolher alguns dispositivos (tempo verbal, aspecto, modais, advérbios de tempo) para representar o evento de várias formas, por exemplo, em uma relação lógica ou casual com algum outro evento ou situação. Isto é subjetivo e não necessariamente compartilhado com os outros falantes. A autora relaciona a subjetividade de uma relevância atual com o aspecto e, especificamente, com o que Anderson (1973) e Comrie (1976) denominaram de aspecto prospectivo e retrospectivo, que são maneiras de se ver o evento, no qual uma conexão não necessariamente cronológica é estabelecida entre o evento e o ponto de referência e, no caso da relevância do presente, entre o evento e o agora.

Segundo van Stutterhein (1991), embora o tempo possa ter um conceito universal, no discurso, as noções relacionadas ao tempo podem ser comunicadas por meio de propriedades lingüísticas referenciais de caráter lexical, gramatical, organizacional ou implícita, tais como a relação entre tempo e o evento, e o tempo presente e as seqüências cronológicas em narrativas e descrições.

Esse tipo de aspecto (aspecto de ponto de vista), sob a ótica de Smith (1991), pode ser comparado às lentes de uma câmera focalizadas em uma situação. As lentes determinam a apresentação de uma situação da mesma forma que o aspecto gramatical manifesta-se por intermédio da língua

Binnick (1991, p.456) afirma que o tempo verbal está tão entrelaçado com o aspecto que nenhuma consideração sobre o tempo verbal per se pode esperar um julgamento adequado dos usos das formas dos tempos verbais.

No caso específico da língua inglesa, uma importante contribuição à conceituação de aspecto está baseada na teoria do aspecto lexical ou inerente. Segundo Binnick (1991), o aspecto inerente é uma categoria puramente lexical e não gramatical: os aspectos lexicais referem-se à composição temporal inerente dos verbos e predicados.

Ainda de acordo com o autor acima mencionado, pode-se concluir que, entre crianças antes da idade de seis anos, a distinção aspectual entre eventos perfeito e o imperfeito parece ser de maior importância do que a relação temporal entre ação e o momento de enunciação, fala. Em italiano e em inglês,

a criança é capaz de fazer referência e codificar os eventos do passado. De forma resumida, as crianças aprendem a forma aspectual antes do tempo verbal.

Binnick (1991, p.458) esclarece ainda que aspecto é uma classificação de situações e expressões em termos de tipos de estruturas de fase (*phasic type structures*); o *Aktionsart* constitui a classificação de expressões para subsituações, fases e subfases das situações. O aspecto tem a ver com a relação entre um evento E com o enquadre de referência R; o complexo aspecto perfectivo tem E dentro de R e o *PrP* tem o E precedendo R.

Se analisarmos por outra perspectiva o que foi apresentado até o momento, as definições de tempo verbal e aspecto baseadas apenas no significado acabam por falhar na tentativa de explicar as muitas maneiras de como os tempos verbais e os aspectos ocorrem e são usados, porque, segundo Binnick (1991, p. 377), no caso do contraste entre o passado e o *PrP*, por exemplo, existe uma teoria considerável no que diz respeito às principais diferenças entre os dois, segundo a qual o *PrP* representa algo correntemente relevante, ao passo que o pretérito ou imperfeito se separa da situação por não ter relevância no momento. De acordo com o autor, é por causa dessa diferença que muitos autores atribuem uma importante distinção no uso destas duas formas em muitas línguas. É verdade que o pretérito é muito mais provável ser o tempo verbal de uma narrativa do que o *PrP*, mas tanto no francês como em algumas variantes do alemão, o *PrP* tem sido trocado pelo *simple past* como a forma regular de passado nas narrativas. No inglês americano, o *simple past* e até mesmo o *past progressive* são comumente usados quando no inglês britânico se usaria o *perfect*.

Em complemento à categoria gramatical de tempo verbal, dois conceitos lingüísticos são centrais à investigação do aspecto: o aspecto gramatical e o aspecto lexical. O aspecto gramatical é realizado morfologicamente enquanto o aspecto lexical ou inerente é parte da semântica inerente do predicado. Também conhecido como aspecto de ponto de vista, o aspecto gramatical propõe diferentes maneiras de se verem as situações. Aspecto lexical, também definido como aspecto inerente, refere-se às propriedades semânticas inerentes da expressão lingüística usada para se referir a uma situação. Segundo Binnick (1991, pp.380-381), as escolhas de um tempo verbal e

aspecto são, pelo menos em parte, contextualmente determinadas e afetadas por fatores pragmáticos, como as pressuposições do falante.

Para um maior detalhamento do sistema aspectual na língua inglesa e com a finalidade de situar a construção do *PrP* dentro desse sistema, faz-se necessário analisar a estrutura desse sistema. Segundo Michaelis (1998, p.58), esse sistema compreende três componentes funcionalmente ou conceitualmente definidos: o aspecto de ponto de vista, o aspecto de situação (*aktionstart*) e o aspecto de fase.

Conforme a definição de Michaelis (1998, p.XVII), aspecto de ponto de vista refere-se ao subsistema aspectual que compreende meios gramaticais de denotar a definição operacional de uma situação como sendo um evento ou um estado por parte do produtor. As categorias gramaticais, ou tipos de aspecto, perfectivo e imperfectivo, codificam distinções de ponto de vista. Ainda segundo Michaelis (1998, p.59), a seleção do termo, aspecto de ponto de vista, reflete o fato de os construtos aspectuais nessa categoria expressarem a localização subjetiva do produtor em relação à situação da qual ele está falando.

Outro tipo de aspecto, de acordo com o autor, é o aspecto de fase que representa um conjunto de distinções aspectuais envolvendo relações entre uma situação de referência e uma situação denotada. Em inglês, distinções de fase são expressas por construções com verbos auxiliares, entre elas o *PrP*, cujos verbos principais expressam a classe aspectual denotada.

No caso dos diferentes usos do imperfectivo e perfectivo, uma útil distinção foi feita por Hopper (1979, p.213) entre as partes da narrativa que pertencem à estrutura '*esquelética*' do discurso, a qual ele chama de *foreground* (*primeiro plano*) e do material de apoio que não narra os eventos principais, que ele chama de *background* (*segundo plano*). O perfectivo e o imperfectivo estão respectivamente associados aos conceitos de *foreground* e *background*, particularmente na narração, na qual o perfectivo forma a linha de história (*story line*), e o imperfectivo contribui com informações extras e de suporte de segundo plano, a saber, descrição, caracterização e comentário. Não há dúvida de que as escolhas de tempo verbal e aspecto funcionam como *foreground* e *background*. Ao usar o tempo passado para se referir ao presente

tem-se o efeito de que a certeza, o imediatismo ou realidade da asserção não é tão importante, ou seja, está em segundo plano (*background*).

A propósito, Bardovi-Harlig (2000,p.205) ressalta que o aspecto gramatical ou de ponto de vista nos mostra diferentes maneiras de ver as situações. Explica ainda que o aspecto lexical, também conhecido como aspecto inerente, se refere às propriedades semânticas inerentes da expressão lingüística usadas para se referirem a uma situação:

Only some studies that derive their data from narratives have fully recognized the role of discourse in L2 tense-aspect use. In order to move the investigation of interlanguage temporality ahead, it is time to take explicit account of the role text type in L2 tense-aspect distribution. The pursuit of understanding the relation of tense-aspect distribution to discourse structure - in conjunction with other analyses - is an important avenue of research whose value has only been touched on in narrative analysis. Future work must recognize that every analysis of interlanguage use is, or should be, simultaneously an analysis of discourse structure. (2000, p.336)

Outro tipo de aspecto, conhecido como *Aktionsart* (do alemão: tipo de ação), segundo Fonseca (2001, p.39), consiste em uma propriedade semântica dependente do significado do verbo, juntamente com a sua combinação com argumentos e sintagmas adverbiais.

Podemos observar, dessa forma, que os dois lados do debate sobre o *PrP* estavam corretos. O *PrP* requer um período de referência, o qual é ou inclui o presente, mas não apenas porque é relevante no momento. Certamente porque ele é de tal sorte relevante no momento que uma ação completa no passado, como *Shakespeare has written some awful plays*, torna-se possível. Dessa forma, o *PrP* freqüentemente transmite envolvimento pessoal em contraste com o passado mais objetivo. Mas sendo assim, quais situações requerem o uso do ponto de referência presente, e por isso, o tempo verbal *PrP*? Essas seriam aquelas cujo evento passado ou um evento com um componente de passado, não estivessem restritas à situação de fala.

3. O PRESENT PERFECT

Com o intuito de situar os estudos feitos até o momento e embasar teoricamente o processo de análise dos dados desta pesquisa,

apresentaremos as diversas visões de vários autores sobre os motivos pelos quais ainda existe ampla complexidade e muitas discussões a respeito do *PrP*.

O primeiro autor a quem vamos recorrer para fundamentar esta pesquisa é McCawley (1971, pp. 97-113), um dos primeiros pesquisadores do *PrP* e segundo o qual o seu uso em diferentes línguas, deve-se como já mencionado e, principalmente, ao fato de que, embora o evento seja passado, ele tem relevância no presente razão por que somente no tempo presente ele é conhecido, realizado ou apreciado. Ainda segundo o autor, a função mais significativa do *PrP* é a de distinguir enunciados de evidência, inferenciais e de relato. Quando uma língua contrasta o *PrP* com o tempo verbal passado, se o último tiver uma função de evidência, o *PrP* será, provavelmente, inferencial ou de relato.

Outro fato digno de menção questionado por Kamp (1979, p.381) é que certos fenômenos temporais podem ser entendidos apenas em termos de como os participantes do discurso, isto é, o falante e o ouvinte na conversação, processam a informação que o discurso proporciona. Com base nessa discussão é que se apresenta a seguir um estudo detalhado sobre como o *PrP* se realiza no inglês, tendo em vista que ele representa uma complexa categoria de descrição lingüística com características de tempo verbal e aspecto.

De acordo com os estudos de Inoue (1979, pp. 561-589), as pesquisas têm visto o *PrP* de forma estática e sob o ponto de vista sincrônico, isolando a semântica do *PrP* do seu contexto discursivo.

Já sob a ótica de Dowty (1979), o que realmente diferencia o *PrP* do *past simple* é algo mais concreto que a noção de relevância presente, algo que tem sido ignorado nas análises formais conhecidas pelo autor. Ele reafirma que a diferença está nos advérbios que podem acompanhar os tempos verbais e termina mostrando que esta explicação esclarece a ambigüidade da maioria das sentenças, mas não todas. Ele apresenta o seguinte exemplo:

(3) *John has lived in Boston for four years.*

Para ele, essa sentença significa, fora de um contexto, que John ainda mora em Boston. Porém, poderia ser diferente, ou seja, apresentar John como

um ex-habitante de Boston a alguém que quisesse conhecer mais sobre a cidade. Outro exemplo que o mesmo autor fornece é:

(4) *John **has slept** for one hour now.*

Dowty (1979) explica que, sem a informação fornecida pelo contexto, o significado mais natural para se entender esta sentença é a de que o intervalo de uma hora, durante o qual John dormiu, começou faz uma hora e terminou no momento da enunciação da frase, isto é, no momento presente. Contudo, alerta Dowty (1979), este não é o único significado, mas podemos inferir também que essa uma hora de sono pode estar em algum momento no passado. Ou ainda, poderia ter sentido de reiteração, se, por motivo de alguma experiência ligada ao sono, John tivesse que dormir em intervalos de uma hora.

Para Li, Thompson & Thompson (1982, p.25), o *PrP* faz referência ao “estado de... ter ido fazer compras” em vez de “envolver uma ação” (ênfase no original). Na língua portuguesa, entretanto, a escolha do tempo verbal reflete principalmente uma questão de tempo.

Dahl (1984, p.129) resume essa dificuldade, ao afirmar que a falta de consenso em relação ao status do *PrP* não se deve à falta de interesse por parte dos lingüistas, mas à sua natureza evasiva.

Comrie (1985, p.32) menciona o exemplo a seguir para demonstrar que o *PrP* é incompatível com advérbios que especifiquem o tempo de uma ação passada, embora, como abordaremos adiante, isso já ocorra como uso na língua inglesa em determinados contextos no discurso jornalístico:

(5) *I **have seen** Fred this morning.*

De acordo com o autor (1985, p.33), o exemplo apresentado será agramatical, ou seja, estará em desacordo com as gramáticas normativas, se a frase for produzida à tarde, mas será gramatical se enunciada ainda pela manhã. Se voltarmos a pesquisas anteriormente citadas, verificaremos que para Leech (1971, p. 41) o que prevalece nesse caso não é o marcador, mas a

relação que o marcador estabelece com o momento de enunciação e o momento da ação no passado.

No entanto, Comrie (1985, p. 34) alerta para o fato de que construções que incluem o momento presente, mas não uma ação passada que tenha relevância presente, são geralmente mais forçadas e requerem itens lexicais específicos ou características do contexto que forcem a esta interpretação. O uso de *now*, no exemplo de Comrie (1985), mencionado a seguir, mostra o advérbio incluindo apenas o momento presente:

(6) I **have** now **collected** ten signatures.

Também para Schwenter (1994) o tempo verbal *PrP* tem sido uma das mais complexas categorias para a descrição:

The tense/aspect category known as perfect has consistently been one of the most perplexing for linguistic description. Investigations of perfects have experienced great difficulty describing this category because of the wide range of distinct functions that perfects can have in any one language, and more importantly, because perfects crosslinguistically display broad variation with regard to these functional ranges. Schwenter (1994, p.995)

É por causa dessas dificuldades de descrição lingüística que o ponto principal deste trabalho consiste em descrever as funções do *PrP* em seus vários contextos de uso no discurso jornalístico na mídia digital como forma de evitar essa classificação estática e não diacrônica.

Por isso, segundo Schwenter (1994, p.996), uma abordagem diferente para o estudo do *PrP* leva em consideração uma perspectiva diacrônica sobre os significados expressos pelas formas do *PrP*. Sob essa perspectiva, esses significados são considerados desenvolvimentos ao longo dos passos da gramaticalização – processo pelo qual, segundo estudos anteriores de Hopper & Traugott (1993, p.XV), construções e itens lexicais aparecem em certos contextos lingüísticos para servirem funções gramaticais e, uma vez gramaticalizados, passam a desenvolver novas funções gramaticais.

Alguns pesquisadores em estudos anteriores, a exemplo de Fabricius-Hansen (1998), ainda ressaltam que a função dos tempos *perfect* em inglês é a de se tornar em estado uma ação passada.

É interessante observar o que nos explica El-Dash (2002, p. 63), qual seja, que ao falar ou escrever alguma coisa em uma língua, qualquer que seja essa língua, dispõe-se de uma larga gama de opções de como dizê-la. A forma final escolhida depende de aspectos semânticos e pragmáticos, como o que se costuma explicitar na língua, a maneira com que as pessoas costumam formular as suas idéias em situações específicas e o tipo de ênfase desejada. Opções semelhantes também são relevantes na escolha dos tempos verbais. Ao traduzir de uma língua para outra podem surgir dificuldades. No caso da tradução da língua portuguesa para a língua inglesa, por exemplo, os tempos verbais apresentam problemas especiais, uma vez que a semântica verbal subjacente nas duas línguas é bastante diferente.

Segundo a autora, esse é o grande problema semântico do *PrP*: embora a maioria dos brasileiros esteja ciente de que existe um problema, muitos não conseguem superá-lo pela dificuldade em distinguir quando usar o *PrP* e quando usar o *simple past*. Os produtores acabam se apoiando em artifícios nem sempre funcionais tal como dizer que se usa o *PrP* quando aparecem certos advérbios ou que se usa o *simple past* quando a expressão de tempo é explícita. Poucos percebem que o problema subjacente é uma lacuna semântica entre as duas línguas, isto é, uma maneira diferente de se entender e expressar a temporalidade nessas duas línguas.

De acordo com El-Dash (2002, p.64) apud Comrie (1976), um dos componentes da semântica verbal denominado aspecto perfectivo faz parte integral do sistema dos tempos verbais em inglês. A língua inglesa, por exemplo, distingue obrigatoriamente entre ações *passadas* vistas como ações expressas através do *simple past tense* e estados presentes que refletem a relevância de tais ações passadas (expressas pelo *PrP*).

Isso não significa, acrescenta a autora, que a língua portuguesa não incorpore aspecto na semântica dos tempos verbais, mas a sua extensão é bem mais restrita. Às vezes, então, em sala de aula de língua inglesa, explica-se a existência da lacuna semântico/verbal interlingual do aspecto *perfect* a partir dos problemas que envolvem o tempo *imperfecto* para falantes de língua inglesa que aprendem a língua portuguesa. Note-se que, na língua portuguesa, distinguem-se obrigatoriamente eventos passados de aspecto *perfeito* daqueles de aspecto *imperfecto*.

Segundo a referida autora, esse conjunto de oposições básicas do português pode ser classificado como sendo *perfectivity* e *imperfectivity*, definindo-se a primeira como falta de referência explícita à consistência temporal interna da situação, e a última envolvendo referência à estrutura temporal interna da situação, como se fosse olhar uma situação de dentro. Em português, o que importa é essa macro divisão entre esses dois aspectos verbais.

Ainda de acordo com El-Dash (2002, p.66), já que as duas línguas expressam obrigatoriamente aspectos diferentes (*perfect* e *progressive* no inglês; *perfeito/imperfeito* no português), surgem freqüentemente situações em que a informação essencial para a escolha do tempo verbal adequado da língua alvo não constitui um traço semântico do verbo na língua fonte e terá que ser recuperado do contexto: às vezes, pelos advérbios e outros itens lexicais; outras vezes, pelas interpretações da situação em geral.

Para El-Dash (2002, p.69), o autor de um texto, ao fazer a sua escolha envolvendo o léxico e os tempos verbais, tem sempre em mente um contexto, o qual nem sempre é explicitado totalmente, porém, freqüentemente, depende de “elementos subentendidos” que o autor espera que o leitor use para interpretar e construir um contexto mais elaborado. Mesmo compreendendo a semântica dos tempos verbais, o produtor ainda precisa prestar atenção ao contexto e à relação entre os eventos para conseguir fazer as escolhas pragmáticas mais adequadas.

Vale a pena, para dar prosseguimento ao que vem sendo exposto, encetar uma discussão sobre o *PrP* sob o ponto de vista de alguns pesquisadores a fim de termos uma visão histórica mais ampla desse objeto de estudo. Comrie (1985) resume que os usos mais naturais do *PrP* são, em realidade, aqueles em que o tempo de referência da sentença incorpora tanto o momento presente (enunciação) quanto o tempo da ação passada, resultando uma sentença que tem relevância presente contínua. Segundo o autor, o *PrP* tem como diferencial do *past simple* o componente semântico da relevância no presente, nomeado neste trabalho de relevância atual. Da mesma forma, este tempo é incompatível com advérbios de tempo que façam referência a um momento ou a um período de tempo no passado. Contudo, falantes da língua inglesa admitem a sentença a seguir, mesmo quando proferida à tarde,

segundo Comrie, pois esse tipo de exemplo evoca um possível distanciamento entre a norma gramatical e o uso:

(7) *I **have been** to the dentist this morning.*

Segundo Cox (2005, p.13), o *PrP* tem demonstrado ser um dos mais problemáticos fenômenos para os lingüistas e fruto de várias tentativas para explicá-lo de forma sistemática e coerente.

Para Stoevsky (2005), o *PrP* funciona como um conduíte entre experiências em dois pontos de tempo.

Em suas pesquisas, Nishiyama & Koenig (2005, p.1) afirmam que a escolha das formas gramaticais do *PrP*, em particular a escolha do *PrP* ao invés do *simple past*, pode ter o papel de inferir relações discursivas e construir a coerência do texto.

De acordo com van Lambalgen & Hamm (2005, p.151), em certo sentido, o *PrP* posiciona-se de forma um tanto quanto desconfortável, entre os conceitos de tempo verbal e aspecto, pois o *PrP* não só está preocupado com a localização gramaticalizada no tempo, visto que a principal função do *PrP* é a de acentuar a relevância atual de algum evento ou situação atual, mas também com o aspecto no sentido da constituição interna temporal de um evento. Pode-se inferir que todos os significados do *PrP* nos levam à formulação de uma série de características, apresentadas em forma de categorias ou funções lingüísticas do *PrP*, por considerá-lo como parte do discurso.

Conforme expõem os autores Nishiyama & Koenig (2006, p.1), vários estudos recentes do *PrP* têm discutido que sua interpretação requer que o destinatário faça algumas inferências pragmáticas. Para os autores (2006, p.11), cada um dos tipos de *PrP* serve a uma função diferente e, como afirma Molsing (2006, p.249), a diferença que existe entre o *PrP* e outros tempos verbais é explicada pela sua divergência pragmática. Um estudo das suas várias funções no discurso será apresentado a seguir.

3.1 AS FUNÇÕES DO PRESENT PERFECT

Inicia-se a visão histórica sobre as várias pesquisas acerca das funções discursivas do *PrP*, tomando como base os estudos de Hopper & Thompson

(1980, pp.251-299), que relacionaram os fatos gramaticais a fenômenos discursivo-comunicativos e demonstraram uma postura definitivamente funcionalista que se opõe à da gramática formal. Se esta última concebe a gramática como um conjunto de regras que são separáveis do discurso e que precedem o discurso, para os funcionalistas, segundo Neves (1993), a gramática é um conjunto vagamente definido e sedimentado de elementos que estão continuamente renegociando-se na fala. É provisória, incompleta e emerge do discurso.

Portanto, são várias as leituras realizadas a respeito do tema abordado, porém as funções do *PrP*, neste trabalho, serão classificadas com base nas pesquisas de Schwenter (1994), Michaelis (1998), Engel & Ritz (2003, 2005) e Nishyama & Koenig (2005, 2006) que apresentam respectivamente maior relevância e identificação com os propósitos desta pesquisa, visto que analisam de forma intensiva as funções do *PrP* no discurso.

Discutiremos, então, as seguintes funções: 1. Resultativa ou Continuativa, 2. Experiencial, 3. Epistêmica (subdividida em Uso Evidencial e Negociação de Tópico), 4. Pressuposição de Evidência (tradução minha para *Commonsense Entailment*) e 5. Relevância atual (compreendendo o *Hot News Perfect* e esse subdividido em *hot news* de narrativa vívida).

3.1.1 *PrP*: Resultativa ou Continuativa

De acordo com Schwenter (1994, p.998), a função resultativa designa um estado que foi trazido para o presente por uma ação no passado:

(8) *Joe has left.* (isto é, he's not here)

Nesta oração, o uso do *PrP* fornece a implicatura de que Joe já foi. Segundo o autor (1994, p.998), esse tipo de *PrP* ocorre comumente com verbos télicos que descrevem uma mudança de estado e implicam um resultado a partir dessa mudança. Ainda segundo ele, o *PrP* continuativo, uma outra característica dessa função, descreve uma situação que começa em algum instante no passado mas continua até o presente momento. Nesse caso, o estado ou série de eventos descritos pelo falante se apresenta como se ocorresse durante um período de tempo que inclui o momento presente, como

podemos observar nos exemplos(9/10) de Schwenter (1994, p.999), nesse caso, realizado pelo uso do *PrP continuous*:

(9) *I've been waiting for you for an hour.*

Continuativos são, portanto, acompanhados por advérbios de tempo que delimitam o enquadre temporal chamado de *até esse minuto*. Em inglês, o continuativo é normalmente marcado pelo *PrP continuous*, embora com menos frequência possa também ocorrer com o *PrP* não contínuo como no exemplo:

(10) *I have lived in Califórnia since September.*

Neste trabalho, entretanto, essas duas categorias pertencem a uma só função de acordo com as pesquisas de Nishyama & Koenig (2005, p.5). Segundo esses autores, ambas se referem a estados que ainda persistem no presente. Vejamos os exemplos citados por eles a partir dos dados coletados pelos autores:

(11)... *he has been a member of her household ever since.* (Cather, 1994)

(12) *Yeltsin's health has become a major issue in the closing of Russia's presidential race.* (Graff, 1995-1997)

No exemplo (11), os leitores podem inferir que a descrição básica do evento, isto é, o estado de ele ser um membro da família ainda persiste no presente. A forma gramatical implica na inferência da persistência. No exemplo (12), a ocorrência do evento da saúde de Yeltsin acarreta o estado resultativo. Os leitores podem, dessa forma, deduzir que esse estado persiste até o presente, o que os autores chamam de *entailment* e *inference of persistence* ou vínculo e persistência da inferência (tradução minha).

3.1.2 PrP: Experiencial

Para explicar essa função, vejamos o exemplo que nos fornece Schwenter (1994, p.999):

(13) *Maria has lived in Bangkok.*

Nesse exemplo, algum tipo de conhecimento de Bangkok pode ser atribuído a Maria como resultado do fato de ela ter morado nessa cidade.

3.1.3 *PrP*: Epistêmica

Algumas sentenças no *PrP*, de acordo com Nishiyama & Koenig (2005, p.5), fazem uso de verbos epistêmicos que refletem as expectativas do produtor e receptor sobre cada um de seus atos de fala. A função epistêmica pode ser subdividida em dois subtipos: uso evidencial e negociação de tópico.

O primeiro é utilizado por Nishiyama & Koenig (2005, p.5), como no exemplo (14), para comunicar que o complemento dos verbos performativos ou epistêmicos, como: *say*, *promise* ou *see*, estão mantidos no presente ou têm a possibilidade de acontecerem no futuro, isto é, algo é verdadeiro ou tem a possibilidade de ocorrer no futuro pelas condições de sinceridade do ato de fala (Searle, 1969):

(14) *Britain's opposition Labor Party has also promised a ban on all tobacco advertising if it wins the election due to be held by May next year.* (Graff, 1995-1997)

Pelo exemplo se percebe, segundo os autores, que existe a possibilidade de haver uma proibição em toda a propaganda de tabaco e cigarros em geral, se o partido trabalhista ganhar a eleição.

Faz-se necessário, ao dar continuidade a este item, enfatizar a relação do *PrP* com a idéia de futuro, a qual já tem sido visualizada na literatura já faz algum tempo, a exemplo de McCawley (1971, pp.96-113) que notou que o *PrP* em inglês transmite certo sentido de possibilidade atual. Alguém utiliza a sentença (15a) ao invés de (15b) se presumir que ainda é possível para o receptor ir à exibição:

(15a) **Have you been** to the Monet exhibit?
(15b) *Did you go* to the Monet exhibit?

Essa pressuposição, segundo Inoue (1979, pp.561-589), tem se caracterizado como se o evento descrito tivesse a possibilidade de acontecer ou ser repetido no futuro. Seguindo essa linha de raciocínio, pode-se pensar que o uso do *PrP* é correto apenas em um contexto no qual o falante pode assumir que o ouvinte considera possível que um evento, do tipo indicado pela

sentença com o *PrP*, possa ocorrer em algum momento, também no futuro.

Isso é o que Katz (2003, p.6) chama de modalidade do *PrP*, que pode ser observado por meio dos exemplos do próprio autor, quando ele se refere a alguém que ao estar em viagem pela Europa pudesse proferir (16a), mas quando já estivesse de volta, ou retornando ao seu país, pudesse usar (16b):

(16a) *We **have been** to Paris and Rome.*

(16b) *We went to Paris and Rome.*

O exemplo (16a) parece pressupor que nós ainda poderíamos viajar novamente por esses lugares e (16b) que nós já terminamos a viagem. Usar (16b) não descarta uma viagem futura, tampouco sugere que em (16a), nós retornaremos a cada uma das cidades visitadas. O senso de relevância da possibilidade futura não é, segundo Katz (2003, p.6), a possibilidade absoluta ou a probabilidade futura, mas algo especificado contextualmente, como podemos verificar nos exemplos sugeridos pelo autor.

A pressuposição da possibilidade futura está proximamente relacionada aos chamados efeitos da vida, assim discutidos por Musan (1997), no qual o status (vivo ou morto) do indivíduo indicado pelo sujeito de uma sentença faz o papel de determinar qual tempo verbal é mais adequado à sentença.

Isto é confirmado por van Lambalgen & Hamm (2005, p. 30), que afirmam que o *PrP* é um tempo verbal ou aspecto orientado para o futuro por excelência, porque o tempo de referência (no sentido de Reichenbach) sempre se encontra no futuro do tempo do evento, como no exemplo, *I have seen John*, em que o tempo de referência ocorre depois do evento em si. Sendo assim, segundo os autores, o *PrP* mostra uma evidência da orientação cognitiva humana em direção ao futuro. Dessa forma, se existe e se posso confirmar esse tipo de ênfase por parte do *PrP*, apenas a análise dos dados poderá nos auxiliar no decorrer desta pesquisa.

Se retomarmos o segundo subtipo da função epistêmica, a Negociação de Tópico, poderemos notar pelos exemplos de Nishiyama & Koenig (2005, p.6) que os falantes freqüentemente fazem uso do *PrP* com verbos epistêmicos no início de uma conversa, para perguntar sobre o estado do receptor e para estabelecer um tópico:

(17) **Have you done** a lot of camping recently?

(18) **Have you seen** *Dancing with the Wolves*?

Nos exemplos (17) e (18), o falante está tentando estabelecer um tópico, isto é, acampar ou assistir a um determinado filme, servindo-se de perguntas sobre a experiência de camping do receptor e não se ele deva ter visto algum filme em particular. Em (17), a implicatura é: eu quero falar sobre acampamentos com você, enquanto em (18), o que se infere é uma vontade de se conversar sobre filmes.

Nesse sentido, segundo Nishiyama & Koenig (2005, p.6), o produtor confia nessa regra implícita, ou seja, saber se o receptor conhece ou não sobre algum tópico e, portanto, pode conversar sobre isso. Ao perguntar ao receptor, está constatando se uma pré-condição epistêmica para se ter a conversa sobre o tópico escolhido é satisfatória. Isso é feito ao se perguntar sobre o nível de experiência e conhecimento do tópico a respeito do qual o produtor quer conversar.

3.1.4 PrP: Pressuposição de Evidência

Segundo Nishiyama & Koenig (2006, p.8), produtores usam o *PrP* para indicar que a ocorrência de um evento provém da evidência ou de uma explicação para a verdade de uma asserção já feita ou que será feita. Entre os exemplos coletados pelos autores citados, podemos perceber essa situação:

(19) *Iraq still keeps U.S. forces busy, too. U.S. Air Force fighter jets **have flown** an average of 1,500 missions a month over southern Iraq since 1992. (Wall Street Journal - 7/10/1996)*

Neste exemplo, para os autores, o *PrP* tem um papel crítico de facilitar a inferência de uma relação de resultado. Inferir o estado *perfect* é, portanto, um pré-requisito para se estabelecer a relação discursiva relevante. Além disso, a necessidade de se inferir uma categoria para o estado *perfect* causa inferência de tal sorte que uma forma do *past simple* não a provocaria. O *PrP* causa a possibilidade de recuperação e localização de uma regra de bom senso que pode constituir uma premissa necessária para se estabelecer uma relação discursiva de evidência entre a sentença que contém o *PrP* e a sentença que contém a descrição do estado.

3.1.5 PrP: Relevância Atual

O *PrP* como expoente da relevância atual, sob a ótica de Langacker (1991, p. 211), pode ser observado pelo contraste entre o *PrP* e o *simple past*. Por exemplo, *I have broken my leg* é diferente de *I broke my leg*. A primeira sugere que ainda estou incapacitado, ao passo que a última pode estar se referindo a um problema de infância que já foi recuperado. O uso do *PrP* transmite a informação de que o evento não está simplesmente terminado, mas continua a ter alguma relevância atual e, nesse caso, os resultados se mantêm atuantes.

Neste trabalho, a relevância atual será subdividida em outras funções: o *hot-news perfect*, analisado inicialmente por McCawley (1971), Anderson (1982), Brinton (1988) e Schwenter (1994); e o *hot news* será subdividido em *vivid narrative use* (narrativa vívida), estudado por Engel & Ritz (2005a; 2005b). A propósito, observemos o exemplo:

(20) S: *I hope I can stay with Jennifer in Berkeley.*
J: *You can't, **she's moved**.*

No uso do *PrP* de relevância atual, o exemplo (20) é típico da categoria de qualidade relacional: J está preocupada com o relacionar a mudança de Jennifer à situação discursiva atual e não em localizar sua mudança em um tempo definido no passado, o qual seria afetado através do uso do *simple past*, como no exemplo: *Jennifer moved a month ago*.

A visão geral dos usos comuns do *PrP*, exposta anteriormente, mostra que uma descrição funcional da forma é necessária para se entender como seus significados variam dentro do contexto. Uma descrição puramente semântica da forma sem fazer referência a sua função discursiva não pode relatar toda a variação contextual do *PrP*. De fato, o *PrP* fora de contexto é similar ao passado simples no sentido em que ele localiza uma situação de passado limitada em algum ponto não especificado, anterior ao momento presente.

3.1.5.1 PrP: Hot News

Podemos verificar que o *PrP* relaciona o evento passado com o *agora* do discurso, por meio dos exemplos citados por Fenn (1987, p.129):

(21) *A runaway priest **has shocked** a village by quitting his post and walking out of his heartbroken family. The Rev. Barrie Hinksman, 38, vanished from his vicarage home of Offchurch, Warwicks, after telling his congregation he would not be taking any more services. (Daily Mirror, 3.8.79 in Fenn (1987, p.129)*

(22) *Par agraph 1: Left out of Asia's economic success story, women from poorer parts of the region **have become** the world's fastest growing pool of cheap and often abused migrant labour (...) Final Paragraph: The abuse of women workers **has become** a sensitive political issue across Asia. In (The Guardian, 6.9.96 in Engel (1998, p.139)*

Nestes exemplos, o uso do *PrP* tem a função de preparar o contexto para o receptor antes da narrativa, o que chamamos em inglês de *setting the scene*, ou melhor, uma função do *PrP*, segundo Engel (1998, p.134), chamada de *framing function* cujo principal objetivo é introduzir, como no exemplo 21, e até mesmo concluir, como no exemplo 22, os artigos de jornal.

Pelo que nos explica Schwenter (1994, p.1001), os usos do *Hot news* não são tipicamente proferidos para focalizar a atenção do ouvinte no estado presente (abstrato ou não), resultado da ação descrita pelo *PrP*. Mas o reportar do *Hot news* pelo *PrP* é feito para focalizar a atenção no evento em si, o qual é relevante para o momento presente, em virtude de sua importância e atualidade.

O *PrP* descreve eventos que ocorreram no passado, mas incluem o momento presente de fala, enquanto os perfectivos ou passados simples descrevem eventos que ocorreram no passado e excluem o presente momento de seu enquadre de tempo, segundo expõe McCoard (1978, p.153). Sob essa perspectiva, o *Hot news* está aparentemente mais próximo dos perfectivos, no sentido de que a situação descrita pela forma do *PrP* é vista como completa dentro do passado, com nenhuma implicatura adicional de um resultado presente surgindo de uma situação passada.

Entretanto, um fato significativo sobre o uso do *PrP* para transmitir uma notícia bem nova (*hot news*) é que ele é freqüentemente reportado isoladamente, com o intuito de introduzir um novo tópico no discurso. Um

exemplo prototípico desse uso autônomo do *Hot news* pode ser visto nos exemplos 23 e 24, citados por Schwenter (1994, p.1003):

(23) *President Clinton **has just announced** that he is declaring seven Southern California counties Federal Disaster Areas. We'll have more on the South 1 and tires tonight at 10* (KTVU News, October 27, 1993).

(24) *Rock musician Frank Zap **has died**. A family spokesperson reported that the entertainer passed away at his home Saturday after a long bout with colon cancer* (KTVU :News, January 6, 1994).

Desse modo, o reportar do *Hot news* pelas formas do *PrP* ocorre freqüentemente de forma isolada, devido à natureza nova da mensagem; e seu uso, novamente, enfatiza a ação passada descrita na sua expressão, cuja única ligação com o presente é o julgamento subjetivo do falante sobre sua relevância para os interlocutores. Note-se, também, que nem todos os eventos passados comunicados pelos usos do *Hot news* são necessariamente notícias importantes para o mundo ou para algum país em particular, transmitidas pelos noticiários de TV e rádio. Por exemplo, uma amiga poderia me telefonar e dizer algumas novidades (*hot news*), por exemplo, que seu gato acabou de ter filhotes (*My cat has just had kittens*). Tal exemplo nos mostra que o mais importante é a interpretação do evento pelo falante, sua atualidade e valor informativo.

Ele também mostra a diferença sutil entre usos puramente de relevância atual do *PrP* e os usos do *Hot news*. No primeiro, existe um contexto discursivo precedente com o qual a expressão marcada com o *PrP* está relacionada. Na última, um novo tópico de discurso é apresentado: um evento passado relevante para o presente, mas apenas para o falante que o considera. Entretanto, a observação de que o *Hot news* pode ser usado para reportar eventos de primeiro plano é comprovada pela sua habilidade de seguir uma ordem em particular para narrar uma série de eventos de *hot news*, segundo esse exemplo de Schwenter (1994, p.1005):

(25) *J: Does anyone know if Clinton's here yet?*

*B: Yes, they've **just pulled up** out front; they've **brought him up** to the plaza; now I think they've **put him up** on stage.*

Como se pôde notar pela organização e classificação dos tipos mais correntes de *PrP* no discurso, o *PrP* utilizado no contexto da notícia de

momento - chamada a priori de *Hot News Perfect* por McCawley (1971) e, mais recentemente estudada por Fenn (1987) como sendo um tipo de uso do *PrP* que introduz um evento passado como o tópico do discurso e depois por Schwenter (1994), que se refere ao *PrP* com uma função discursiva específica e diferente dos outros usos do *perfect* - enfatiza o significado e o impacto do evento passado.

Segundo Schwenter (1994), essa categoria do *PrP* representa uma função discursiva separada e não uma subfunção das outras categorias do *PrP*. Mas, neste trabalho, ela foi incluída como uma subdivisão, por se acreditar que essa função pode ser explicada como uma função do uso do *PrP* feita para se focalizar a atenção no evento em si mesmo, o qual não deixa de ser relevante para o momento atual, por causa de sua importância e atualidade. Para formalizar essa escolha de linha teórica, analisemos o seguinte exemplo que norteou esta pesquisa. Em 2005, ao ligar o aparelho de TV e assistir à CNN, me deparei com a seguinte notícia:

(26) *The pope **has died**.*

Um questionamento veio chamar minha atenção após a constatação do fato. A mesma frase foi substituída por essa outra, minutos depois:

(27) *The pope **died** half an hour ago.*

Essa segunda frase, apesar de muito mais focada no evento em si, não conseguiu encobrir o efeito provocado em mim pela primeira frase. Se examinarmos em detalhe o contexto proposto, pode-se inferir que o uso do *PrP* refere-se à função de mostrar não apenas o fato, mas a sua relevância para o momento, para o presente e para sua atualidade. Esse uso do *PrP*, tão recorrente também em manchetes, tem o propósito de trazer à tona não apenas a relevância da notícia, mas sua atualidade, embora já tenhamos alguma noção sobre o assunto em questão. Ao analisarmos a segunda frase, verificamos que algo perdeu rapidamente sua função, deixando claro somente que a sentença visa a uma nova elaboração do passado, mas não das suas conseqüências no presente.

O *Hot news perfect* segundo Michaelis (1998, p.157) é também conhecido por *PrP* do passado recente. Dito de outra forma denota um evento recente ou, pelo menos, um evento que o produtor acredita ser recente para o receptor. Segundo a autora, um exemplo como o mencionado a seguir, também preenche o requisito necessário para ser considerado um *PrP* de relevância atual, pois relata um evento momentâneo:

(28) *Byron White has (just) announced his retirement!*

Uma asserção como essa é digna de ser noticiada, porque o evento tem conseqüências no presente, pois indica que agora existe uma vaga a ser preenchida para o próximo semestre. Certamente, é em razão da crença do produtor de que o evento tem conseqüências para o presente que o induz a relatá-lo. É fundamental discutir aqui que o *Hot news* é qualitativamente diferente de todas as outras funções do *PrP*, listadas anteriormente. Retomando as pesquisas anteriores a Michaelis, Schwenter (1994, p.997) afirma que esta é a função que mais invade o domínio do perfectivo ou das formas de *simple past*. Se considerarmos, primeiramente, o *Hot news* uma função discursiva do *PrP*, um olhar mais detalhado sobre como essa função difere das outras funções do *PrP* revela que a relação do *Hot news* com a presente situação não é característica das outras funções do *PrP*, as quais têm um sentido mais prototípico de relevância atual ao momento presente.

Para um melhor entendimento desse tipo de associação, se faz necessário, segundo Michaelis (1998, p.158), distinguir entre aqueles eventos conhecidos por terem ocorrido no mundo externo do texto (*text-external world*) e aqueles que foram estabelecidos no mundo interno do texto (*text-internal world*). Essa classificação foi usada por Lambrecht (1994) para se diferenciar as duas esferas de conhecimento acessado pelos participantes em um discurso. A primeira esfera está equacionada com a ontologia do mundo exterior – as entidades que lá existem e os eventos que lá ocorrem. A última esfera, por outro lado, é uma forma de catálogo, o qual contém todas as entidades e sua variedade de assuntos (*state of affairs*) que foram considerados parte do discurso.

Uma situação pode ser interpretada como nova e pertencente ao mundo interno do texto, mas não ao seu mundo externo: uma nova situação nessa última esfera é aquela que não foi previamente introduzida. Por exemplo, a sentença, *I was born in Virginia*, citada por Michaelis (1998, p.158), não denota um evento recente, contudo pode representar um novo evento dentro de um discurso particular. Entretanto, uma situação que seja nova no mundo externo do texto, como uma situação que apenas recentemente tenha entrado na consciência do produtor, é muito provável que represente uma nova situação em relação ao mundo interno do texto e ele vai provavelmente inferir que essa situação é desconhecida da pessoa a quem a mensagem foi endereçada, e, portanto, apresentá-la como uma nova informação.

Com base na literatura estudada, pode-se deduzir que o uso do *PrP* nesse contexto é motivado pragmaticamente, visto que reforça uma situação de passado diante de seu elemento surpresa, o que, por conseguinte, contrasta com uma frase usada no *simple past* ou até mesmo no próprio *PrP*, relatando um evento *per se*, sem nenhuma relação com o momento presente.

Outra característica importante da função *Hot News do PrP* está no fato de que o uso do *PrP* para comunicar uma notícia 'quente' é sempre reportado de forma isolada, como forma de introduzir um novo tópico no discurso. Veja o seguinte exemplo citado por Schwenter (1994, p.1003):

(29) *Rock musician Frank Zappa **has died**. A family spokesperson reported that the entertainer passed away at his home Saturday after a long bout with colon cancer. (KTVU News, January 06, 1994).*

Esse exemplo mostra, de forma clara e sucinta, a questão do fato isolado seguido da explicação e detalhamento da notícia. Cabe aqui destacar que o *PrP*, ainda conforme Schwenter (1994, p.1003), sugere um isolamento similar à função de *foregrounding* do *PrP*, pois traz para o presente a situação passada, no caso do exemplo acima, a morte da pessoa. Essa informação é transmitida pela própria importância e não por estar relacionada à outra situação. Assim, o reportar da notícia 'quente' de momento ocorre de forma isolada, em decorrência de sua natureza de novidade. A relação com o passado se dá a partir do julgamento subjetivo e da relevância que tem para o interlocutor.

Observemos os típicos usos do *Hot news* por um falante de Inglês Britânico, nos exemplos citados pelo mesmo autor (1994, p.997):

(30) *The train station **has burned** the ground!*
(31) *Tuition **has just gone up** again!*

O emprego do *PrP* em (30) e (31) tem a função de descrever situações de passado recente ou imediato cujos falantes consideram significantes no tempo da fala (*speech time*) e que estão presumidamente relacionadas aos seus interlocutores pela primeira vez: daí a caracterização como *hot news*. O uso do *PrP* é, portanto, pragmaticamente motivado – ele marca a situação passada como notória, em virtude do valor surpresa – e contrasta com uma frase mais neutra usando o passado simples a qual reporta o evento *per se* e não por sua relação com o presente momento.

De acordo com a pesquisa de Dahl (2000, p.385), um fato relevante se destaca: em 53 itens estudados do *The International Herald Tribune*, 12 estavam no *PrP*, como pode se verificar no seguinte exemplo:

(32) *Marilyn Horne To Sing At Clinton Inauguration - Marilyn Horne, the American mezzo-soprano who **has been called** “the finest opera singer of her generation”, **has been invited** by President-elect Bill Clinton to sing at his swearing-in ceremony.*

Em suma, esse exemplo nos mostra que o uso do *PrP* tem uma relação direta com a importância do momento, visto que tal fato foi dito antes da posse do presidente Clinton, o que, naquele momento, era de muito interesse. Dessa maneira, pode-se afirmar que no estudo deste tempo verbal, o essencial não é o que se quer informar, mas a que propósito a apresentação diferenciada dessa informação serve.

Carter & McCarthy (2006, p. 618) asseveram que, no inglês falado e escrito, o *PrP* é às vezes utilizado para reforçar a relevância atual dos eventos, mesmo que o uso de adjuntos adverbiais de tempo estejam presentes. Para os autores:

The present perfect is often used initially to provide an overall frame for the reporting of past events, in spoken and written narratives and reports. The present perfect verb often provides a headline or statement of a newsworthy event, followed by a series of verbs in the past tense reporting the details. (Carter & McCarthy 2006, p.618)

Tais considerações podem ser verificadas em alguns exemplos mencionados pelos autores, mostrando o uso do *PrP* no contexto jornalístico (Carter & McCarthy, 2006, p. 618):

(33) A man **has been arrested** last night and will appear in court tomorrow.

(34) Poisonous black widow spiders **have invaded** Britain by plane. They stowed away in crates of ammunition flown from America to RAF Welford, Berks. A US airman at the base near Newbury captured one of the spiders in a jar after it crawled out of a crate.

3.1.5.1.1 *PrP*: Narrativa Vívida

Palmer (1968, p.75) declara que a língua inglesa seria muito mais rica se fosse possível dizer: *They have come last Monday*, pois, dessa forma, se poderia, em uma única frase, combinar dois tipos de informação, a saber, (i) a sua chegada em um tempo específico no passado e (ii) a sua relevância atual. Conforme Engel & Ritz (2005, p.1), em seus detalhados estudos sobre o *PrP* no inglês australiano, esse tempo verbal tem se tornado mais rico no sentido apresentado por Palmer, visto que o *PrP* está sendo utilizado em contextos em que outras variantes do inglês poderiam preferir o *simple past*.

Podemos iniciar esse estudo sobre a subdivisão do *Hot news* com a pesquisa de Portner (2003, p.500), pois, sob a perspectiva pragmática, a sentença com *PrP* é considerada como se estivesse dando a entender que o evento que ela descreve está no *extended-now* estabelecido pelo contexto; também introduz uma pressuposição modal, isto é, pressupõe uma relação de necessidade epistêmica entre a questão mais geral que é debatida no discurso (o tópico) e a sua resposta.

Importa esclarecer que o termo narrativa vívida (tradução minha para *vivid narrative use*) foi apresentado nas pesquisas de Engel & Ritz (2005a, p.2), a fim de descrever mecanismos aparentes no *PrP* que têm a intenção de localizar os receptores em um presente virtual ou torná-los observadores virtuais de um evento de fala presente virtual. Muitos dos dados apresentados pelas autoras provêm de programas de bate-papo no rádio. Nesses programas, os apresentadores e até mesmo os membros do público que participam das conversas para contarem suas histórias, estão interessados em alcançar um determinado efeito; eles são, portanto, mais suscetíveis de fazer uso de

recursos que atraíam e mantinham a atenção dos ouvintes; por isso, neste trabalho, aparece como uma subdivisão do *Hot news*.

As autoras (2005b, p.9) explicam que se pode aplicar determinado princípio pragmático: as sentenças no *PrP* dizem algo a respeito do tempo da enunciação (*time of utterance - TU*) e não do tempo de situação (*time of situation - Tsit*). Em pesquisas anteriores, Klein (1992, p. 535) já havia introduzido a noção de tempo do tópico (*topic time - TT*) para capturar essa distinção. Ele a define como sendo a duração de tempo à qual se restringe a asserção feita em determinada ocasião.

Dessa forma, de acordo com Engel & Ritz (2005b, p.9), as sentenças no *simple present* têm o seu TT em Tsit, ao passo que no *PrP* elas têm o seu TT incluindo o TU. Além disso, o TT para o *PrP* tem uma posição definida no eixo do tempo. Vejamos exemplos citados pelas autoras (2005b, pp28-29) sobre o uso do *PrP* em uma notícia que foi veiculada no mesmo dia em um *website* da polícia e transmitida por uma rádio australiana:

(35) *The victim in this case is a 15-year-old Wattleup boy who was on his way to school, [...]. As reached the steps leading to the shops he **has been tapped** on his shoulder. As he **has turned around** a young man **has punched** him to the face and a wrestle/fight **has taken place** during which the victim **has dropped** his wallet. The offender **has grabbed** the wallet and **run off**, removing the money and dropping the wallet as he ran. (M. Cough, Sergeant, Police Media, 29.06.2004; 94.5 FM Radio, Perth, 29.06.04)*

Como explicam Engel & Ritz (2005b, p.29), tal mistura de tempos verbais é típica de narrativas orais, e isso não é esperado em uma linguagem mais cuidadosamente planejada. Parece às autoras que o uso do *PrP* não deve ser entendido como uma narrativa, mas como se o policial tivesse selecionado alguns eventos no seu reportar com o intuito de torná-los mais evidentes. Ainda segundo as autoras, uma possível representação do *PrP* nesses usos é a de que o TT está no TU real, novamente: o produtor, no caso o que lê as notícias, está nos contando que nós estamos agora em um tempo posterior a certos eventos que ocorreram em uma seqüência particular, portanto tornando esses eventos mais enfáticos. Algo que também pode ser notado é o uso de tipos de advérbios e orações de tempo como *as* e *during which*, as quais sinalizam mais uma simultaneidade e inclusão, respectivamente, do que uma progressão.

Em outra notícia transmitida por um programa de rádio e incluído na mesma referência teórica de Engel & Ritz (2005b, p.31), percebemos uso semelhante:

(36) *When the alarm clock **has gone off**, the burglar **has climbed** on the roof.* (92.9 FM Radio, Perth 2.3.98).

Sob a ótica de continuidade, Engel & Ritz (2005b,p.32) interpretam tal sentença como se o ladrão ainda estivesse no telhado no momento em que o boletim de notícias estava sendo transmitido e o alarme ainda estava soando. Parece óbvio para as autoras, por outro lado, não estar se referindo ao TU, mas, nesse caso, o apresentador das notícias estaria apresentando os eventos novamente sob a perspectiva de TU, dizendo que nós estaríamos naquele momento em um estado posterior ao momento em que ocorreu o fato relatado. O que muda nesse caso é a que/ a quem esse estado posterior melhor se aplica: ele não se aplica ao alarme ou ao ladrão, mas sim ao produtor das notícias e seus ouvintes que estão no estado posterior a esses eventos ocorridos.

De forma metafórica, Engel & Ritz (2005b, p.34) referem-se ao uso mais vivo da narrativa com o *PrP*, isto é, como se o seu uso nos provesse de uma fotografia. Isso parece extremamente relevante, se lembrarmos de alguns exemplos aqui anteriormente apresentados, como: *The Pope has died*. Fica fácil perceber a opção do produtor em revelar um evento novo, do mesmo modo que em uma fotografia. Dito de outra forma, é como se, ao proferir tal sentença, automaticamente se produzisse uma fotografia; uma representação virtual do que foi dito.

Além disso, conforme nos explicam as autoras (2005b, p.44), a narrativa vivida do *PrP* é capaz de atingir duas coisas ao mesmo tempo: sinaliza um olhar retrospectivo sob a situação de passado, enquanto proporciona um tempo posterior (*post-time*) no qual outros eventos ou situações podem ser localizadas. Portanto, nesse caso, temos conexões mais próximas entre os eventos reportados no discurso, demonstrando que esses eventos ocorreram em uma rápida sucessão (principalmente quando os verbos télicos são usados) ou que os eventos se sobrepuseram (especialmente com verbos de atividades). Segundo as autoras, um exame dos verbos utilizados nas narrativas com *PrP* em relação aos seus aspectos lexicais, revelou que a

classe mais comum representada é a das atividades seguidas pelos verbos de execução (*achievements*). Suas características mais comuns, isto é, o fato de serem ambos durativos e conter parte do processo, pode explicar em parte a sensação que os receptores têm de estarem sendo colocados no meio da situação descrita. Ao mesmo tempo, seqüências de verbos télicos no *PrP* capacitam o produtor a transmitir uma idéia de que os eventos relacionados ocorreram em uma sucessão muito rápida.

Nesse sentido, por causa do uso do *PrP* em inglês australiano, em particular na mídia escrita e no rádio, mais especificamente, com seus apresentadores fazendo uso de certas funções do *PrP* para atrair a atenção dos ouvintes e expressar-lhes um sentimento de solidariedade, pode-se perceber, segundo as pesquisas de Engel & Ritz (2005b, p.45), que esse uso do *PrP* nas narrativas confirma a topicalidade do tempo de fala (*topicality of speech time*) em sentenças com o *PrP* e o sentido de um possível passo para mudança.

Finalmente, em acordo com Nishiyama & Koenig (2005, p.1), inferir as relações discursivas entre vários segmentos do discurso não depende unicamente do conteúdo informacional. Depende, também, da estrutura gramatical que os produtores escolhem para comunicar esse conteúdo. Os autores (2006, p.11) acrescentam, ainda, que determinar a natureza do estado do *PrP* não é o fim da história. Os *PrPs* servem funções adicionais em textos e são essas funções que este trabalho vai analisar e discutir nos próximos capítulos, à luz dos dados coletados. Antes, porém, é fundamental abordar como o contexto de análise deste trabalho, o discurso jornalístico, está organizado, para que possamos adiante descrever as funções do *PrP* presentes nesse tipo de discurso na mídia digital.

4. O DISCURSO JORNALÍSTICO

Tendo constatado na literatura até aqui apresentada de que o tempo é parte essencial na produção da notícia, seja pela sua representação da atualidade ou relevância atual, apresento a seguir maiores detalhes sobre o tempo dentro do discurso narrativo, algo típico dos textos no discurso jornalístico, seguidos de uma revisão da literatura sobre a teoria da relevância

e dos quatro pilares teóricos sobre o discurso jornalístico priorizados neste trabalho.

Nos estudos lingüísticos, segundo Dahl (1984, p.116), a narrativa é considerada um texto no qual o falante relata uma série de eventos reais e fictícios na ordem em que eles ocorrem. O discurso narrativo é composto de duas partes: *the foreground* e o do *background*, como exposto anteriormente, quando discutimos a questão do aspecto.

O *foreground*, ou primeiro plano, relata eventos que pertencem à estrutura esquemática do discurso, como explica Hopper (1979, pp.213-241), e consiste em orações que se movem no tempo subsequente de acordo com Dry (1981, pp. 233-240). O ponto de referência temporal de qualquer um desses eventos no primeiro plano é entendido como seguinte ao evento que o precede. Em contraste, o *background*, ou segundo plano, tem muitas outras funções individuais, que juntas, têm como objetivo sustentar o primeiro. Embora os eventos relatados nas orações de primeiro plano possam ser entendidos como seqüenciais, os eventos de segundo plano estão freqüentemente fora de seqüência com relação ao primeiro plano.

Ao examinar o primeiro e segundo planos em narrativas do inglês contemporâneo, Dry (1981, pp. 233-240) refere que as orações de primeiro plano estão usualmente no passado simples ou no presente histórico. Entretanto, na língua inglesa, não se baseia primeiramente nos marcadores de tempo verbal ou no aspecto para distinguir entre primeiro e segundo planos, porém o uso específico do *PrP* também indica que estamos falando de uma ação que ocorreu em um momento anterior ao momento presente. Em oposição ao *past simple*, o *PrP* indica que a ação no passado tem relevância no momento presente, ao passo que o *past simple* não transmite este significado.

É necessário o que se expõe na seqüência, para entendermos um elemento importante do discurso jornalístico: a relevância. A relevância é a base para entendermos algumas funções que emergem do uso do *PrP* no discurso jornalístico, em particular o *hot news*, no qual o receptor precisa saber que a informação é relevante, para ele poder relacionar uma informação prévia com a informação que emerge do uso do *PrP*.

De acordo com o princípio do contraste apresentado por Clark (1990), as línguas não oferecem um excesso de formas sinônimas, visto que os produtores tendem a diferenciar os sinônimos ao estabelecerem contraste semântico ou pragmático. Esse princípio, segundo o autor, captura o discernimento de que, quando os produtores escolhem uma expressão, eles o fazem porque eles querem dizer algo que não teria o mesmo significado, caso uma expressão alternativa tivesse sido escolhida.

A esse respeito, Slobin (1994, p.119) afirma que a pressuposição do aprendiz de que cada forma tem uma função comunicativa distinta vai induzi-lo a inferir sobre a existência de um contraste discursivo-pragmático entre os dois tipos de referência ao tempo passado. De acordo com o autor, esse contraste depende da presença de uma implicatura atrelada à forma do *PrP*, o qual, por conseguinte, indica que o evento passado denotado tem relevância atual.

Para Berg (1991, pp.411-425), relevância é uma unidade de medida que revela o quanto seria útil uma contribuição na conversação. Levando em conta a terminologia usada por Sperber & Wilson (1995, p.2), a proposição é julgada relevante na medida em que seus efeitos no contexto sejam significativos e facilmente inferidos. Michaelis (1998, p.155) afirma que julgamentos de relevância são feitos por interlocutores em um contexto comunicativo. Para esclarecer essa distinção, a autora (1998, p.228) nos apresenta a seguinte sentença:

(37) **Have you seen my slippers?**

Nesse contexto, segundo a autora, a pessoa que faz a pergunta pretende levar o receptor a um entendimento e à compreensão de um resultado, pois está questionando sobre a possibilidade de alguém ter visto os chinelos, o que correntemente afeta a capacidade de o receptor localizar os chinelos nesse momento. Os efeitos contextuais observáveis nesse caso são reduzíveis à implicatura baseada na relevância. A interpretação da pergunta feita com o *PrP* tende a reconhecer que a única resposta relevante é aquela que está relacionada à dúvida atual do questionador, isto é, a necessidade de encontrar os seus chinelos.

Na literatura, encontram-se várias maneiras de se entender a teoria da relevância. Ainda segundo Michaelis (1998) pela teoria da relevância acredita-

se que a mente seja modular e que haja diferença entre computações e representações lingüísticas de um lado, e não-lingüísticas de outro. Contudo, um enunciado pode comunicar suposições não diretamente ligadas ao significado das palavras enunciadas. Essas hipóteses e conclusões contextuais pretendidas são as *implicaturas*. A proposição expressa é uma das muitas que poderiam ser explicitamente comunicadas, ou *explicaturas*.

De acordo com a teoria da relevância, dizer que o ouvinte usa hipóteses contextuais para inferir a interpretação pretendida pelo falante é dizer que essas hipóteses são usadas como premissas de uma inferência dedutiva. Isso não quer dizer que o ouvinte tenha *provas* das intenções do falante.

Desse modo, a relevância é definida em termos de *efeito contextual* e *esforço de processamento*. Há três modos pelos quais uma informação pode interagir com o contexto para produzir um efeito contextual (a informação produz um efeito no ambiente cognitivo do receptor):

- (i) ela pode se combinar com hipóteses contextuais para produzir uma *implicação contextual* (isto é, uma implicação lógica, não derivável das hipóteses contextuais nem pela nova informação somente);
- (ii) ela pode fortalecer uma hipótese existente ou;
- (iii) ela pode contradizer e eliminar uma hipótese existente.

A hipótese fundamental da teoria da relevância é que todo processamento de informação é orientado pela relevância. Por comunicação, Wilson & Sperber (1995) querem dizer comunicação ostensiva ou, em outras palavras, intencional, aberta, na qual o falante não só pretende expressar uma mensagem, mas também ajudar ativamente o ouvinte a reconhecê-la. Fica claro, então, que a comunicação não será bem sucedida se a audiência não prestar atenção ao ato comunicativo. Para os autores, todo ato de comunicação ostensiva comunica a conjectura de sua relevância ideal.

De acordo com Engel (1998), o conceito de relevância no presente é freqüentemente uma interpretação subjetiva da sua pertinência por parte do produtor/receptor. Segundo a autora, podem-se comparar as seguintes sentenças:

(38) *We've won the cup!* (celebrado em canto por fãs de futebol)

(39) *United won the cup* (dito por alguém que não está participando da comemoração, e sim apenas relatando o evento para um visitante que não é da própria cidade)

A sentença (38) marca o resultado de uma ação, enquanto a (39) apenas relata o evento para um visitante que não é da cidade, por exemplo. A diferença entre o *PrP* e o *simple past* se estabelece pela relevância da situação e ato comunicativo em questão.

Entende Perez (2000) que a relevância é também um conceito relativo em virtude de que ser relevante não é uma característica intrínseca das elocuições. É, ao contrário, uma propriedade derivada da relação entre a elocução e o contexto, isto é, entre a elocução e o receptor com todas as presunções de uma situação em particular. O que pode ser relevante para alguém em determinado momento, pode não ser para outra pessoa ou para a mesma pessoa em uma situação diferente. Qualquer ato de comunicação carrega, segundo o autor, uma conjetura que o produtor pretende que seja relevante, a partir de sua elocução. Se existe a intenção de comunicar, deve-se ao fato de que o produtor pretende modificar o ambiente cognitivo do receptor de alguma forma. A isso se denomina a presunção da relevância ideal (*optimal relevance*). Dessa forma, segundo Perez (2000), o que o princípio de relevância expressa é a presunção de um produtor que considera necessário comunicar algo, por isso, ele o fará da forma mais relevante possível dentro das circunstâncias em que ele for produzido.

Tendo discorrido sobre todos os elementos que permeiam o estudo das funções do *PrP*, a teoria da relevância e tendo clareza do motivo da escolha do discurso jornalístico, pois este é uma das formas da língua mediar e representar a realidade, apresentam-se a seguir os pressupostos teóricos do discurso jornalístico desta pesquisa que têm sua base em quatro principais pilares: as visões de Bell (1991); Fairclough (1995); Fowler (1991) e Halliday (1978,1985). Consideramos pertinente, inicialmente referirmos a citação de Fowler para definir o que é notícia neste contexto de pesquisa:

News is a representation of the world in language; because language is a semiotic code, it imposes a structure of values, social and economic in origin, on whatever is represented ; and so inevitably news, like every discourse constructively patterns that which it

speaks. News is a representation in this sense of construction; it is not a value-free reflection of facts. Fowler (1991, p.4)

Tal citação define a notícia como uma representação do mundo na língua. Porém, não apenas uma representação sem nenhum valor agregado ao conteúdo, mas uma forma particular de expressão lingüística em que um texto tem sua razão de ser. Isto porque, segundo o mesmo autor, existem sempre diferentes maneiras de se dizer a mesma coisa, e elas não são alternativas escolhidas a esmo ou acidentalmente. As diferenças na expressão carregam distinções ideológicas e, portanto, diferenças em sua representação. Esta interpretação de notícia pode ser justificada pela noção histórica de alguns lingüistas, como Sapir (1949), Whorf (1956) e, particularmente, Halliday (1978) de que a língua influencia o pensamento, no sentido de que sua estrutura transporta e canaliza nossa experiência mental do mundo (apud Fowler, 1991, p.4). Dessa forma, ao refletir sobre a teoria de Fowler faz-se necessário ainda ressaltar a que o autor se refere ao delinear o conceito de notícia:

News has not been singled out as a unique instance of deliberate or negligent partiality; it is analysed as a particularly important example of the power of all languages in the social construction of reality. I am not gunning for the Press, but looking at the linguistics of representation in newspaper discourse, which is a major element in our daily experience of language. Fowler (1991, pp.8-9)

Esta citação ajuda a entender o porquê da escolha da notícia para este trabalho, tendo à disposição tantos tipos de discurso. A notícia, como qualquer outra coisa escrita ou falada sobre o mundo, segundo Fowler (1991, p.10), é articulada a partir de determinada posição ideológica; a língua não é uma janela, diz o autor, mas sim um meio de estruturação e refração. Se lembrarmos que a motivação pedagógica deste trabalho se constitui dos artigos publicados no meio digital que *per se* representam a realidade da língua inglesa e que foram selecionados pelos professores, além dos materiais utilizados na preparação de suas aulas, o discurso jornalístico se manifesta como uma importante forma de descrever a utilização do *PrP* em um meio onde permeia a ideologia.

Continuando, Fowler (1991, p.13) expõe que a notícia não é apenas aquilo que acontece, mas o que pode ser considerado e apresentado como algo noticiável (*newsworthy*), e mostra a importância das diferentes representações lingüísticas e, em particular, neste trabalho, o uso e a ocorrência do *PrP*, neste processo de entendimento da produção do discurso jornalístico. O autor resume esta questão de forma clara nessa citação:

News values are rather to be seen as qualities of (potential) reports. That is to say, they are not simply features of selection but, more importantly, features of representation: and so the distinction between 'selection' and 'transformation' ceases to be absolute: an item can only be selected if it can be seen in a certain light of representation, and so selection involves an ideological act of interpretation. Fowler (1991,p.19)

Assim, no que se refere à construção social da notícia, existe um viés de representação, posto que a instituição jornalística esteja situada social, econômica e politicamente. Então, qualquer coisa que seja dita ou escrita sobre o mundo é articulada de uma posição ideologicamente particular: a língua não é uma janela límpida, mas um meio de refração e de estruturação, e, como consequência, a visão do mundo resultante será necessariamente parcial. Sabemos que diferentes jornais noticiam de modo diferente, tanto em termos de conteúdo quanto de apresentação.

Desta forma, como ainda explica o autor, há dois processos importantes na consideração das notícias: os processos de seleção e transformação, segundo os quais uma notícia só pode ser selecionada se for representativa, e isto envolve um ato ideológico de interpretação, o que nos remete ao início dessa argumentação baseada na teoria de Fowler (1991), a de que a notícia é uma prática, um produto do mundo social e político sob o qual ela se manifesta, e a língua, por conseguinte, possui um papel crucial como mediadora da realidade.

Tendo em vista o foco desta pesquisa no contexto do discurso jornalístico, cabe definir discurso. Segundo Fowler (1991, p. 42), o escritor é constituído pelo discurso, o qual social e institucionalmente dá origem à ideologia codificada na língua. Para este trabalho, também importa a

concepção de Kress (1985,pp.06-07), que contribui para melhor conceituar discurso:

Discourses are systematically-organized sets of statements which give expression to the meanings and values of an institution. Beyond that, they describe, delimit what it is possible to say and not possible to say (...). A discourse provides a set of possible statements about a given area, and organizes and gives structure to the manner in which a particular topic, object, process is to be talked about. In that it provides descriptions and prohibitions of social and individual actions. (Kress, 1985, pp.6-7)

Dessa maneira, o discurso para este trabalho representa, segundo o autor, um conjunto de sentenças possíveis sobre determinado assunto e que dão expressão aos significados e valores de uma instituição, nesse caso, o discurso jornalístico expresso pela mídia digital. Dentro do discurso, esse conjunto de possibilidades é representado pelos artigos ou textos jornalísticos.

O conceito de texto se relaciona ao discurso, segundo Fowler (1991:60), pois o texto é co-produzido pelo escritor e leitor ao negociarem a natureza e o significado de uma parte da língua, tomando como base o seu conhecimento compartilhado do mundo, da sociedade e da própria língua. Outra questão que merece destaque é o fato relatado por Fowler (1991, p.67) de que qualquer aspecto da estrutura lingüística, seja ele fonológico, sintático, lexical, semântico, pragmático ou textual, pode carregar um significado ideológico.

Com base na delimitação dos conceitos de notícia, discurso, texto, faz-se necessário esclarecer ainda o significado de função dentro deste contexto. As teorias de Halliday (1985) e Fowler (1991) se complementam e se relacionam no sentido de que todas as estruturas lingüísticas têm papéis comunicativos e desempenham funções específicas. Entretanto, segundo Fowler (1991, p.70) estas funções não representam apenas uma escolha pessoal, mas estão associadas às instituições relevantes, à produção e ao consumo do texto. Segundo o autor, essas funções representam um conjunto de opções sociais e não áreas privilegiadas de escolha pessoal.

De acordo com as pesquisas de Fowler (1991, pp.12-24), existe o que ele chama de valor notícia (*News value*) - a mídia jornalística seleciona eventos para noticiar de acordo com um conjunto complexo de critérios de noticiabilidade. Esses critérios, que são mais ou menos inconscientes na prática editorial, são conhecidos pelos estudiosos da mídia como valor notícia

(VN) e exercem o papel de guardião, filtrando e restringindo a entrada das notícias.

A seguir, apresentam-se alguns elementos que, segundo o mesmo autor, estão presentes nas notícias, e que, embora sejam metas e efeitos da mídia, nem sempre são formulados conscientemente e planejados estrategicamente, porque sua implementação acontece de maneira automática, em decorrência da posição econômica e das práticas de trabalho da imprensa.

O homocentrismo é a preocupação com países, sociedades e indivíduos, percebidos como sendo um de nós versus grupos sentidos como diferentes de nós, estranhos, ameaçadores. Grupo é um conceito ideológico central hoje (no domínio do 'eles') e que se opõe a 'povo' (no domínio do 'nós').

Consenso é a afirmação e a alegação de todos os partidos políticos, expresso no apelo por uma nação, pelo povo irmanado, etc. Na imprensa, essa ideologia é a fonte do consensual nós, pronome que é usado freqüentemente em editoriais que clamam estar falando para o povo. O modo como o nós deve se comportar é exemplificado por histórias publicadas com regularidade, falando de qualidades como fortaleza, patriotismo, sentimento, esforço. E, embora consenso soe como uma teoria liberal, humana e generosa da ação e atitudes sociais, na prática ele cria atitudes sectárias e alienantes, uma visão dicotômica entre nós e eles.

O VN, então, deve ser considerado como uma categoria mental intersubjetiva. Ao determinar o significado dos acontecimentos, o jornal e seus leitores fazem referência, explícita ou implícita, ao que se chama, na psicologia cognitiva e na semântica, de *frame* (paradigma, estereótipos, esquema, proposição geral). Esse princípio afirma que as pessoas trabalham com categorias mentais tácitas – os estereótipos – outro elemento na classificação da experiência. Um estereótipo é um escaninho mental socialmente construído onde os eventos e as pessoas são classificados para que façam sentido: mãe, patriota, executivo, vizinho, de um lado, contra *hooligan*, terrorista, estrangeiro, de outro. É fundamental notar que os estereótipos são criativos, uma vez que são categorias que projetamos sobre o mundo para que este faça sentido.

Se considerarmos os fatores sociais e econômicos na seleção da notícia, o produto não é a notícia ou o jornal (embora eles sejam feitos), mas sim os leitores – lucro ou votos, por exemplo. A empresa jornalística é uma

indústria ou um negócio, com um lugar definido nos assuntos econômicos da nação e do mundo. É de se esperar, então, que suas atividades e seu produto sejam parcialmente determinados por essa realidade, e que seus efeitos se façam sentir no que é publicado e no modo como a notícia é apresentada. Outro elemento, a *voz acessada* (*accessed voices*), como chamou Hartley (1982), se compõem das visões e estilos de um corpo privilegiado de políticos, servidores civis, diretores, gerentes, especialistas de vários tipos. O efeito político da divisão entre acessado e não-acessado nem precisa ser lembrado: o desequilíbrio entre a representação do que é privilegiado de um lado e do que não é privilegiado de outro, com uma constante invocação da visão oficial, do poderoso e do rico para legitimar o status quo. Mas o desequilíbrio nas vozes acessadas vai muito além. Muitas partes de um jornal que parecem não ser a reprodução da voz oficial, artigos assinados por escritores ou jornalistas que parecem assumir sua responsabilidade, estão imbuídos da ideologia oficial, porque são escritos em estilo autoritário utilizado por figuras acessadas, como políticos e especialistas. Finalmente, Fowler apresenta o elemento intertextualidade e a sua dependência estilística (e conseqüentemente ideológica) de outros textos produzidos por fontes oficiais e prestigiosas.

Sob essa perspectiva, pode-se concluir que o jornal e seus leitores partilham uma competência discursiva comum, conhecem as afirmações toleráveis, as permissões e proibições de que fala Kress (1985), e negociam o significado de um texto num modo de discurso sugerido para o leitor mediante opções lingüísticas significativas.

Para Fowler (1991, pp.47-48), o estilo codifica uma ideologia que já está incorporada na língua, implantada aí por práticas sociais e discursivas existentes. A familiaridade de um estilo habitual tem conseqüências ideológicas, visto que ela permite a expressão imperceptível de pensamentos familiares. O estabelecimento do estilo normal é fundamental na construção do consenso e tem sido identificado pelos analistas da mídia como central na prática ideológica dos jornais.

O jornal precisa ter um estilo vivo, porque ele se oferece como uma marca de entretenimento e, ao mesmo tempo, precisa disfarçar que seja uma forma de discurso institucional. O instrumento fundamental para diminuir esse vão discursivo consegue-se pela promoção de modelos orais no texto escrito,

dando a ilusão de conversa, em que se fala do senso comum, sobre assuntos em que há consenso. A noção-chave do idioma público é a 'reciprocidade' entre escritores e leitores, a negociação de um estilo com o qual os leitores-alvo se sentem confortáveis.

No que diz respeito à análise crítica do discurso jornalístico, Fowler (1991, pp. 66-70) se confessa essencialmente eclético em relação aos instrumentos de análise. Mas, para ele, o melhor modelo para examinar a conexão entre estrutura lingüística e valores sociais é o modelo funcional desenvolvido por Halliday. Porém, segundo o autor, Halliday escreve como se o uso da língua fosse uma questão de exercício individual de livre escolha: o falante incorpora sua experiência, estabelece relações, produz um texto, etc. Para a análise crítica, a dinâmica da interação por meio da língua está sujeita à determinação social, a saber, o conteúdo, falante/escritor, ouvinte/leitor são amplamente construídos pela língua, sem muito controle voluntário. Para Fowler, as metafunções ideacional, interpessoal e textual, de Halliday, são conjuntos de opções sociais, e não áreas de escolha pessoal privilegiada (ênfase social explícita nos escritos mais recentes de Halliday).

Nesta exposição, vale discorrer com detalhamento acerca da teoria do discurso jornalístico de Bell (1991, p. 147), segundo o qual os jornalistas não escrevem artigos, escrevem histórias; e acrescenta que os jornalistas são os contadores profissionais de histórias de nossa era.

Para efeito de categorização e entendimento do discurso jornalístico, do ponto de vista de seu conteúdo, em um jornal tudo que não seja considerado propaganda, é chamado de *editorial*. A maior parte do conteúdo editorial chama-se de *written copy*, que pode ser dividido em serviço de informação, opinião e notícias. Os serviços de informação correspondem a listagens, como resultados de competições esportivas, programas de televisão, previsão do tempo, entre outros, geralmente associadas a sessões específicas do jornal, como os cadernos de esportes ou de negócios, por exemplo. As opiniões incluem o que é normalmente chamado de editoria, ou seja, uma declaração das opiniões próprias do jornal sobre determinados assuntos.

Para o referido autor (1991, p.14), as histórias podem ser divididas em dois tipos de notícias: *hard e soft news*. *Hard news* são as notícias que descrevem acidentes, desastres, descobertas e outros eventos que ocorreram

ou vieram à tona na última edição; estas também incluem as notícias de última hora (*one-off news*), ou seja, notícias de eventos não-programados, como incêndios e desastres chamadas de *spot news*. Uma segunda categoria das *hard news*, segundo Bell (1991, p.147), cobre a política e a diplomacia. São as notícias de eleições, anúncios governamentais, negociações internacionais e notícias que envolvem partidos políticos.

Para Bell (1991, p.14), o oposto de *hard news* é *soft news*: notícias que não têm nenhuma relação com o tempo imediato. Essas notícias compreendem, em grande parte, artigos mais longos do que as histórias, provêm de background e trazem, às vezes, as opiniões pessoais dos escritores, trazendo o nome do autor. Como forma de ilustrar, veremos nos dados deste trabalho notícias enviadas pelas grandes agências de notícias aos principais jornais americanos e britânicos em suas versões digitais e outros artigos mais longos assinados por jornalistas de jornais e revistas renomados, como o *The Guardian*, *The New York Times* e a *Newsweek*. Ainda segundo Bell, as *hard news* são o que ele chama de *core news product*, ou seja, a principal base, fonte de notícias, seguida dos artigos, as *soft news*, aos quais é permitida maior liberdade de estilo e expressão.

Faz-se necessário, ainda, reportar que existe outra subdivisão, que segundo Bell (1991, p.20), é particularmente forte na Inglaterra, mas já reconhecida em todo o mundo: a divisão entre *quality* e *popular press*. Essa divisão separa jornais da imprensa de elite, os utilizados neste trabalho, *The Guardian* e *The New York Times* dos outros considerados mais populares. A imprensa de elite, como chama Bell, utiliza-se do formato *broadsheet* (página grande tipo A2), enquanto os mais populares usam o formato de *tabloids*, recebendo por isso este mesmo nome. Uma diferença entre os dois, e que se faz relevante para este estudo, é que a imprensa de prestígio e elite é regularmente destacada e selecionada para pesquisas acadêmicas, por revelarem de forma clara e consistente como a língua inglesa se realiza no gênero escrito.

Ainda mencionando Bell (1991, p.161), cumpre realçar que a pesquisa lingüística sobre a natureza das histórias de notícias se desenvolveu durante os anos de 1980, e o mais completo estudo foi o de van Dijk. Conforme van Dijk (1998, p. 85), a estrutura temática de uma história consiste em seus

tópicos e em sua organização dentro da história, a qual lhe dá estrutura semântica. Bell (1991, pp.163-174) divide essa estrutura em *abstract*, *attribution* e *story proper*. O *abstract* divide-se em *headline* e *lead*. O *lead* inclui o evento principal e, possivelmente, um segundo evento. O *lead* pode incorporar uma prerrogativa (*attribution*) e trazer categorias complementares, como a avaliação. A *story proper* consiste em um ou mais episódios e na história propriamente dita.

O que se faz importante para o contexto desta pesquisa é o fato de que dentro desta organização do texto, Bell (1991, p.172) relata que a complexa estrutura de tempo - que às vezes pode diferir das normas cronológicas de outros tipos de narrativa - é uma conseqüência de a notícia obedecer a alguns valores específicos da forma de se narrarem notícias e não das narrativas normais. Ainda segundo o autor, enquanto o leitor tem de decodificar esta estrutura, o jornalista teve de decodificá-la em primeiro lugar. A partir de anotações de uma entrevista que cobriu eventos basicamente em sua ordem cronológica, o jornalista extrai partes de informação e as coloca em uma ordem chamada de *newsworthy order* ou ordem que tem relevância jornalística.

Segundo Bell (1991, p.202), tanto para os jornalistas como para os consumidores de notícias, a pressuposição do evento recente nas notícias é tão forte que traz um efeito curioso: o tempo é raramente especificado nas manchetes e nos chamados parágrafos iniciais (*lead paragraphs*). A expressão regular do tempo, segundo o autor, é o tempo passado, como na manchete: *A car bomb exploded at a shopping center in the Pakistani capital Islamabad yesterday*. Por outro lado, os *leads* em noticiários televisivos utilizam-se do *PrP* sem advérbios de tempo como em: *A car bomb has exploded*.

Este trabalho avança nessa questão no sentido em que, apesar da afirmação de Bell e dos estudos realizados nos anos de 1980 e início dos anos de 1990, os exemplos aqui apresentados demonstrarão o uso do *PrP* também em textos escritos, sejam eles nas manchetes ou nas *leads*.

Diante dessas informações e do que foi reportado por van Dijk (1998), deve-se lembrar os exemplos de Engel & Ritz (2005) mencionados anteriormente nesse capítulo, nos quais os apresentadores do programa de rádio, enquanto jornalistas, faziam uso de estruturas gramaticais específicas, nesse caso o uso do *PrP* para narrativas mais vívidas, com o intuito de mostrar

parte da notícia que pode trazer maior interesse aos ouvintes e não meramente um recorrer de fatos cronológicos.

Fundamentando-nos no que já foi exposto, nos deparamos com um ponto importante dessa discussão de literatura, qual seja, todo levantamento dos vários elementos que compõem o uso e funções do *PrP* nos ajuda a iniciar uma discussão mais ampla, diante dos dados, sobre como o produtor utiliza da forma para se servir de certas funções de caráter pragmático-discursiva. Isso mostra segundo Bell (1991:172), que na notícia a ordem é tudo, mas a cronologia não é nada.

Dessa forma, se analisarmos o tempo no discurso jornalístico, poderemos afirmar, segundo Bell (1991, p.198), que a notícia é apropriada para se analisar como o tempo é expresso linguisticamente, pois o jornalista tenta estabelecer o contexto, a cena em questão, sem divergir do movimento da história. O tempo, de acordo com Bell (1991, p. 200), é uma característica que define a natureza da notícia, uma grande compulsão dentro dos procedimentos de coleta de notícias e fator determinante na estrutura discursiva da notícia. Nas palavras do autor:

News is by nature a perishable commodity with a limited shelf life. The next edition renders it obsolete. News operates to the rhythm of usually daily deadlines, on which are imposed weekly cycles, with Saturday and Sunday producing differently defined news for publication.(Bell,1991, p.201).

Ou como Schlesinger (1987, p.83) a chama, parte de uma cultura onde se param os relógios, na qual o movimento em torno dos *deadlines* para se conseguirem as notícias primeiramente, por alguns minutos ou segundos, está embutido no etos da notícia. Isso pode ser verificado atualmente nas versões digitais dos principais jornais que, além das suas edições diárias impressas, trazem, com o advento da Internet, a atualização constante das notícias em seus *websites* como veremos nos dados do discurso jornalístico na mídia digital, coletados para esta pesquisa.

Bell (1991, p.6) relata que, para os lingüistas, a língua da mídia jornalística pode fornecer dados relevantes para questões de importância teórica. Por exemplo, as histórias de notícias são as narrativas comuns do

nosso tempo cujas estruturas discursivas trazem à luz a maneira pela qual as histórias em geral são contadas e estruturadas, isto é, as formas como as pessoas compõem e retificam o discurso escrito. A mídia também pode, segundo o autor, prover dados para a lingüística diacrônica – o estudo do desenvolvimento da língua - característica presente no contexto desse trabalho.

Com o objetivo de ilustrar os dois tipos de notícias apresentados por Bell (1991) e que foram coletados para este trabalho, seguem-se alguns exemplos, sendo o primeiro de histórias de notícias, *hard news*. No texto do jornal britânico *The Guardian*, uma notícia recente do jornalista Randeep Ramesh sobre um casamento na Índia tem grande destaque:

(40) *Cream of Bollywood at heartthrobs' wedding*

*King and queen of Indian cinema tie the knot.
Fans sleep on pavement amid tight security.*

It has been dubbed Bollywood's wedding of the decade. The reigning king and queen of Indian cinema tied the knot yesterday in a private ceremony attended by a small group of billionaires, politicians and close family.

Following Hindu tradition in northern India, actor Abhishek Bachchan, 31, rode in on a white horse leading his wedding procession in Mumbai, before circling a fire to marry one of his leading ladies, Aishwarya Rai, 33. The bride and groom exchanged wedding vows in a huge air-conditioned tent, wreathed in red and pink flowers and covered in green and gold cloth, in a garden adjoining the Bachchan family home.

(...) The bride is a former Miss World who became India's favourite actress, while her husband, part of a new wave of heartthrobs, is the son of actor Amitabh Bachchan, who was named the Greatest Star of the Millennium by a BBC online poll, ahead of Marlon Brando, Sir Laurence Olivier and Charlie Chaplin. (The Guardian: 21/4/2007)

Nos próximos dois exemplos, apresentam-se os textos de notícias chamados de *soft news*, que discutem e expõem mais claramente a opinião dos jornalistas sobre o assunto. O primeiro artigo trata da atitude do novo Papa e a forma como ele desempenha sua função. Nesse texto, o que temos de interessante é o uso do *PrP* na manchete e na *lead*, algo que, segundo Bell (1991, p. 201) era mais específico dos noticiários na TV, o que nos indica mais uma alteração, fruto desse estudo diacrônico do *PrP*. O artigo, sob o título,

Pope Benedict the Invisible, de Joseph Contreras, para a revista americana *Newsweek*, mostra claramente esse tipo de texto:

(41) Pope Benedict the Invisible

*Benedict **has been** almost invisible in the places he's needed most.*

*April 19 marks the second anniversary of Benedict XVI's election as pontiff, and in a few weeks he heads to Brazil. Not long ago, when a pope traveled to the region it didn't occasion much comment; John Paul II was a globe-trotter who hit Mexico and the Caribbean during his first 100 days. But Benedict, who turns 80 this month, **has rarely left** home and seems most interested in trying to revive European Catholicism. (Newsweek:16/4/2007).*

Em outro exemplo, que discute os efeitos do aquecimento global no planeta e a dificuldade de obtermos água no futuro, Michael Klare, em seu artigo, *Wars for Water?*, da *Newsweek*, dá sua opinião:

(42) Wars For Water?

*For years, experts and pundits **have predicted** that conflicts will increase over an ever scarcer and more valuable commodity: water. The fear **has been** that as populations grow and development spreads, vicious battles will erupt between water-rich and water-poor nations, particularly in major river basins where upstream nations control the flow of water to those downstream. To the doomsayers, global warming will only make those battles worse by decreasing rainfall and increasing evaporation in critical areas. (Newsweek:16/4/2007)*

Após estas considerações, faz-se oportuno lembrar aqui e relacionar o que expusemos ao que foi elucidado anteriormente sobre o conceito de ideologia, a qual reflete, segundo Fairclough (1995, p.14), certas proposições que geralmente implicam em asserções implícitas em textos que contribuem para produzir ou reproduzir relações de poder e dominação não-igualitárias. Para Thornbury (2005, pp.145-146), os produtores, nesse caso específico, os escritores, usam a língua para criar um ponto de vista e posicionar o leitor *vis-à-vis* a este ponto de vista. Ainda conforme esse autor, as escolhas gramaticais são escolhas ideológicas e não neutras, meramente acidentais ou sem valor. Elas declaram certo ponto de vista e tentam alinhar o leitor a esses valores. Para se entender como essas escolhas se realizam, há necessidade de tecer uma análise detalhada do discurso. Neste trabalho, discurso será definido com base em alguns pesquisadores. Portanto, para Fairclough (1999,p.42), discurso escrito é:

Written discourse is mediated discourse, in the sense that a technical medium is used to increase time-space distantiation. According to

Thompson (1995), one salient feature of modernity is the rise of mediated quasi-interaction. This is communicative interaction in mass communication – books, newspapers, radio, television – where the co-involvement of large numbers of spatially and temporarily dispersed people is added to the time-space distantiation of mediated interaction. Fairclough, (1999, p.43)

Outro conceito pertinente a essa discussão sobre o discurso jornalístico é o de *text-making*, apropriado para reforçar a definição do discurso jornalístico:

Text-making is the specifically semiotic facet of the production of social life in social practices, and that people can only engage with reality and each other semiotically through text-making. Fairclough (1999, p.50)

Como forma de resumir as informações teóricas sobre o discurso jornalístico, Kauffmann (2005, p.135) afirma que o jornal é uma mídia influente na sociedade. Ele veicula textos que atendem às necessidades sociais e culturalmente estabelecidas em formatos lingüísticos reconhecidos por uma comunidade discursiva. Para ele (2005, p.50), o registro jornalístico é descrito como detentor de características funcionais comuns e próprias, se comparadas a outros registros.

Outro autor, Biber (1999, p.16), considera o discurso jornalístico com as seguintes características:

- 1) Pertencente ao modo escrito;
- 2) Sem interatividade e produção imediata;
- 3) Em situação imediata não compartilhada;
- 4) Tem como principal propósito comunicativo a informação / o julgamento;
- 5) Atinge um grande público e
- 6) Possui domínio dialetal de alcance regional e nacional

Outro ponto importante, segundo Kauffmann (2005, p.16), é que os textos de jornal são amplamente utilizados como material didático, o que vai ao encontro da motivação pedagógica deste trabalho, mas poucas são as abordagens extensivas sobre a linguagem da imprensa escrita. Dessa forma, entende-se por texto jornalístico, como exposto anteriormente, o que corresponde ao material não-publicitário, resultante do esforço estabilizado de jornalistas e de colaboradores fixos e ocasionais.

Podem-se inferir a partir desses exemplos as principais características do discurso jornalístico escrito e por meio desses exemplos iniciar um processo de análise que leva em consideração também a transitividade – parte da metafunção ideacional – conceito semântico fundamental em Halliday (1985, p.101). Segundo ele, quando analisamos a metafunção ideacional, estamos olhando para a gramática da *oração-como-representação* (a língua como representação do mundo). Uma oração baseia-se num núcleo semântico constituído por um verbo obrigatório, que pode ser de ação (sob controle de agente), de processo (nem intencional, nem controlado) ou de estado (nem mudança, nem desenvolvimento). Há aqui um sistema de escolhas gramaticais: o sistema da transitividade (ou *process type*).

Fowler (1991, p.71), a esse respeito, ressalta que a transitividade tem-se provado extremamente esclarecedora na lingüística crítica. Ela é a base da representação, é o modo pelo qual a oração é usada para analisar eventos e situações de diversos tipos. A transitividade tem a facilidade de analisar o mesmo evento sob ângulos diferentes, o que é de muito interesse na análise dos jornais. Quando vemos alguma coisa, diz Halliday (1985, p.101), percebêmo-la como uma peça inteira, mas se formos falar dessa mesma coisa, precisaremos analisá-la como uma configuração semântica – isto é, precisamos representá-la como uma estrutura de significado. Já que a transitividade possibilita fazer escolhas, estaremos também omitindo algumas delas, de tal forma que a escolha que fazemos – melhor, a escolha feita pelo discurso – indica o nosso ponto de vista e é, portanto, ideologicamente significativa. Nesse processo, Halliday ainda cita como importante transformação o uso da voz passiva, pois para a abordagem funcional, interessa saber por que existem as duas construções – ativa e passiva – se elas se equivalem na transitividade e no conteúdo proposicional. A passiva enfoca o paciente e permite suprimir o agente, o que é de particular interesse em relatos de natureza oficial ou burocrática. Além disso, explica Fowler (1991, p.78), a passiva é uma estrutura comum nas manchetes, pois poupa espaço e imediatamente estabelece o tópico. Na análise dos dados serão descritos alguns exemplos de passiva com a forma do PrP.

É conveniente também analisar a estrutura lexical que, segundo Fowler (1991, pp.82-84), pode ser considerada uma representação do mundo para

uma cultura, ou seja, o mundo percebido de acordo com as necessidades ideológicas de uma cultura. Mesmo as palavras mais gerais são coloridas pelo contexto, de tal modo que, cumulativamente, elas contribuem para consolidar o registro. É parte do nosso conhecimento comunicativo reconhecer um determinado registro e ser consciente de que ele marca social e ideologicamente áreas da experiência: elas têm uma função categorizadora. O vocabulário não somente classifica a nossa experiência em termos gerais, mas faz uma distinção detalhada entre classes de conceitos. A categorização pelo vocabulário é uma parte integral da reprodução da ideologia.

Dialogando com Fowler (1991, pp.89-90), concluímos que nenhum catálogo de estruturas lingüísticas, como as que vimos, poderá ser tomado como um procedimento de descoberta, ou seja, um procedimento que aplicado aos dados, automaticamente, mostraria o que não se sabia antes. A preponderância de passivas, por exemplo, ou de orações sem agente humano, ou de nomes plurais ou o que quer que seja, significará uma coisa num texto e outra noutro texto. O significado do discurso deriva somente da interação entre estrutura lingüística e o contexto em que ela é usada; assim, o analista do discurso deve estar preparado para documentar as circunstâncias nas quais o discurso acontece, considerando a sua relevância para a estrutura do texto. Faz-se necessário afirmar também, que Fairclough (2001) usa o termo 'representação de discurso' em lugar do termo tradicional 'discurso relatado' porque (1) ele capta melhor a idéia de que, quando se 'relata' o discurso, necessariamente se escolhe representá-lo de um modo em vez de outro; e (2) o que está representado não é apenas a fala, mas também a escrita, e não somente seus aspectos gramaticais, mas também sua organização discursiva, assim como vários outros aspectos do evento discursivo - suas circunstâncias, o tom no qual as coisas foram ditas, etc.

Segundo o autor, pressuposições são proposições que são tomadas pelo produtor do texto como já estabelecidas ou 'dadas' (embora haja a questão sobre para quem elas são dadas), e há várias pistas formais na organização de superfície do texto. Para mostrar esse fato, dentro de uma perspectiva intertextual da pressuposição, o caso em que a proposição pressuposta constitui realmente algo tomado como tácito pelo produtor do texto pode ser interpretado em termos de relações intertextuais como textos prévios do

produtor do texto. As pressuposições são formas efetivas de manipular pessoas, porque elas são freqüentemente difíceis de desafiar. O metadiscorso é também, uma forma peculiar de intertextualidade manifesta em que o produtor do texto distingue níveis diferentes dentro de seu próprio e distancia a si próprio de alguns níveis do texto, tratando como se fosse outro texto, externo.

Segundo Fairclough (2001), no que diz respeito à ironia, os estudos tradicionais a descrevem em termos de "dizer uma coisa e significar outra". Tal explicação é de utilidade 'limitada, porque o que falta é a natureza intertextual da ironia: o fato de que um enunciado irônico 'ecoa' o enunciado de outro.

No que diz respeito à esfera da modalidade, o autor afirma que na dimensão da gramática da oração a modalidade corresponde à função 'interpessoal' da linguagem. Em qualquer enunciado proposicional, o produtor deve indicar o que Hodge e Kress (1988, p.123) chamam de um grau de 'afinidade' com a proposição; portanto, qualquer enunciado desse tipo tem a propriedade da modalidade, ou é 'modalizada'.

A modalidade na gramática era tradicionalmente associada com os 'verbos auxiliares modais' ('dever' - obrigação moral; 'poder' - permissão, possibilidade; 'poder' - capacidade, 'dever', etc.), que são um meio importante de realizar a modalidade. Entretanto, a abordagem 'sistêmica' da gramática a que Hodge e Kress (1988) recorrem enfatiza que os auxiliares modais são apenas um aspecto da modalidade entre muitos (Halliday, 1985: 85-89). O tempo verbal é outro. Outro aspecto é o conjunto de *advérbios modais*, como 'provavelmente', 'possivelmente', 'obviamente' e 'definitivamente', com seus adjetivos equivalentes (por exemplo, "é provável/possível que a terra seja plana"). A modalidade pode ser subjetiva ou objetiva. No caso da modalidade subjetiva, está claro que o grau de afinidade do próprio falante com uma proposição está expresso, enquanto no caso da modalidade objetiva pode não ser claro qual ponto de vista é representado - por exemplo, o (a) falante está projetando seu próprio ponto de vista como universal, ou agindo como um veículo para o ponto de vista de outro indivíduo ou grupo. O uso da modalidade objetiva freqüentemente implica alguma forma de poder.

Porém, na modalidade, ainda segundo o autor, há mais do que o comprometimento do falante ou do escritor com suas proposições. Os

produtores indicam comprometimento com as proposições no curso das interações com outras pessoas, e a afinidade que expressam com as proposições é freqüentemente difícil de separar de seu sentido de afinidade ou solidariedade com os interagentes. A modalidade é, então, um ponto de intersecção no discurso, entre a significação da realidade e a representação das relações sociais - ou, nos termos da lingüística sistêmica, entre as funções ideacionais e interpessoais da linguagem.

Além dos exemplos específicos, há mais propriedades gerais associadas com a modalidade nas práticas da mídia. A mídia geralmente pretende tratar de fatos, da verdade e de questões de conhecimento. Ela sistematicamente transforma em 'fatos' o que freqüentemente não passa de interpretações de conjuntos de eventos complexos e confusos. Em termos da modalidade, isso envolve uma predileção por modalidades categóricas, asserções positivas e negativas e, portanto, pouco uso de modalizadores. Há também predileção por modalidades objetivas que permitem que perspectivas parciais sejam universalizadas.

Certamente, porém, as manchetes são meramente um exemplo particularmente óbvio de uma tendência geral no discurso da mídia. Os jornais tendem a oferecer versões da verdade às vezes opostas (embora freqüentemente harmonizadoras), cada um as quais se baseia na reivindicação implícita e indefensável de que os eventos podem ser representados transparente e categoricamente e que perspectiva pode ser universalizada. Esse mito sustenta o trabalho ideológico da mídia, que oferece imagens e categorias para a realidade; posiciona e molda os sujeitos sociais e contribui principalmente para o controle e a reprodução social.

As formas pelas quais os acontecimentos que perturbam o equilíbrio social relativo (guerras, epidemias, desastres ecológicos, etc.) são metaforizados na mídia e em outras situações nos permitem uma boa percepção dos valores e das preocupações de uma cultura.

Outros princípios básicos para a compreensão do discurso são os conceitos de enquadre (*frame*) e alinhamento (*footing*) segundo Goffman (1998). O enquadre formula a metamensagem a partir da qual situamos o sentido implícito da mensagem. Goffman introduz o conceito de *footing*, já como um desdobramento do conceito de enquadre no discurso. Por outro lado,

Footing representa o alinhamento, a postura, a posição, a projeção do "eu" de um participante na sua relação com o outro, consigo próprio e com o discurso em construção.

Segundo Bednarek (2005, pp.685-706) a teoria de *frame* trata do conhecimento de mundo. Numa primeira definição, um *frame* pode ser considerado como uma estrutura mental de conhecimento que capta feições 'típicas' do mundo. A aplicação de *frames* por parte do ouvinte é de importância crucial para lhe permitir a criação da coerência. A autora supõe que são os ouvintes que estabelecem a coerência, e não os textos, embora os meios coesivos dos textos exerçam um amplo papel ajudando os ouvintes a estabelecer a coerência.

Lauerbach (2007) trata de como a teoria da argumentação pode contribuir na análise do discurso, não somente na descrição dos tipos de argumentação encontrados no discurso, mas também na avaliação de como os argumentos são sentidos. A teoria da argumentação é de interesse para a análise do discurso principalmente com respeito a dois conceitos. Segundo o autor, um é o conceito de falácia ou raciocínio falho; o outro é o conceito de entimema, ou premissa implícita de um argumento. Usando-se o entimema, a análise do discurso ganha um conceito e um procedimento sistemático para a reconstrução de um tipo de específico de significado implícito, denominado de premissa não-expressa de um argumento. Um entimema é um silogismo abreviado, um argumento incompleto ao qual a audiência provê inconscientemente a premissa que falta.

O outro conceito que é promissor para a análise do discurso é o conceito de falácia ou raciocínio falho. É compreensível que analistas do discurso possam desejar encontrar na teoria da argumentação um procedimento de avaliação para a aceitabilidade ou insuficiência dos argumentos em seus dados, além da reação imediata dos próprios participantes. Isso se deve mais pelo fato de em textos monológicos e em alguns textos dialógicos mediados, os analistas não terem acesso a tais reações. A estrutura de um argumento pode ser derivada de proposições produzidas e reconstruídas comunalmente. É onde a análise precisa ir além da ordem seqüencial do discurso para capturar as relações entre proposições num nível superior, médio da estrutura textual. Isso não significa, todavia, que

ordem seqüencial no nível micro, expectativas estabelecidas por esse ordenamento e o modo em que eles são tratados podem ser negligenciados. Da mesma forma, grande atenção deve ser dada ao detalhe lingüístico. Tais questões vão determinar a natureza das proposições reconstruídas em ambos, nos níveis de conteúdo e interpessoal.

Lauerbach (2007), ao examinar como o argumento pode ser reconstruído a partir do conjunto de proposições observa que as proposições desempenham diferentes funções argumentativas: (a) como alegações; (b) outros servem como condições de refutação (refraseado aqui como condições de validade); e (c) como garantias ou apoios.

É de porte desta revisão da literatura e, tendo como premissa deste trabalho que o *PrP* não pode ser visto apenas no seu campo semântico, mas, principalmente, em relação às funções que desempenha e emergem no discurso, que algo se torna de extrema importância para se entender como o *PrP* se realiza: a pragmática.

A visão priorizada nesta pesquisa, por se adequar melhor à fundamentação teórica utilizada, é a visão de Crystal (1985, p.240), para quem pragmática é o estudo da língua a partir do ponto de vista dos seus usuários, especialmente das escolhas que eles fazem, as restrições que encontram no uso da língua na interação social e os efeitos que os usos da língua têm sobre os participantes no ato de comunicação. Em outras palavras, ainda segundo o autor, pragmática é o estudo da ação comunicativa no seu contexto sociocultural.

Tal conceito, *per se*, retoma, de forma sucinta, tudo o que foi apresentado inicialmente como justificativa para o uso do gênero notícia e do discurso jornalístico como importante meio para esta pesquisa descritiva do uso do *PrP*, tendo como referência os principais pilares teóricos aqui explicitados por Bell, Fairclough, Fowler e Halliday, e resumidos nesta visão geral de uma teoria lingüística que mantém a proposição de que:

(...) nearly all meanings are socially constructed that all discourse is a social product and a social practice. (...) news has not been singled out as a unique instance of deliberate or negligent partiality; it is analysed as a particularly important example of the power of all language in the social construction of reality (Fowler, 1991, p.8).

Dessa forma, a partir da revisão da literatura aqui apresentada temos uma visão do embasamento teórico desta pesquisa e seguimos para a discussão sobre a metodologia utilizada neste trabalho e como ela une a teoria a um design metodológico que nos leve a um entendimento mais claro de algumas das principais funções que emergem do uso do *PrP* no discurso jornalístico.

CAPÍTULO 2: METODOLOGIA

1. CONTEXTO DE PESQUISA E DEFINIÇÃO DOS DADOS

Pela leitura do primeiro capítulo, pode-se ter uma idéia da seqüência lógica de pensamento usado neste trabalho, para direcionar tanto a revisão da literatura da área quanto para nortear as buscas pelas respostas da questão de pesquisa. Com base nas várias visões de tempo verbal e tempo de evento e referência, do aspecto nas línguas portuguesa e inglesa, dos estudos sobre o *PrP* e suas funções e da contextualização do discurso jornalístico, faz-se necessário ter um planejamento de caráter metodológico que nos aponte os resultados de forma clara e objetiva. Desta forma, esse capítulo se inicia com uma descrição do contexto de pesquisa e definição dos dados, seguida dos procedimentos de coleta e análise dos dados.

Ao considerarmos que o objetivo deste trabalho é o de descrever as situações de uso e as funções do *PrP* no discurso jornalístico, disponível no meio digital, o caminho encontrado, e que por conseguinte, melhor se adequou às necessidades deste trabalho, foi o da pesquisa de caráter documental (Sanghera, 2002), pois permite incluir e agrupar uma série de documentos a um contexto de pesquisa. A escolha por essa metodologia de pesquisa tem como premissa a definição de documento de acordo com Sanghera (2002, p.1), a saber, um texto escrito, seja ele impresso, por meio digital (internet) ou arquivos:

A broad definition of a document is a written text. Writing is the making of symbols representing words and involves the use of a pen, printing machine and other tools for inscribing messages on some material medium (such as paper). Similarly, electronic means of storing and displaying texts (files and documents) are also true documents. Documents may be regarded as physically embodied

texts, where the containment of the text is the primary purpose of the physical medium. Sanghera (2002, p.1)

Neste trabalho, portanto, os documentos coletados são os dados, particularmente os denominados de textos jornalísticos, que têm como principal característica descrever o uso do *PrP* nas notícias na mídia digital conforme o conceito e visão de documento estabelecido pelo referido autor:

Documents are to be used to examine unstated, tacit and implicit meanings and structures embedded within the documents, as they refer to some underlying social patterns or values. Like interviews and statistics, documents are seen as topics, not as resources – i.e., to be used to make sense of how social actors construct reality, rather than to be used to reflect it. Sanghera (2002, p.2)

De forma geral, explica Sanghera (2002, p.4), o pesquisador deve abordar um documento em três níveis de significado e interpretação: i) os significados que o autor pretende produzir; ii) os significados construídos pelo público e iii) os significados internos, nos quais semioticistas exclusivamente se concentram. Ainda segundo o autor, além dos níveis de significado e interpretação, os critérios de escolha dos dados precisam levar em consideração as seguintes características dos documentos no seu processo de coleta, quais sejam: i) autenticidade; ii) credibilidade; iii) representatividade perante o meio jornalístico e iv) significado (clareza e inteligibilidade do documento, tendo em vista os três significados apresentados anteriormente).

As características e os critérios dos dados serão detalhados adiante, mas é importante destacar que esta pesquisa de caráter documental tem como objetivo analisar e priorizar o primeiro nível apenas, ou seja, os significados que o autor pretende produzir por meio de suas escolhas, e mais especificamente, ao usar o *PrP*, por se tratar de um estudo descritivo e de cunho meramente pedagógico. Porém não se descarta a premissa de que a notícia, como exposto no capítulo anterior, segundo Fowler (1991, p.4), é uma representação do mundo na língua e que todo discurso é um produto social e uma prática social, ou seja, toda notícia transmite valores e está relacionada a uma determinada ideologia.

Assim, posso resumir que a metodologia deste trabalho, baseado na classificação de Sanghera (2002) como uma pesquisa documental, está totalmente de acordo com a discussão abordada na literatura a respeito da

notícia como um exemplo de prática social e, conseqüentemente, permeada por certa ideologia.

Além disso, como este trabalho é uma descrição de documentos, ou seja, dados que representam um conteúdo, nesse caso, textos jornalísticos, ele envolve tanto formas quantitativas como qualitativas de análise, pois nas palavras de Sanghera:

Documents do not stand on their own, but need to be situated within a theoretical frame of reference in order that its content is understood. For this purpose, we can use content analysis, which compromise three stages: stating the research problem, retrieving the text and employing sampling methods, and interpretation and analysis. Content analysis takes both quantitative and qualitative forms. (...) This quantification strategy is assumed to enhance both the reliability and validity of the classified data.(...) Qualitative analysis views the author as a self-conscious actor addressing an audience under particular social and political circumstances.(...) The researcher considers not only how existing interpretations are constructed, but also how new ones are developed and employed. While author's intended meanings are important, analysing the reader's social situation is also crucial to interpreting the text. Sanghera (2002, pp.4-5)

Após termos definido o tipo de metodologia a ser empregada nesse trabalho, é fundamental definir o porquê do uso dos textos jornalísticos como dados desta pesquisa. Segundo Bell, existem vários motivos pelos quais os lingüistas podem se beneficiar da pesquisa com base nos textos jornalísticos com o propósito de entender o discurso escrito e a lingüística diacrônica:

To linguists, media language can provide data relevant to questions of theoretical importance. (...) News production processes mean we can gain access to language on the production line as it is composed and edited by journalists and news workers. It illuminates the ways people compose and amend written discourse. The media can provide data for diachronic linguistics – the study of language change. Bell (1991, p.6)

Bell (1991, p.9) também afirma que as razões para utilizar a mídia jornalística como dados de pesquisas, deve-se ao fato de que a mídia nos provê de dados de qualidade, adequados em quantidade e comparativamente fáceis de acessar. Também é interessante ressaltar que, de acordo com van Dijk (1988, p.96), a produção de notícias deve ser amplamente reconhecida como uma questão de processamento de texto, particularmente porque a maior

parte da informação utilizada para escrever um texto jornalístico vem na forma de discurso, algo relevante para o contexto deste trabalho.

Ademais, com base na experiência e observação do pesquisador no ensino de inglês como LE, grande parte dos professores recorre a diversos gêneros, entre eles o jornalístico, através da mídia digital, por causa da facilidade de acesso. Além disso, como referi anteriormente, escolhi os jornais e revistas porque eu também os uso e por isso foi a partir desses textos que notei a função discursiva do *PrP*. Para isso, esta pesquisa priorizou, em sua coleta, textos do gênero jornalístico que pudessem trazer maiores informações sobre uma variedade de assuntos, de acordo com os critérios de escolha explicitados anteriormente, ou seja, o texto jornalístico precisa ser autêntico, ter credibilidade, ser representante no meio jornalístico e denotar clareza e inteligibilidade. Com o intuito de satisfazer esses critérios, deu-se preferência a coletar textos jornalísticos, fundamentando nos tipos de notícias categorizadas por Bell (1991, p.14) em *hard* e *soft news*. É essencial lembrar que os tipos de notícias analisadas neste trabalho são aquelas cujos conceitos foram amplamente discutidos no capítulo anterior: as *hard* e *soft news*.

Para corroborar os quatro critérios de escolha definidos por Sanghera (2002), foram coletados 60 textos jornalísticos autênticos, via meio digital entre os jornais e revistas de maior credibilidade e representatividade em dois países de língua inglesa, quais sejam, Estados Unidos e Reino Unido. Tendo em vista o foco pedagógico deste trabalho, a escolha por esses países corresponde não apenas aos países que fornecem as maiores fontes de informação utilizadas por professores brasileiros na preparação de materiais didáticos, mas também por refletir as duas maiores variedades lingüísticas da língua inglesa ensinadas no Brasil, o inglês americano e britânico.

De acordo com Bell (1991, p.22), decidir sobre o tempo de coleta de dados faz parte também da definição do universo no qual as amostras se inserem. Nesta pesquisa, para não gerar dúvidas de que o uso do *PrP* se limita a um tipo específico de jornal, autor, época ou tendência seguida por determinadas linhas ou manuais de jornalismo, decidiu-se por fazer uma coletânea de 60 textos jornalísticos representativos de jornais e revistas da mídia digital considerados como originados da imprensa de qualidade. Ou, como chama Bell (1991, p.20), *elite readership*, textos escritos por uma

diversidade de jornalistas e por um período de coleta que compreende de Novembro de 2003 a Janeiro de 2008, com o intuito de verificar o processo contínuo e diacrônico do uso do *PrP* nas notícias.

A facilidade de acesso aos textos, atualmente, se deve ao fato de que a maior parte dos textos foi retirada dos *websites* dos próprios jornais na Internet. No entanto, houve dificuldade de coletar alguns textos, pois muitos dos *websites* só permitem visualizá-lo de forma gratuita no dia da veiculação da notícia, razão pela qual mais de 95% dos textos foram salvos em arquivos no computador no próprio dia da notícia, o que confere imediatismo e credibilidade ao contexto desta pesquisa. Entretanto, deve-se considerar que, no que diz respeito à coleta de dados feita via meio digital, tem que se considerar alguns aspectos importantes, entre eles, uma reflexão crítica sobre o documento, visto que a internet também reflete certa ideologia e poder e, no caso dos dados desta pesquisa, eles refletem o discurso escrito da imprensa de qualidade. Segundo Sanghera:

While new technologies (e.g., the internet) offer possibilities for acquiring documents, researchers have to exercise a critical reflexivity since much of the documents on the internet are produced by powerful political, cultural and economic groups, who want to ensure that particular images reach the public domain, and wish to counter bad images with more favourable representations. Sanghera (2002, p.6)

Entre os 60 textos coletados, 30 são de *hard news* e 30 de *soft news*. Essa classificação foi feita depois de várias leituras para classificar corretamente o tipo de notícias. Note-se que a opção por 30 textos de cada tipo visa mostrar imparcialidade na escolha e, conseqüentemente, havendo o mesmo número de notícias de cada tipo, tornou-se mais fácil observar, do ponto de vista quantitativo, uma maior incidência de *PrP* em um tipo específico de notícia.

Os detalhes de todos os textos coletados, no que dizem respeito ao título do artigo, fonte e nome dos autores, o número de palavras, o assunto e o tipo de notícia e, finalmente, o número de ocorrências de *PrP* são mostrados em um quadro nos anexos deste trabalho.

Convém lembrar que os nomes dos autores, muitas vezes não estão disponíveis, uma vez que alguns textos de *hard news* mostram a notícia a partir

da reprodução de notícias recebidas por intermédio de agências internacionais, como a *Reuters* e a *Associate Press*, sem informar um jornalista específico.

Além disso, ressalte-se que os 60 textos jornalísticos fazem parte de uma coletânea que teve como fonte alguns dos principais veículos jornalísticos dos Estados Unidos e Reino Unido, representantes da imprensa de qualidade e incluem os jornais da mídia digital: *USA Today* e *The New York Times* (EUA); *The Independent*, *The Guardian* e *The Sunday Times* (GB); os sites das revistas *TIME* e *Newsweek* (EUA) e os *websites* da *CNN* e *BBC*, respectivamente. Alguns artigos da versão americana da revista *Newsweek* apareceram previamente e foram coletados no site da MSNBC e, mais atualmente, no próprio *website* da *Newsweek*. Cinco amostras dos tipos de artigos coletados e seus respectivos acessos na internet encontram-se nos anexos, no final deste trabalho, e todas as informações adicionais dos artigos estão no quadro de descrição dos textos coletados no anexo 1 e serão também retomados antes do quadro de cada texto usado na análise.

No que diz respeito ao número de palavras dos textos, variam de 363 a 4829 palavras. A quantidade de textos escolhida reflete a descoberta de textos de interesse geral, durante todo esse período em que se percebeu o uso do *PrP*, de acordo com as funções deste tempo verbal discutidas na revisão da literatura. A escolha dos artigos teve como principal critério que refletissem acontecimentos atuais do Brasil e do mundo e que fossem de interesse geral, de cunho científico ou político, dentro do gênero notícia jornalística ou, como categorizada por Bell (1991, p.91), de *news media*.

Em suma, com base na definição do gênero jornalístico, para a coleta de dados, considerou-se o que Bell (1991, p.17) chama de os tipos de *outlets*, ou seja, quais são as fontes de publicação ou transmissão de notícias em que esses artigos estariam presentes. Neste caso, optou-se por jornais diários, de qualidade, e revistas semanais cujos critérios de escolha levaram também em consideração os estabelecidos por Bell (1991, p.18): área geográfica e tipo de audiência.

Levando-se em conta a área geográfica, foram escolhidos dois países de língua inglesa, Estados Unidos e Reino Unido pela sua representatividade no ensino de inglês como LE no Brasil. No que diz respeito ao tipo de audiência, deu-se preferência a textos considerados da imprensa de qualidade,

na qual a língua culta e padrão é referência, além de textos que possam representar os próprios materiais utilizados por alunos e professores brasileiros na aprendizagem da língua inglesa.

Outra decisão importante que se deve enfatizar foi a escolha dos dias para coletar esses dados. Adotou-se o que Bell (1991, p.23) chama de *semana construída*. Essa técnica, primeiramente desenvolvida por Jones & Carter (1959, pp.399-403), envolve a seleção de dias de forma aleatória por várias semanas para assim se compor uma amostra de várias semanas. Dessa forma, o conjunto de dados coletados inclui notícias de vários dias da semana, o que traz maior amplitude de estilos e diversidade de autores, tópicos e enfoques. Isso quer dizer que esta pesquisa descreve para o leitor uma visão panorâmica das notícias publicadas nos últimos anos, em diferentes dias da semana e sob a ótica de diferentes jornalistas da imprensa de qualidade, a qual vem sendo utilizada, de acordo com Bell (1991, p.20), como meio de pesquisa desde 1970 por pesquisadores como Pool, Lasswell & Lerner (1970), Peterson (1981) e Sparks & Campbell (1987).

2. PROCEDIMENTOS DE COLETA

Os dados foram coletados de forma a apresentar uma pequena, mas relevante amostra do discurso jornalístico, através dos textos que refletem as notícias de momento e outras de opinião sobre fatos correntes, mas também de caráter não tão imediatos. O pequeno número de textos revela a necessidade de se explorar cada contexto mais detalhadamente, e assim, descrever de forma representativa como os produtores, neste caso os jornalistas e autores de importantes jornais e revistas americanas e britânicas, fazem suas escolhas gramaticais pelo uso do *PrP* nos mais diferentes assuntos e situações de uso e que tipos de funções essas escolhas podem representar.

Para demonstrar a variedade do material coletado, escolhi 5 textos jornalísticos com grande ocorrência de *PrP* entre os 60 coletados para uma análise detalhada. As informações de cada um, incluindo título do artigo, referência e nome dos autores, quando disponível, data de publicação, número de palavras, assunto e tipo de notícia, bem como o número de ocorrências de *PrP* nos textos são apresentados no anexo 1. Esse quadro tem como objetivo

descrever o procedimento de coleta dos dados e servir como referência ao leitor quando forem citados os exemplos desses 5 textos na análise e discussão desses dados, posteriormente.

Pela observação do quadro completo apresentado no anexo 1, e do quadro dos 5 textos selecionados a seguir, é possível verificarmos com maior clareza o conteúdo dos dados e, assim, nos atermos aos procedimentos de análise propriamente ditos. É interessante mencionar, entretanto, que o início do processo de coleta e análise dos textos jornalísticos partiu do interesse do pesquisador em entender como o significado do *PrP* se realiza, mediante suas várias funções no texto jornalístico, aliado à motivação de caráter pedagógico de poder descrever como o *PrP* ocorre nesses contextos, a fim de ajudar os alunos a entenderem melhor a função do referido tempo verbal neste tipo de contexto.

Descrição dos Dados Coletados e Selecionados para Análise:

TÍTULO DO TEXTO	REFERÊNCIA E AUTOR(ES)	DATA DE PUBLICAÇÃO	NÚMERO DE PALAVRAS	ASSUNTO E TIPO DE NOTÍCIA	NÚMERO DE OCORRÊNCIAS De <i>PrP</i>
1) <i>President Lula The Boy from Brazil is Back.</i>	<i>The Independent</i> Andrew Buncombe	06.Março.2006	1821	Artigo sobre a visita de Lula ao Reino Unido Tipo: <i>Hard News</i>	41
2) <i>The New Kid in the Barrio</i>	<i>The Guardian</i>	07.Maio.2006	4829	Artigo crítico sobre o governo Hugo Chavez Tipo: <i>Soft News</i>	61
3) <i>Bush Has Created a Comprehensive Catastrophe Across the Middle East</i>	<i>The Guardian</i> <i>Timothy Garton Ash</i>	14.Dezembro.2006	1264	As atitudes de <i>Bush</i> ante o Oriente Medio. Tipo: <i>Hard News</i>	14
4) <i>Pope Benedict The Invisible</i>	www.MSNBC.com <i>Newsweek</i> <i>Joseph Contreras</i>	16.Abril.2007	1110	Artigo sobre a posição do Papa frente a certos problemas Tipo: <i>Soft News</i>	16
5) <i>Bush Tested by Royal Etiquette and</i>	<i>The Guardian</i>	06.Maio.2007	1218	Artigo sobre a questao de etiqueta exigida para o Presidente	21

<i>a White Tie</i>	<i>Suzanne</i>			<i>Bush</i> quando da visita	
<i>Americans Have</i>	<i>Goldenberg</i>			da Rainha <i>Elizabeth II</i>	
<i>Greeted the</i>				aos <i>EUA</i> .	
<i>Queen With</i>				Tipo: <i>Soft News</i>	
<i>Respectful Curiosity</i>					

3. PROCEDIMENTOS DE ANÁLISE DOS DADOS

A intenção em descrever a função do *PrP* começou a se desencadear mais efetivamente, ao se depararem os primeiros textos jornalísticos coletados que tratavam, no final de 2003 e início de 2004, de algumas características pessoais do atual presidente da república do Brasil, Luiz Inácio Lula da Silva, conhecido como presidente Lula. Tais textos chamaram atenção pela frequência das ocorrências de *PrP* e, conseqüentemente, suscitaram a busca por outros textos e assuntos, para que se pudesse verificar se a ocorrência do *PrP* também aparecia em outros contextos e que significados o produtor pretendia expressar, escolhendo este tempo verbal.

Para isso, depois da coleta de uma considerável quantidade de textos jornalísticos, e de posse de todos os dados, procedeu-se à análise da seguinte maneira: primeiramente, após várias leituras dos textos foram selecionados os 628 exemplos de ocorrência de *PrP* no contexto de cada um dos 60 textos jornalísticos, em que havia o uso deste tempo verbal, isto é, de posse dos textos, foram analisados os textos inteiros, para verificar onde havia a ocorrência do *PrP*, considerando-se seu devido contexto.

Em segundo lugar, cada exemplo foi classificado, tendo em vista cada uma das funções, categorizadas e explicadas de acordo com o enquadre metodológico da teoria de Nishiyama & Koenig (2005) e Engel & Ritz (2005) apresentada no capítulo anterior.

Em terceiro lugar, uma nova leitura detalhada, seguida da análise pormenorizada das ocorrências de *PrP* nos 60 textos jornalísticos, permitiu que se fizessem alguns recortes e eu escolhesse 5 textos para mostrar na sua íntegra a identificação e análise das possíveis funções do *PrP* no discurso jornalístico.

Em quarto lugar, cada um dos 5 textos foi analisado individualmente como ilustra o primeiro texto jornalístico, *President Lula: The Boy from Brazil is*

Back, do jornal britânico *The Independent*, do jornalista Andrew Buncombe, de 06 de Março de 2006, que foi selecionado entre os 60 textos coletados, apresentado adiante para efeito de amostragem dos procedimentos de análise, nos quais cada uso do *PrP* foi selecionado, e posteriormente considerado minuciosamente em forma de quadro até se conseguir concluir a qual função os dados se relacionavam. Após cada quadro sobre a análise dos 5 textos segue uma discussão e descrição pormenorizada das funções do *PrP* realizadas nos textos em questão.

Apresenta-se a seguir uma pequena amostra do processo de análise do primeiro texto selecionado com as devidas demarcações que ocorreram em forma de quadro no intuito de apresentar o formato da análise dos textos do capítulo que se segue:

Texto dividido em parágrafos	Comentários
<p>TEXTO - <i>President Lula: The Boy from Brazil is Back</i></p> <p><i>Lead:</i> President Lula, who arrives in Britain today for a state visit, has survived a corruption scandal and austere economic circumstances to ride high in the polls, says Andrew Buncombe</p> <p>Less than six months ago Brazil's President, Luiz Inácio Lula da Silva, appeared down and out. Racked by a campaign funding scandal that enveloped his party, he was trailing in the polls and there would doubts he would even fight for re-election.</p>	<p>Classificação das Ocorrências do <i>PrP</i> de acordo com as funções discursivas</p> <p>1 <i>PrP</i> <i>Background information</i>, o uso de <i>has survived</i> indica uma função resultativa, de relevância atual e também <i>hot news</i> para chamar a atenção do receptor para uma informação relevante que será explicada no decorrer do texto</p>
<p>Now the man universally known as Lula appears to have bounced back and arrives in London today for a three-day state visit. He has lost 30lbs, foresworn alcohol and been politically reinvigorated by new numbers that show his approval rating has jumped to 53.3 per cent from a low of 47 per cent in November and suggest he could win re-election in October.</p>	<p>5 <i>PrP</i> <i>appears to have bounced back</i> = estrutura que denota o aspecto do <i>PrP</i> no infinitivo indicando a função de pressuposição de evidência, ou seja, essa ocorrência demonstra que uma premissa é constituída para se estabelecer uma relação discursiva de evidência comprovada a partir do uso dos outros verbos. O fato, de relevância atual, introduz o parágrafo, enfatiza o resultado atual e mostra a escolha do produtor através do verbo <i>appears</i> que introduz uma forma de infinitivo para o aspecto do <i>perfect</i> que parece ter uma função de modalizar o discurso do produtor</p>

	<p><i>has lost, has foresworn, has been reinvigorated</i> = indicam função resultativa além de pressuposição de evidência em relação ao primeiro uso de <i>PrP</i> no início do parágrafo.</p> <p><i>has jumped</i> mostra o uso do <i>PrP</i> de função resultativa a partir das estatísticas que reforçam o valor da informação</p>
<p>Mr da Silva has also gone back on the attack and dropped the defensive tone he adopted at the peak of the scandal.</p>	<p>2 <i>PrP</i> <i>has also gone back</i> = resultativa com uso de advérbio de intensidade <i>also</i> para intensificar o valor da notícia</p> <p><i>has dropped</i> = resultativa</p>

CAPÍTULO 3: ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Fundamentando-nos na revisão da literatura apresentada no capítulo um e no capítulo anterior, em que se apresentaram o contexto de pesquisa, a definição dos dados, os procedimentos de coleta e análise dos dados, seguem-se a análise e discussão dos resultados. Levando-se em conta a escolha de 5 textos entre os 60 textos jornalísticos coletados para efeito de amostragem do processo de análise e de descrição das respectivas situações de uso, essa análise e discussão, de motivação e foco principalmente pedagógico, visa descrever por meio dos referidos textos as escolhas lingüísticas dos produtores, em relação ao uso do *PrP* e, conseqüentemente, analisar que funções emergem desses contextos e se estas influenciam ou tem algum efeito na expressão do significado da notícia e no discurso jornalístico, em geral. Ao final do capítulo, serão demonstrados, resumidamente, os resultados com as funções que emergem do uso do *PrP*.

O enfoque dessa análise consiste, portanto, em descrever e organizar os textos coletados, com base no estudo das categorias apresentadas por Schwenter (1994), Engel & Ritz (2005) e Nishiyama & Koenig (2005, 2006), e sob a ótica dos pilares teóricos do discurso jornalístico evidenciados no capítulo um deste trabalho: Bell (1991), Halliday (1978, 1985), Fowler (1991), Fairclough (1995, 1999, 2001), Goffman (1998), Bednarek (2005) e Lauerbach (2007) com o intuito de contribuir para uma melhor descrição do uso do *PrP* e responder assim às perguntas de pesquisa.

1. ANÁLISE

Para iniciar a resposta à indagação que norteia a pesquisa, é importante revermos de forma sucinta as principais funções do *PrP* apresentadas na revisão de literatura, antes de iniciarmos a análise propriamente dita. Segundo Schwenter (1994), Nishiyama & Koenig (2005), as principais funções apresentadas pelo *PrP* são: a resultativa ou continuativa, a experiencial, a epistêmica (uso evidencial e negociação de tópico), pressuposição de evidência, e a relevância atual, dividida em *hot news* e complementada pela subdivisão de Engel & Ritz (2005 a) em *hot news* de narrativa vívida.

Conforme apresentado nos procedimentos de análise, foram selecionados 5 textos com maior frequência de *PrP* para uma análise detalhada. O primeiro texto selecionado é, *President Lula: The Boy from Brazil is Back*, do jornal britânico *The Independent*, do jornalista Andrew Buncombe, de 06 de Março de 2006, contextualizando a visita do presidente Lula ao Reino Unido:

<p>TEXTO 1 - <i>President Lula: The Boy from Brazil is Back</i></p>	<p>Classificação das Ocorrências do <i>PrP</i> de acordo com as funções discursivas</p>
<p><i>President Lula, who arrives in Britain today for a state visit, has survived a corruption scandal and austere economic circumstances to ride high in the polls, says Andrew Buncombe</i></p>	<p><i>has survived</i> = experiencial, resultativa e <i>hot news</i> com relevância atual como parte do <i>lead</i>, isto é, parágrafo inicial do texto</p>
<p><i>Now the man universally known as Lula appears to have bounced back and arrives in London today for a three-day state visit. He has lost 30lbs, foresworn alcohol and been politically reinvigorated by new numbers that show his approval rating has jumped to 53.3 per cent from a low of 47 per cent in November and suggest he could win re-election in October.</i></p>	<p><i>appears to have bounced back</i> = estrutura que denota o aspecto do <i>PrP</i> no infinitivo indicando a função de pressuposição de evidência, ou seja, essa ocorrência demonstra que uma premissa é constituída para se estabelecer uma relação discursiva de evidência comprovada a partir do uso dos outros verbos. O fato, de relevância atual, introduz o parágrafo, enfatiza o resultado atual e mostra a escolha do produtor através do verbo <i>appears</i> que introduz uma forma de infinitivo para o aspecto do <i>perfect</i> que parece ter uma função de modalizar o discurso do produtor</p> <p><i>has lost, has foresworn, has been reinvigorated</i> = indicam função resultativa além de pressuposição de evidência em</p>

	<p>relação ao primeiro uso de <i>PrP</i> no início do parágrafo.</p> <p><i>has jumped</i> mostra o uso do <i>PrP</i> de função resultativa a partir das estatísticas que reforçam o valor da informação</p>
<p><i>Mr da Silva has also gone back on the attack and dropped the defensive tone he adopted at the peak of the scandal.</i></p>	<p><i>has also gone back</i> = resultativa com uso de advérbio de intensidade <i>also</i> para intensificar o valor da notícia</p> <p><i>has dropped</i> = resultativa</p>
<p><i>Speaking during a tour of Brazil's northeastern region, where he was born, he said. "I haven't done everything that needs to be done. But I've certainly already done much more than the elite that governed this country for nearly 500 years and forgot about the poor part of the population."</i></p>	<p><i>haven't done</i> = resultativa</p> <p><i>I've certainly already done</i> = resultativa com uso de advérbios para intensificar a notícia e trazer à tona sua relevância atual que reflete também o uso do <i>hot news</i> de narrativa vívida reforçando a topicalidade do tempo de fala segundo Engel & Ritz (2005b,p.45)</p>
<p><i>Lula has been helped by two factors. First, a corruption scandal that besieged the Workers' Party (PT) and which strongly undermined his position has started to fade from the headlines. Second, he has been boosted by infighting by the main opposition, the Brazilian Social Democratic Party (PSDB), which cannot decide on a presidential candidate. The war of words between the camps of the two main contenders, Jose Serra and Geraldo Alckmin, has been public and often aggressive - especially so in the leaks and comments that their aides have been making to the press.</i></p>	<p><i>has been helped</i> = pressuposição de evidência, prepara o receptor para uma série de fatores que tem relevância e serão descritos a seguir, o uso da passiva indica um certo senso comum, isto é, sem a necessidade de informar a fonte da notícia em questão.</p> <p><i>has started, has been boosted, has been</i> = denotam função resultativa e relevância atual</p> <p><i>have been making</i> = <i>continuativa</i></p>
<p>In the meantime he is acting very much like a candidate, travelling around the country much more than previously to meet people and to be present for photo-opportunities at the inauguration of public works projects - reaping "the fruits of what we planted". Observers are convinced he will run and there is no word of an alternative candidate from within the PT.</p>	
<p>"The scandal has been passing and people have been focusing on what the government has actually been doing," Wanderley Guilherme dos Santos, a professor of politics at the Instituto Universitario de Pesquisas in Rio de Janeiro told The Independent. "There have been a lot of social programmes that have been very good."</p>	<p><i>has been passing, have been focusing, has actually been doing</i> = <i>continuativa</i> com ênfase e uso de advérbio, <i>actually</i>, e uso do <i>PrP Continuous</i> que reforça os efeitos de fatos que ainda tem continuidade e relevância no presente</p> <p><i>there have been</i> = o uso do <i>PrP</i> com o sentido existencial de <i>there</i> e de <i>have been</i> reforçam a idéia de resultado e continuidade</p>
<p>When Brazil's most charismatic left-wing politician for a generation, Lula, was elected three and half years ago in a landslide victory of more than 60 per cent, there was cause for</p>	

<p>much celebration and optimism among leftists within Latin America. The former trade union leader had campaigned on a platform of populist, egalitarian policies and environmental protection. He promised more resources for education and health and vowed to provide land for at least 400,000 landless peasants. Along with Hugo Chavez of Venezuela, Lula - who campaigned against the military dictatorships of the 1970s and 1980s - represented an alternative vision for those opposed to the "neo-liberal" economic agenda of Washington.</p>	
<p>"So far, it has been easy," he declared at the time. "The hard part begins now. We will work around the clock to fulfil every one of our campaign promises." Laden down by a IMF loan of \$30bn (£17bn) signed by his predecessor, he has been forced to enforce a series of stringent austerity demands and debt repayments. The pay-off has been a steady growth of about 2.6 per cent - too slow for some critics who say Brazil should match China's 10 per cent, but enough to create a degree of security. At the same time, interest rates of 17.5 per cent have helped the banks but probably stalled further economic growth in a country of 186 million people.</p>	<p><i>has been</i> = resultativa</p> <p><i>has been forced</i> = resultativa com ênfase na VN com o verbo <i>forced</i> na passiva</p> <p><i>has been</i> = resultativa precedendo estimativas, estatísticas</p> <p><i>have helped</i> = resultativa a partir de estatísticas</p>
<p>At the same time, Lula claims he has been trying to tackle the issues of most pressing importance to many outside Brazil - the continuing destruction of the Amazon rainforest. Prior to his election victory in 2002, Lula campaigned vigorously as an environmentalist but in office it has been harder for him to match the rhetoric with deeds.</p>	<p><i>has been trying to tackle</i> = continuativa</p> <p><i>has been</i> = continuativa</p>
<p>Agriculture remains the "green anchor" of the country's economy and the rainforest has been seen as a source of new arable land for crops such as soy beans, which in 2004 accounted for 10 per cent of Brazil's total exports. Brazil is the world's largest exporter of beef, coffee, orange juice and sugar, and is among the leading exporters of soy, poultry and pork. In 2004, total agricultural exports earned Brazil around \$40bn. But the pay-off has been the destruction of the rainforest.</p>	<p><i>has been seen</i> = uso da passiva para distanciar o agente e enfatizar o resultado</p> <p><i>has been</i> = resultativa com relevância atual</p>
<p>In the 12 months from July 2003 an estimated 10,500 square miles was cut down - the second largest annual amount on record. Brazilian officials said last December that the amount of deforestation between summer 2004 and 2005 had been cut by 31 per cent, but it still represented 7,300 square miles of forest being cleared for farmers, ranchers and mineral prospectors.</p>	
<p>Indeed, just last week Lula approved a measure that offered 40-year contracts to the highest bidder for logging up to 3 per cent of</p>	

<p>the total remaining Brazilian rainforest. He said the scheme would help fight wildcat logging by paying for a new forestry service. Environmentalists around the world, however, are not convinced by this.</p>	
<p>But they, of course, have not been Lula's biggest problem. The greatest threat to him running for and winning a second term was the corruption scandal that undermined his party and was firmly cemented in the popular imagination by the arrest of a political aide as he left Sao Paulo airport and was found to have \$100,000 worth of Brazilian reals stuffed into his underpants.</p>	<p><i>have not been</i> = pressuposição de evidência, prepara o receptor para uma série de fatores que sustentam a proposição realizada com o <i>PrP</i></p>
<p>Behind the arrest of the low-level aide in July last year was a far-reaching bribes-for-votes scandal, initially made public when a disgruntled politician, Roberto Jefferson, alleged that party officials had bribed politicians from coalition parties to vote for pieces of legislation. Mr Jefferson claimed that the owner of two advertising agencies had acted as an intermediary.</p>	
<p>The PT, which has long styled itself as a clean-fighting political party, initially ignored the allegations. But that became an untenable position once a news magazine obtained documents that showed the advertising agency's chief had been guaranteeing loans of more than \$1m to the party. The name of the party's chairman, José Genoino, a former left-wing guerrilla, was also on the documents and he was forced to step down.</p>	<p><i>has long styled</i> = relevância atual enfatizado com o uso de <i>long</i></p>
<p>The scandal had the potential to do even more damage had there been more documentary evidence about those involved in the scandal. But observers in Brazil believe the scandal has begun to fade from the front pages because there have been few new developments and that the allegations have been repetitive. The PT, it seems, has ridden out the storm.</p>	<p><i>has begun,, there have been, have been</i> = resultativa <i>has ridden out</i> = hot news</p>
<p>"The scare is beginning to pass," said Ricardo Guedes, the director of the Sensus Institute, which conducted the poll.</p>	
<p>"Voters are starting to focus instead on the government's achievements," he added.</p>	
<p>Professor Guilherme dos Santos said that despite the corruption scandal, Lula had introduced several programmes aimed at helping the lives of his base support - the poor.</p>	
<p>One of these was an ambitious anti-poverty programme called Zero Hunger, or Fome Zero, which was in turn replaced by a scheme called the Family Fund. This provided cash to poor families, expanded the number of families eligible for benefits and boosted pay-outs. There has also been a 25 per cent increase in the official minimum wage.</p>	<p><i>There has also been</i> = resultativa</p>
<p>The results have been steady, but genuine. A poverty-tracking index maintained by the</p>	<p><i>have been</i> = pressuposição de evidência</p>

<p>Fundacao Getulio Vargas (FGV) business school, suggests the percentage of the population afflicted by poverty has fallen from 27.3 in 2003 to just over 25 in 2004. In addition to this, experts say that Brazil's notoriously high level of inequality - monitored by the Gini co-efficient, a measure of the gap between the richest and poorest - has also been falling. At one time the inequality in Brazil - most pointedly the difference between the wealthier south and the dirt-poor north east - was among the highest in the world.</p>	<p><i>has fallen, has also been falling</i> = evidências relatadas como resultados através de estatísticas e enfatizada com o uso do advérbio de intensidade <i>also</i> que junto da forma continua do <i>PrP</i> enfatiza um resultado de relevância atual: as diferenças sociais.</p>
<p>Lula - who the most recent poll suggested would win a presidential election with 47 per cent - is certainly happy to cite his achievements.</p>	
<p>"How many countries have achieved what we have: fiscal responsibility and a strong social policy at the same time?" he told The Economist magazine. "Never in the economic history of Brazil have we had the solid fundamentals we have now."</p>	<p><i>have achieved</i> = resultativa com ênfase em fatos de relevância atual <i>have we had</i> = junto do adjunto adverbial de tempo e frequência negativa <i>never</i> o produtor faz uso da inversão junto do <i>PrP</i> para enfatizar ainda mais o VN em questão – <i>hot news</i> de narrativa vívida</p>
<p>He added: "The future will be built on strong investment in education and training, with tax relief to encourage new investment, notably in science and technology."</p>	
<p>The Brazilian President, who will stay at Buckingham Palace during his visit, will hold talks with Tony Blair aimed at advancing the global trade talks held at Doha that were designed to reduce trade barriers and make trade fairer for developing countries. The two countries will also set up a committee to promote the further expansion of bilateral trade, now worth \$4bn annually.</p>	
<p>A Latin American superpower?</p>	
<p>Brazil, if you had not already noticed is now a Bric.</p>	
<p>Three years ago a team of Goldman Sachs economists did Latin America's largest country an enormous service when they predicted that it would become one of the world's great economic powers within 40 years.</p>	
<p>They coined the term Bric to refer to the combination of Brazil, Russia, India, and China in recognition that these political systems now embraced global capitalism. China and India, they said, would become the dominant global suppliers of manufactured goods and services in the world while Brazil and Russia would become similarly dominant as suppliers of raw materials.</p>	
<p>The firm's economists argued that, given sound political decision-making and good luck, the Bric economies together could become larger than those of the world's six most developed countries. The research predicted nothing less than a profound shift in the global</p>	

balance of power.	
Brazil's economy has not performed as well as China's and India's, but by the standards of its recent past it is doing extraordinarily well. Over the next 50 years Brazil is expected to overtake Italy in 2025, France in 2031 and Britain in 2036.	<i>has not performed</i> = resultativa e pressuposição de evidência pois seguem explicações que reforçam essa proposição
Brasil, is the largest and most populous country in Latin America, and fifth-largest in the world. Named after brazilwood (pau-brasil), a tree highly valued by early colonists, it is home to some of the world's most extensive agricultural lands and to vast rainforests.	
Exploiting vast natural resources and a population of 186 million, it is South America's leading economic power.	

O texto constroi a partir da figura do presidente Lula todo um aparato para colocar o Brasil frente aos países que mais se desenvolvem no mundo. A escolha léxico-gramatical e a intertextualidade presente no discurso jornalístico refletem a escolha do produtor na confirmação, ênfase e detalhamento da situação do país e do presidente. No texto de *hard news*, do jornal *The Independent*, sobre a visita do presidente Lula ao Reino Unido, em que se resumem as principais conquistas do governo Lula, o uso do *PrP Continuous* em *have been conducting* é utilizado para criar o efeito de continuidade dos resultados da política da época e estabelece nova coerência discursiva com os outros resultados apontados em seguida no texto, com o uso de *has not led*, *has notched up*, *has closed and reduced*.

O uso do *PrP* prepara o leitor para um série de resultados que, quando percebidos sob a ótica do parágrafo todo, denota coerência e unicidade de informações. Ao lembrarmos das funções discursivas do *PrP* apresentadas no capítulo um, podemos retomar o conceito de função resultativa ou continuativa, de acordo com Nishyama & Koenig (2005), como uma forma gramatical que implica na inferência da persistência de um evento, isto é, demonstra um evento que tem um vínculo com o passado e o traz até o presente momento e ainda pressupõe sua continuidade.

Ao realizar a análise do texto coletado, pôde-se apreender que a função resultativa do *PrP* tende a emergir no discurso jornalístico como pode-se notar no texto em questão, de quatro formas distintas: (i) como um simples resultado, que chamarei de resultado padrão, mas que ajuda na coerência discursiva, (ii)

como um resultado que ainda tem relevância no tempo presente, iii) como resultado de pesquisas científicas, tendo como suporte asserções de pesquisadores de renome e ilustrado através de várias pesquisas e estatísticas, e (iv) como um resultado enfatizado pelo uso de alguns advérbios de intensidade.

Essas novas nuances da função resultativa que se depreende dos textos jornalísticos revelam um avanço por parte desta pesquisa no entendimento da função resultativa no discurso jornalístico. Exemplos de como o *PrP* demonstra a relevância atual e de continuidade também com o *PrP Continuous* aparecem para reforçar a nova tendência junto de outros exemplos da função resultativa e de relevância atual, que também podem aparecer como forma de comprovar por meio de evidências o que foi mencionado na frase topical, como pode-se perceber em, *The results **have been** steady* (pressuposição de evidência), *but genuine. A poverty-tracking index maintained by the Fundacao Getulio Vargas (FGV) business school, suggests the percentage of the population afflicted by poverty **has fallen*** (resultativa) *from 27.3 in 2003 to just over 25 in 2004. In addition to this, experts say that Brazil's notoriously high level of inequality - monitored by the Gini co-efficient, a measure of the gap between the richest and poorest - **has also been falling*** (resultativa).

Pode-se inferir que a convergência de exemplos que demonstram resultado e novidade ajuda a criar no receptor o valor implícito de que as coisas mudaram durante o governo em questão. Percebe-se ainda, apoiando-se em Fairclough (2001), certo tom de ironia. Segundo o autor, os estudos tradicionais sobre ironia a descrevem em termos de "dizer uma coisa e significar outra". Tal explicação é de utilidade 'limitada, porque o que falta é a natureza intertextual da ironia: o fato de que um enunciado irônico 'eco' o enunciado de outro. Nos trechos *Now the man universally known as Lula **appears to have bounced back** and arrives in London today for a three-day state visit. He **has lost** 30lbs, **foresworn** alcohol and **been** politically **reinvigorated** by new numbers that show his approval rating (...)*. A escolha léxico-gramatical do produtor reforça além de uma modalização com o verbo *appears* seguido do *PrP* em forma no infinitivo, uma notoriedade do presidente no que diz respeito a algumas questões e reforça algumas de suas atitudes não necessariamente de cunho político que podem ajudá-lo no processo de re-eleição.

A intertextualidade aparece principalmente no que refere à questão do consumo de álcool, fato relatado inúmeras vezes pela imprensa internacional em 2004 como de grande repercussão internacional. O produtor faz também uso constante do verbo *be* no *PrP* o que reforça o sentido de resultado, de ações feitas, de atitudes reconsideradas que o texto procura promover.

Em suma, a escolha do *PrP* ajuda o produtor a estabelecer uma relação com o receptor ao trazer à tona fatos importantes do governo Lula como forma de contextualizar para o leitor britânico quem é esse presidente e como tem sido sua trajetória como presidente do Brasil. Vejo que a importância dada a alguns fatos, realizados pelo uso do *PrP* principalmente resultativa, comprova e reforça a necessidade pragmática do produtor reafirmar a tese apresentada no início do texto de que: *President Lula, who arrives in Britain today for a state visit, **has survived** a corruption scandal and austere economic circumstances to ride high in the polls.*

Dessa forma, a proposição pressuposta constitui realmente algo tomado como tácito pelo produtor do texto que faz uso freqüente do *PrP* para reforçar resultados obtidos pelo governo do presidente Lula. A argumentação se constrói tendo como base uma série de premissas consabidas de caráter entimemático, isto é, as escolhas léxico-gramaticais refletidas nas necessidades pragmáticas do produtor ajudam o leitor do *website* do jornal *The Independent* a formular uma visão sobre o presidente brasileiro e seu governo; visão que pressupõe certamente algum valor ideológico e que posiciona o receptor frente a essa visita de estado de uma forma mais direcionada a intenção do produtor do texto.

O segundo texto de *soft news* a ser analisado é o do jornal *The Guardian*, sob o título, *The New Kid in the Barrio*, de 07 de Maio de 2006, em que uma crítica sobre a pessoa e o governo do presidente Hugo Chávez traz uma compilação de fatos importantes, repletos de escolhas léxico-gramaticais relevantes para essa pesquisa e para o entendimento do discurso jornalístico como um todo:

Texto 2: <i>The New Kid in the Barrio</i>	Classificação das Ocorrências de <i>PrP</i> de acordo com as funções discursivas
They call him the the new Che Guevara. Loved	<i>has become</i> = resultativa com relevância

<p>and loathed in equal measure, Venezuela's President Hugo Chávez has become the poster boy of the international left, revered by his disciples at home but reviled in Washington. On the eve of Chavez's visit to Britain, foreign affairs editor Peter Beaumont travels to Caracas and asks if the Castro-loving, Bush-hating, head of state is a revolutionary democrat or a dictator in the making?</p>	<p>atual, mas também com características de <i>hot news</i> por aparecer no <i>lead</i> e enfatizar o VN.</p>
<p>It is Sunday, and in Venezuela it's time to watch President Hugo Chávez's television programme. This week he has taken his media roadshow to the town of El Tigre, where Aló Presidente is being broadcast from one of the cost-price supermarkets - known as Mercals - that he has set up to provide cheap food for the poor. As always, the show's main interest, its star, is the President himself.</p>	<p><i>has taken = hot news</i> <i>has set up = resultativa</i></p>
<p>In a red shirt worn over a red T-shirt, Chávez leaves his anchor's table and strides through the store. He picks goods off the shelf and reads aloud from the packets, which are printed with extracts from his constitution, and offers a little homily on each. He is accompanied by a wilting and sweating Daniel Ortega, the former Nicaraguan President and Sandinista leader, who looks on baffled as Chávez maintains a breathless commentary on the micro-management of his 'Bolivarian revolution' by way of the food basket.</p>	
<p>'I shouldn't say I hope you win, because they will accuse me of sticking my nose into Nicaraguan internal affairs,' Chávez jokes with Ortega at one point. 'But I hope you win!' However, it is not Nicaragua's elections in November Chávez has on his mind but Venezuela's presidential elections the following month. For that reason, he is showing off the quality of food he is providing for the poor, who he can reasonably expect to keep him in power. 'Mmm ... smell that,' says the President, opening a bottle of ketchup. 'Mmmm!' Ortega affirms when the bottle is shoved under his nose.</p>	
<p>A packet of coffee is presented next. 'We should put on the packet that it is 100 per cent Venezuelan,' says Chávez. 'We are going to keep increasing production every year. First for national consumption, then we are going to do something else. Maybe start exporting. Dunno where...'</p>	
<p>The whirlwind of words continues. Chávez talks</p>	<p><i>has just completed = resultativa e relevância</i></p>

<p>to checkout staff. He puts his hand on a woman's arm as she explains that she has just completed her high school degree in one of the special schools Chávez has set up. 'In July, 30,000 people are going to graduate,' Chávez tells her. 'Then you are going to go to a college of further education. Then you'll study nursing...' He greets and kisses other staff before returning to where he started, at his desk.</p>	<p>atual <i>has set up</i> = resultativa</p>
<p>But there is another side to this touchy-feely President, friend of Venezuela's poor. That is the international revolutionary fie brand who talks about the 'coming war with the US' for which he has warned his people to prepare; the friend of Cuba's Fidel Castro; and the figure at the apex of the rapid left-wing swing of South America. This is the man described by US Defence Secretary Donald Rumsfeld as 'Hitler' and by US Secretary of State Condoleezza Rice as the 'most dangerous in the region' - a role that Chávez has gleefully and aggressively played up to, in turn calling Bush 'Mr Danger' and occasionally 'asshole'. (On Rice, Chávez has suggested 'her problem' is sexual frustration.)</p>	<p><i>has warned</i> = epistêmica com pressuposição de evidência e ação futura</p> <p><i>has gleefully and aggressively played up</i> = resultativa com utilização de advérbios que intensificam o VN</p> <p><i>has suggested</i> = epistêmica pois sugere premissa que pode ser verdadeira</p>
<p>The ability of Chávez to prick the US has been made possible not by a large and modern army, or weapons of mass destruction, or support for terror, but by the simple fact of America's large dependence on Venezuelan oil in the middle of an oil crisis. Chávez, a visceral opponent of the influence of America in a Latin America that, like his 19th-century predecessor Simón Bolívar, he would like to lead, has found his dangerous global stage.</p>	<p><i>has been made</i> = resultativa na passiva para distanciar o agente e enfatizar a ação</p> <p><i>has found</i> = resultativa</p>
<p>As self-appointed champion against 'the murderer' Bush, he has acted as ringmaster to those who loathe America's First Man: film stars, musicians, unionists, statesmen and writers. Later this month he arrives in London where he will be entertained by Mayor Ken Livingstone, a long-time Chávez supporter who has accused the US of trying to undermine democracy in Venezuela. Chávez has constructed alliances with everyone the White House hates most - including the Iranian President, Mahmoud Ahmadinejad, and Evo Morales, the left -wing Bolivian President and former coca farmers' leader. And Chávez has included Morales in his 'axis of good' with Castro in his struggle with the US.</p>	<p><i>has acted</i> = resultativa mas também pressuposição de evidência, pois leva o receptor a entender uma série de exemplos que ilustram e suportam a proposição inicial</p> <p><i>has accused, has constructed, has included</i> = resultativa para embasar a proposição inicial</p>

<p>In doing so, Chávez has plugged himself into a series of key international issues that have given him an influence way beyond Venezuela's normal status in world affairs. On issues as diverse as the anti-globalisation movement, Latin America's future political shape, oil, Iran, and even America's relationships with India and China, Chávez is there stirring it up.</p>	<p><i>has plugged himself into, have given = resultativa</i></p>
<p>At home, the people will tell you that all you need to know about the Presidente is on display in Aló Presidente. There he is: enthusiastic, verbose and sometimes staccato – the Castro of an era brought up on soap operas and reality TV. He grazes on ideas as they occur to him. Sometimes they run into the sand. He encourages and fires officials. He sketches the line of planned roads and jokes about his sex life. There are lengthy denunciations of the evils of capitalism and the US. He relates anecdotes from his life appropriate to the day's message. Sometimes he sings in a not unpleasant voice. But what keeps Venezuela's media and political classes glued to The Voice for hours on end is the knowledge that Chávez governs his country via his show. If it has not happened on Aló Presidente on Sunday, Venezuelans think, it has not really happened.</p>	<p><i>Has not happened (2x) = resultativa, a segunda ocorrência, entretanto, com maior ênfase a partir do uso do advérbio de intensidade really; a sentença como um todo sugere a idéia também de uma hot news de narrativa vívida com a finalidade de chamar a atenção do receptor da importância do programa para o povo venezuelano</i></p>
<p>I start watching Aló Presidente near the ugly concrete centre of the capital, Caracas, in a fast food restaurant smelling of criollo, the national dish. One customer stands staring at Chávez on the overhead TV screen. Later he says proudly: 'That's my President, that is.' I recognize the same look later, when I watch more of the show in an apartment in a slum barrio. It is the expression worn by many of those poor and ordinary Venezuelans invited on to Chávez's show and it borders on adoration. It is also a look of deep familiarity. He may be President, the faces say, but he's also one of us.</p>	
<p>On average, Chávez's voice is present in their lives for 40 hours a week in speeches, proclamations and media events, including Aló Presidente. His critics, largely in the middle class-led opposition, have wondered when he finds time to be President. The chavistas (Chávez's supporters) call his opponents escualidos – 'squalid-ones', after their efforts to depose him. They tried once with a farcical coup that lasted two days in 2002 and was defeated by street power when his supporters among the poor demanded to speak to Chávez: to hear from him that he had really 'resigned'. The escualidos tried again by way of the constitution,</p>	<p><i>have wondered = epistêmica pois reflete a expectativa da classe média expressa pelo produtor através do verbo wonder</i></p>

<p>trying to force early elections with a recall referendum – a gambit that also failed.</p>	
<p>Chávez's supporters have no doubts about how he spends his time. They are the main beneficiaries of his misiones, the multi-billion dollar programmes that have provided the Mercals and schools and universities for the poor, financial benefits and healthcare at the hands of 17,000 guest Cuban doctors housed in the poorest areas. It is a support that verges on religious devotion. I hear, but cannot confirm, that there are some who pray to images of Chávez. And nowhere is that devotion more strongly felt than in the Caracas barrio of 23 de Enero (23 January) where Chávez himself votes. This is a place of decrepit tower blocks and box houses that hang precariously from the slopes of the hills surrounding the city. It is not just the danger of landslide that makes this a risky place. One housing block is known as the Seven Men and is home to the barrio's most dangerous gangsters. Across the barrio, huge colourful murals depict Chávez flanked by the two key figures in the mythology of his revolution: Che Guevara and Simón Bolívar, the 19th-century Venezuelan 'liberator' of South America from Spanish colonial rule. It is to this slum that revolutionary tourists from around the world are taken by the chavistas to see Hugo's good works. For Chávez, like Ortega and the Sandinistas in the 1980s, has become a totem for the international left. They come to study for a few months at the 'Bolivarian' University, live in the barrios or volunteer for one of his projects before going home as apostles of his revolution.</p>	<p><i>have provided, has become = resultativa</i></p>
<p>Many visitors are led first into the presence of Lisandro Perez, better known by his nom de guerre of 'Mao', the chief of the municipality. 'Mao's' office sums up the postmodern complexities of Chávez's idea of '21st –century socialism'. The former high school teacher and left-wing guerrilla's walls are decorated with pictures of Chairman Mao, Che and Bolívar. There is a poster of Chávez too along with religious statuary and a wanted poster from 'Mao's days on the run.</p>	
<p>Perez, 47, tells me he has been a rebel since the age of 12, imprisoned five times and tortured while in jail. As we talk, he reaches across to a tape recorder. I anticipate a revolutionary song, perhaps sung by Chávez . Instead it is the Beatles singing 'With a Little</p>	<p><i>has been / has been imprisoned = continuativa; a segunda ocorrência na passive reforça o VN</i></p>

<p>Help from My Friends’.</p>	
<p>Chávez’s Bolivarian revolution, as retold by ‘Mao’, is a mishmash of contradictory ideas. Perez says: ‘Christ was the first and greatest communist,’ that multiparty politics have had their day, but that the revolution is also democratic. If the opposition won in December’s presidential elections the chavistas would respect that victory.</p>	<p><i>have had</i> = resultativa</p>
<p>He claims that the movement does not want to export its revolution to other countries in Latin America and then concludes by saying that it does. ‘In the phase that we are in, Hugo Chávez is very important because he has dared to set the agenda. ... Chávez is the absolute leader because in his role he has permitted the process to go forward. Political parties need to be abolished. We need mass organisations. People should direct the government. That’s why Chávez says, “You the people should govern.” But the truth, as everybody knows, is that Chávez governs almost alone through a politics of improvisation. Venezuelans see it weekly on TV.</p>	<p><i>has dared, has permitted</i> = resultativa para criar a noção de sucesso realmente efetivo</p>
<p>Teodoro Petkoff, editor of the Tal Cual newspaper and putative presidential candidate, describes Chávez (in an introduction to Hugo Chávez sin Uniforme, a biography published last year) as a latterday Zelig - forever changing and forever interposing himself in each scene in history. Other Chávez watchers suggest a different model: that of Argentina’s great populist, Juan Perón, and his wife Evita. The authors of Hugo Chávez sin Uniforme - Cristina Marcano and Alberto Barrera Tyszka - cite the President’s own psychiatrist, who credited Chávez with a ‘narcissistic personality’.</p>	
<p>While both Marcano and Barrera Tyszka are critics of Chávez, they believe he should be given credit for putting poverty on the agenda. I meet the authors, who are husband and wife, in a cafe in Los Palos Grandes, not far from the huge square with its obelisk, typically the scene of opposition rallies. It is the polar opposite to the blocks and narrow alleyways of the barrios. Here air-conditioned restaurants serve chilled wine to ladies who lunch and busy young executives and lawyers.</p>	
<p>Though middle-class themselves, Marcano and Barrera Tyszka place themselves in the rare, and little populated, centre of Venezuela’s</p>	

<p>polarised political life. 'I think most of the time he simply looks and behaves in the way he wants to be perceived,' says Marcano. 'When Chávez is meeting businessmen he dresses like a businessman. If he goes to meet the poor he wears his red shirt open at the neck. He wants to be loved.'</p>	
<p>But not loved by everyone of course. 'He has always had the necessity of an enemy both external and internal,' says Marcano. 'It is an old trick of his. He calls Bush a murderer and gets the attention of the world and captivates the left.' 'How can you be a big hero,' interjects Barrera Tyszka, 'in the mould of Bolívar or Guevara, without an enemy?' Marcano believes, moreover, that beyond the theatrics there is a real Chávez who remains as yet unseen and untested. 'I have always said that we will get to know the real Chávez only when he stops being popular... What will he do then?'</p>	<p><i>has always had</i> = continuativa <i>have always said</i> = epistêmica, idéia de possibilidade de ação futura</p>
<p>That is the big question. His bellicose rhetoric in opposition to the US has seen an increase from 10 per cent to 30 per cent of Venezuelans who believe the US will eventually invade. And fear is useful. Citing the US threat, Chávez is militarizing Venezuelan society, raising a new territorial guard, which can be seen assiduously training in Venezuela's public spaces.</p>	<p><i>has seen</i> = resultativa com estatísticas e característica de <i>hot news</i></p>
<p>What does Chávez's revolution stand for? Is it Marxist or religious in its inspiration? Does it represent a new economics, as he insists, or is it dependent on the old capitalism he claims to despise? Then there is Chávez himself. Is he democratic or authoritarian? Above all, where does the rhetoric of his struggle with the US, with its threats, its risky alliances and ominous warnings of invasions and 1,000-year resistance wars, begin and end? Above all, what is real and what theatrical performance? Certainly his left-wing credentials are not in doubt. Born in 1953 of mixed Amerindian, African and Spanish descent (his parents were schoolteachers in Sabineta), Chávez came from the group to whom he now appeals: the poor. As a boy he was sent to live with his grandmother, but it was the army – which he joined at 17 – that moulded him, giving him the education that would otherwise have been unavailable. And it was as a young officer that Chávez first developed his ideas about 'Bolívarianism' that later were forged into his Revolutionary Bolivarian Movement-200.</p>	<p><i>have been</i> = resultativa</p>

<p>It was founded on a combination of the romantic ideals of South America's anti-colonial struggles and a strong sense of social justice. It found its expression amid the economic stagnation and collapse of party politics in the late 1980s, culminating in a failed neo-liberal experiment that made Venezuela's poor more impoverished.</p>	
<p>The scene was set, in 1992, for an attempted coup by Chávez and his supporters in the military. It ran into the ground when the unit commanded by Chávez failed to seize the initiative in the capital. To avoid further bloodshed, the captured Chávez was put on TV. What happened next was to launch his career as a popular leader. The handsome and media-friendly young officer asked his soldiers to stand down, famously telling the country that he had failed 'por ahora' - for now. And, as Chávez the failed golpista was jailed, Chávez the democrat was born. The two characters have never been reconciled.</p>	<p><i>have never been</i> = resultativa</p>
<p>As a democrat, Chávez has won election after election largely fair and square since his first campaign in 1998. There are few egregious human rights abuses, little serious repression and, despite a new media law, Venezuela enjoys a lively and usually critical press.</p>	<p><i>has won</i> = resultativa com característica de <i>hot news</i></p>
<p>If the middle class-led opposition has failed to remove him democratically it is not because of widespread skulduggery; it is because its movement is fragmented and represents, for all its claims to the contrary, a minority . But there is another prism through which Chávez's democratic credentials look more dubious. On top of his leadership of the failed coup, and his relationships with left-wing revolutionary guerrillas, there is the fact that in his seven years in power he has consolidated personal control over all of Venezuela's institutions.</p>	<p><i>has failed, has consolidated</i> = resultativa</p>
<p>The army answers to Chávez, as does the central bank, the treasury and the state oil-company PDVSA, which provides the vast bulk of Venezuela's revenue as the world's fifth-largest oil exporter. In 2002, when many members of the 19,000-strong company joined a lock-out strike in support of calling early elections to oust him, he fired them all, replacing them with chavistas. He has packed the judiciary with his supporters and rewritten the constitution to suit his ends. Most worryingly, he has talked about finessing the constitution to enable him to stay in office until 2030.</p>	<p><i>has packed, has rewritten, has talked</i> = resultativa com relevância atual</p>

<p>And it is not just because of his political inclinations that Chávez appears to be being pulled in contrary directions – between the authoritarianism of the classic South American caudillo (strongman) and democrat. His personality too appears to be elusive and, say observers, deeply unpredictable.</p>	
<p>For a dictator in the making, as his opponents claim he is, he may have the rhetoric and perhaps some of the inclinations of a caudillo, but his record in confrontation has been more mixed. When Chávez began reallocating land from major landowners to the poor, whom he had encouraged to squat, it looked like the end for Venezuela's major estates – the latifundios – including the British-owned Vestey. But Chávez stopped short. For now the policy is one of negotiation, allowing the big businesses to keep some land in exchange for giving up a little. Then there was the confrontation with the middle classes, which resulted in the names of anyone who had signed a petition for a referendum demanding Chávez's recall (popularly known as la lista) being published by a prominent Chávez supporter. This so-called 'Tascón list' was subsequently used to deny signatories government jobs and contracts. It looked like an old-fashioned purge.</p>	<p><i>has been</i> = pressuposição de evidência, prepara o receptor para uma série de fatos que explicam a proposição</p>
<p>On the steep, grassy banks of the busy autopista linking Caracas and the coast, I meet a victim of the Tascón list at an opposition demonstration. They are a strange group, mostly older and well-dressed professionals and well-to-do Caracas housewives, some of them in T-shirts proclaiming their allegiance to the 'National Commando of the Resistance'. It is not a formation, you imagine, that scares Chávez.</p>	
<p>Among them is Rodello Gonzales Martinez, 55, a former commercial pilot who had signed la lista in 2003-04. 'When I went to reapply for my licence and medical, nothing happened for a long time. I didn't get a reply,' he says. 'When I finally went to the Ministry of Transportation in person the girl asked for my ID. She typed in my name and said: "You're on the list" and ripped up my application in front of my face.'</p>	
<p>It is a familiar story, although whether it is as widespread as the opposition claims is impossible to tell. Again Chávez backed down, publicly calling on his supporters to stop using the list to punish escualidos - one of a series of</p>	

measures to court the middle classes.	
<p>Most telling, there is evidence that, despite his tough language with the US, and a flurry of 'deals' to sell his oil elsewhere, he has done little to restructure Venezuela's oil business and steer it away from the convenient flow of America's billions that are paying for his revolution.</p>	<p><i>has done</i> = resultativa</p>
<p>It is contradictory, like so much in the Bolivarian Revolution. Yet Alberto Garrido, one of Venezuela's most respected political analysts, believes it is possible to reconcile the two Chávezes. 'Chávez has threatened to blow up his own oil installations in the event of an American invasion. You can consider it rhetoric, but it is not really that. He is intent on destroying imperialism. By that he means the "empire of the US". His discourse doesn't include Europe. It is very localised. But while the reality is Latin America's independence from US influence, the reality is changeable. Chávez is tactically pragmatic, but strategically obsessive. Since he is pragmatic, he will continue selling oil to the US and resist pressure from more radical sectors of his movement to stop. 'What needs to be understood is that his main interest is geopolitical. Everything that can be seen as ambiguous needs to be recognised as the fact he is leading a transitional phase. He will allow the US to keep paying for his oil to strengthen his project. His project - he has said it himself - will be 20-30 years in the making.'</p>	<p><i>has threatened, has said</i> = epistêmica com implicação de possibilidade futura</p>
<p>It is the message that is visible on children's singlets being sold by a street vendor at a chavista rally. Beneath screenprinted images of Chávez's face the legend reads: 2030. But what you realise, walking with these young people through Caracas's dirty streets behind lorries blasting out music and bands of drummers, is that, for all the contradictions of his revolution, Chávez has harnessed the energy of the impoverished majority. The noisy good humour of the thousands, who march, the dynamism, is in stark contrast to a rival rally called by the opposition. The chavistas march and sing and fill the capital's streets, the middle classes opt to lie down and play dead.</p>	<p><i>has harnessed</i> = resultativa</p>
<p>It is hot and humid in Caracas: the rainy season has yet to come. It is a national holiday and so those who can afford it have driven to the beaches. The alternative is the Magic Mountain, an amusement park in the foothills of the Andes, a cable car ride above the capital. It is not</p>	

<p>cheap, so most of those queuing for the ride up above the forested slopes are middle class. They stroll along paths above a plunging valley filled with the weekend villas of the wealthy. Inside its alpine-themed restaurant, Juan Garcia, an electrical engineer, is eating a picnic with his two children.</p>	
<p>'We like to come when it's cool,' says Juan, 43, a fierce opponent of Chávez. 'I am completely against him. He is pushing our country into something that it's not. The social struggle that he talks about among Venezuela's classes - before he came it did not exist. He has strengthened the hate between the poor and the rich. He gives the impression that if they follow him they can all wear white clothes and drive nice cars. Unfortunately I don't think that it is going to stop. Once the idea has been sold there is no end to it.'</p>	<p><i>has strengthened</i> = pressuposição de evidência</p> <p><i>has been sold</i> = resultativa na passiva com ênfase na ação e não no agente que é conhecido, no caso, o presidente.</p>
<p>Not everyone on the Magic Mountain agrees. Vanessa Aular, a student and a single mother, has taken up her four-year-old son Antoine Escobar the cable car for a treat. An admirer of Chávez, Vanessa was sent to Cuba on a government scheme to train as a social worker. 'Where I have really benefited,' she says, 'is with my son. He needed to have his tonsils out, which would have been difficult for us before Chávez. Our neighbours have got housing benefit for the first time and a neighbour is going to Cuba for an eye operation.'</p>	<p><i>has taken up, have really benefited, have got</i> = resultativa</p>
<p>Chávez's popularity is not, as the fragmenting opposition desperately hopes, built on a fake premise. What Venezuela's underclasses recognise is that he is no forgery. They see it in his dark skin, his poor background and in his manners. His aspirations are also theirs: the poor boy who joined the army in the hope of becoming a baseball star, who instead got himself the kind of education he is now offering to them. He is the child from the shack who rose to the stuccoed grandeur of the Miraflores Palace.</p>	
<p>This resonates with his core constituency. For the poor, who have benefited from his seven years in power, democracy means social inclusion - not who controls the institutions that in Venezuela have often been either weak or hopelessly corrupt.</p>	<p><i>have benefited, have often been</i> = resultativa</p>

<p>At present that social inclusion means Chávez's misiones, which like the Mercals alleviate poverty, offering free and widespread healthcare, provided by 17,000 Cuban doctors, access to education, housing titles, land ownership and cheap start-up loans for businesses. It is on these schemes – paid for by the oil receipts of the past two years – that Chávez's popularity is based. And it is not just in Venezuela. Chávez spends his billions elsewhere in the region. He buys debt from neighbouring countries, funds projects, supports parties in the left's new rise to power in Latin America. It is this that is the real source of friction with the US – that a revolutionary regime, with deep pockets filled with its own dollars, is undermining US policy, not least in fronting the resistance to the creation of the neo-liberal Free Trade Area of the Americas. Chávez's message, as in the barrios, is social justice. But is that social justice policy working?</p>	
<p>I went to the barrio of Petare, without the presence of chavista minders, where people were more free to talk, to try to find out. It is a place not much different from the 23 de Enero barrio – though it lacks the high-rises. The hairdressing salon where Miriam Josefina Mejillas, 34, works is open to the street. She shops in the local Mercal and gets free medical treatment for her family from the Cuban doctors. She is defensive about criticism of Chávez, although she criticizes the country's deep and lasting problems.</p>	
<p>Mostly, however, she is grateful. 'I don't think everything in this country is his fault. He is a human being just like us. There are lots of crises but they are not his fault. There are all these people who say because of Chávez they don't have work. But there are people around him who are traitors to him.' It is a familiar refrain among Chávez's least well-off supporters. If there are faults with the Bolivarian Revolution, they say, it is only because the President is surrounded by bad advisers and is not hearing about their problems. If he knew, they argue, he would intervene.</p>	
<p>There may be some truth in this. In a movement largely suspicious of the technocrats and political classes who once ran the country, there is a shortage of expertise. 'Chávez has said in his own words that the three enemies of his revolution are corruption, inefficiency and bureaucracy,' says Alberto Garrido. 'He also criticizes nepotism. The management of this</p>	<p><i>has said</i> = epistêmica enfatizando as condições de sinceridade do ato de fala</p>

<p>state is absolutely terrible. He trusts a small group of allies unconditionally.</p>	
<p>'Chávez is still in the "charismatic phase" where he is above good and bad for his people and he has cleverly separated himself from the image of inefficiency and corruption of his government. But that cannot be eternal. If he does not quickly succeed in restructuring the country's problems, people will start losing hope in him. That is his black spot. If he doesn't stop that mismanagement it will stop him.' While Chávez has undertaken a remarkable intervention on the level of primary assistance, many even among those who support him are concerned that, if and when oil prices drop from their record levels, there will be little left to see of his revolution. One day the Cuban doctors, who have transformed primary healthcare, will go home. While Chávez has been busy educating a few thousand Venezuelan doctors, all his billions of oil money have not rebuilt the decrepit hospitals.</p>	<p><i>has cleverly separated</i> = resultativa com caracterísitca de <i>hot news</i> e narrativa vívida</p> <p><i>has undertaken, have transformed, has been busy educating, have not rebuilt</i> = resultativa com relevância atual</p>
<p>The Mercals are dependent on oil largesse and there is evidence that the importing of cheaper food is undermining the fragile farming and agriculture sectors. While the Bolívarian schools and universities have transformed the literacy of the poor, the biggest problem is highlighted by their adult graduates. Few new jobs have been created by the revolution, which has done little to diversify the economy.</p>	<p><i>have transformed, have been created, has done</i> = resultativa</p>
<p>The chavistas say that this is missing the point. Chávez's vision is not about outdated Western political and economic models; it is about creating revolutionary 'fusion' and breaking new ground. In Latin America, at least, his example is influential most notably with Bolivia's Evo Morales. Just last week Morales nationalised his gas industry, sending in troops to secure production and telling foreign companies to leave if they did not comply.</p>	
<p>Amid all the threats of economic meltdown and utopian promises, it is Lopez Maya who seems to present the most honest assessment of the likely prospects. 'Venezuela has a lot of money because of oil,' she says. 'But in two years the prospects could be very different. It is very difficult to assess the performance of the government. In the past, when the oil price has dropped the defects of our government strategy have emerged. Now the question is: is Chávez</p>	<p><i>has dropped, have emerged</i> = resultativa com uso de advérbio de tempo passado, caracterísitca do discurso jornalístico.</p>

doing a good job or is it just the same again?	
Hugo's there: A presidential life	
Born 28 July 1954.	
Education Graduated at 17 with science degree from Daniel Florencio O'Leary School in Barinas, masters in military science and engineering by the Venezuelan Academy of Military Sciences in 1975. Also studied political science at Simon Bolivar University.	
Family Two daughters and a son by his first marriage; a daughter by his second marriage to Marisabel Rodriguez de Chavez, a journalist, from whom he is now separated.	
They say: 'He's a person who was elected legally - just as Adolf Hitler was elected legally' (Donald Rumsfeld).	

Criar um questionamento, e especificamente, uma argumentação acerca de uma série de resultados expostos pelo produtor no intuito de convencer que Hugo Chávez é um bom presidente, mas ao mesmo tempo trazer à tona outra discussão se isso é verdadeiro ou não, parece ser o contexto principal desse texto cujo *frame* do bom presidente que ajuda aos pobres, mas é questionado pela classe média, é colocado à prova mediante uma série de exemplos realizados pelo uso da função resultativa do *PrP*.

A sentença inicial, *Hugo Chávez has become the poster boy of the international left*, que apesar de certo tom de ironia expresso pela escolha lexical, *poster boy*, acentua a função resultativa com relevância atual e as características do *PrP hot news* por aparecer no *lead* e enfatizar o VN. Apesar de ser público e notório o lado contestador do presidente venezuelano, a sentença inicial reforça assim algo já conhecido e prepara o receptor através de um *PrP hot news* para uma série de informações que justifiquem a relevância de tal asserção.

Segundo Sperber & Wilson (1995, p.2) a proposição é julgada relevante na medida em que seus efeitos no contexto sejam significativos e facilmente inferidos, sendo assim a proposta do produtor é facilmente notada ao percebermos a sua intenção de fundamentar cada uma de suas observações com várias realizações do presidente, essas marcadas pelo uso do *PrP* de função resultativa como em, *Most telling, there is evidence that, despite his tough language with the US, and a flurry of 'deals' to sell his oil elsewhere, he*

has done little to restructure Venezuela's oil business and steer it away from the convenient flow of America's billions that are paying for his revolution. Bednareck (2005) supõe que são os ouvintes que estabelecem a coerência, e não os textos, embora os meios coesivos dos textos exerçam um amplo papel ajudando os ouvintes a estabelecer a coerência.

Sendo assim, esse é o maior texto em número de palavras (4829) e com o maior número de ocorrências das mais diversas funções do *PrP* (61) da coleta de dados desta pesquisa. O texto é deveras crítico e de caráter basicamente opinativo sobre o que a Venezuela passa no momento e as características marcantes da pessoa de Chávez. O texto nos faz deparar com um amplo leque de funções discursivas do *PrP*, que, apesar de tratar de fatos atuais do governo, foi classificado como um texto de *soft news*, devido a sua característica de discutir e ser mais opinativo do que simplesmente revelar fatos atuais.

Nesse texto jornalístico de *soft news* parece clara a intenção do produtor ao destacar o uso do *PrP* em três situações de uso distintas, mas que tem a mesma intensidade ao mostrar que algo que aconteceu no passado tem ainda reflexos na situação atual. No que se refere ao primeiro uso de *PrP*, na sentença, *It is a national holiday and so those who can afford it **have driven** to the beaches*, o produtor poderia ter usado o verbo no simple past, *drove*, visto que ele se referia a algo que já aconteceu, isto é, é um feriado nacional e as pessoas se dirigiram às praias; entretanto o uso de *have driven* faz uma referência a um fato habitual e que é relevante em qualquer outro feriado que venha a ser mencionado. Esse exemplo é particularmente interessante, para denotar a opção de escolha pragmaticamente relevante oferecida pelo uso do *PrP*. No segundo exemplo, *He **has strengthened** the hate between the poor and the rich*, fica mais uma vez evidente que as atitudes tomadas pelo presidente têm novamente um efeito no presente.

Outro uso do *PrP* que merece destaque, *Once the idea **has been sold** there is no end to it*, revela, além de uma generalização pelo uso da passiva, uma reafirmação de que certas situações persistem no presente e ainda são muito relevantes ao contexto social do país. Fairclough (2001) afirma que pressuposições são proposições que são tomadas pelo produtor do texto como

já estabelecidas ou 'dadas', e há várias pistas formais na organização de superfície deste texto.

Dentro de uma perspectiva intertextual da pressuposição, o caso em que a proposição pressuposta constitui realmente algo tomado como tácito pelo produtor do texto pode ser interpretado em termos de relações intertextuais como textos prévios do produtor do texto. Isso me parece claro nos seguintes exemplos em que se percebe o uso de pressuposições, que são formas efetivas de manipular pessoas, porque elas são freqüentemente difíceis de desafiar, visto a forma que são realizadas no discurso com o uso do *PrP* como em: *As self-appointed champion against 'the murderer' Bush, he **has acted** as ringmaster to those who loathe America's First Man: film stars, musicians, unionists, statesmen and writers. Later this month he arrives in London where he will be entertained by Mayor Ken Livingstone, a long-time Chávez supporter who **has accused** the US of trying to undermine democracy in Venezuela. Chávez **has constructed** alliances with everyone the White House hates most - including the Iranian President, Mahmoud Ahmadinejad, and Evo Morales, the left -wing Bolivian President and former coca farmers' leader. And Chávez **has included** Morales in his 'axis of good' with Castro in his struggle with the US.*

Tais exemplos refletem a construção do discurso jornalístico que tem como característica principal neste texto a possibilidade de formular um questionamento sobre Chávez junto ao receptor fundamentado em fatos e resultados expressos claramente pelo *PrP*. O texto soa, dessa forma, como um ensaio sobre Chávez, mostrando suas características e as de seu governo. Por isso, percebe-se desde o primeiro parágrafo uma ocorrência do *PrP* que, se inicialmente nos dá uma idéia de *hot news*, enfatizando uma mudança e resultado evidente através da sentença, *Loved and loathed in equal measure, Venezuela's President Hugo Chávez **has become** the poster boy of the international left*, ao analisarmos a continuação do texto, percebe-se que a função que mais se sobressai é a da pressuposição de evidência.

Segundo Nishiyama & Koenig (2005, p.8), os produtores, às vezes, usam o *PrP* para indicar que a ocorrência de um evento nos traz uma evidência ou explicação para a verdade de uma asserção que foi ou ainda será feita. No caso do texto em questão, afirmar que Chávez se tornou o 'garoto propaganda' da esquerda internacional prepara o receptor para uma série de inferências que

comprovem essa afirmação, e é justamente isso que podemos verificar na continuidade do texto. As várias ocorrências do *PrP* destacadas no texto parecem confirmar a inferência de que todas elas acabam por denotar a função de pressuposição de evidência. Todos os verbos utilizados fundamentam a sentença topical e confirmam por meio de outros argumentos, sejam eles exemplos das atitudes do presidente ou de suas medidas no governo, a afirmação inicial acerca de sua atitude bem demarcada de 'esquerdista internacional'. O trecho a seguir mostra como o uso do *PrP* ajuda a estabelecer uma coerência discursiva com o que foi apresentado no parágrafo inicial do texto: *This is the man described by US Defense Secretary Donald Rumsfeld as 'Hitler' and by US Secretary of State Condoleezza Rice as the 'most dangerous in the region' - a role that Chávez **has gleefully and aggressively played up to**, in turn calling Bush 'Mr Danger'*. A evidência do posicionamento do presidente é reafirmada a cada novo exemplo que, no recorte citado, com o uso dos advérbios *gleefully and aggressively* enfatizam ainda mais essa relação que facilita para o receptor o entendimento do ponto de vista expresso pelo produtor, mediante essas escolhas léxico-gramaticais.

Em outro exemplo, em que se apresenta a função resultativa do *PrP*, implicando em relevância no presente, pode-se perceber também como uma notícia acaba ganhando maior destaque com o *PrP*, uma vez que tal uso ajuda a expressar a informação de forma mais presente em um contexto, as idéias expressas pelo uso do *PrP* reforçam essa conclusão de que pouca ajuda foi dada ao povo venezuelano e que o problema tem continuidade no presente: *He **has strengthened** the hate between the poor and the rich. He gives the impression that if they follow him they can all wear white clothes and drive nice cars. Unfortunately I don't think that it is going to stop. Once the idea **has been sold** there is no end to it.* Nesta última ocorrência, *has been sold*, pode ser entendida segundo Fowler (1991, p.78), que a passiva é uma estrutura comum, mas poupa espaço e imediatamente estabelece o tópico em questão.

Se lembrarmos que, segundo Thomson (2004, p. 8), as escolhas refletem as razões que têm os produtores para dizerem algo de forma específica, pode-se inferir que o efeito da escolha lingüística e, particularmente lexical, neste caso utilizando-se do *PrP* em *has strengthened* e *has been sold*, isto é, através de verbos, considerados sob a ótica da transitividade segundo

Halliday (1985) e Thompson (2004), como sendo de caráter mental e material respectivamente, a força ideacional dessas escolhas se apresenta como verossímil e oportuna. Ao receptor, a imagem de uma situação de caráter bastante difícil fica reforçada, e o impacto da notícia, retificado pela emergência da função resultativa expressa pelo uso do *PrP*.

Parece-me que esse exemplo torne mais evidente o porquê da importância das escolhas lingüísticas na formulação do discurso argumentativo, mostradas aqui através de uma forma descritiva do uso do *PrP*, baseadas em uma análise crítica e ao mesmo tempo funcional do texto jornalístico, tendo por base o conceito de escolha de Thompson (2004, p.8) segundo o qual a variedade de escolhas relevantes está diretamente associada aos significados que um produtor possa querer expressar ou às funções que ele pretenda realizar em determinados contextos.

Faz-se importante também destacar a função resultativa do *PrP* emergindo do discurso na conclusão do texto. Tal recurso parece ter a função de retomar a importância de alguns resultados apresentados no parágrafo inicial: *It is very difficult to assess the performance of the government. In the past, when the oil price **has dropped** the defects of our government strategy **have emerged**. Now the question is: is Chávez doing a good job or is it just the same again?* A utilização do advérbio com o *PrP* reforça no discurso jornalístico o resultado da ação que apesar de ter seu início no passado ainda tem relevância no presente. No trecho, *Chávez **has threatened** to blow up his own oil installations in the event of an American invasion. You can consider it rhetoric, but it is not really that. He is intent on destroying imperialism,* percebe-se um resumo muito representativo de todas as principais características do uso do *PrP* no que se refere a função epistêmica indicando a possibilidade de ação futura.

No texto ainda aparecem outros exemplos como esse com o verbo *say* em que a mesma possibilidade parece ser viável: *'Chávez **has said** in his own words that the three enemies of his revolution are corruption, inefficiency and bureaucracy,' says Alberto Garrido.* Segundo Bednarek (2005, pp.685-706) a teoria de *frame* trata do conhecimento de mundo. Numa primeira definição, um *frame* pode ser considerado como uma estrutura mental de conhecimento que capta feições 'típicas' do mundo.

A aplicação de *frames* por parte do ouvinte é de importância crucial para lhe permitir a criação da coerência que no final do artigo em, *It is very difficult to assess the performance of the government. In the past, when the oil price **has dropped** the defects of our government strategy **have emerged**. Now the question is: is Chávez doing a good job or is it just the same again?*, pede ao receptor que avalie o que foi mencionado e assim prevaleça as suas próprias conclusões.

O trabalho de análise também revelou nesse mesmo exemplo, algo já notado na gramática de Carter & McCarthy (2006, p.618), e já exposto no capítulo um, ou seja, o uso do *PrP* com os advérbios de tempo que, via de regra, representam gramaticalmente o tempo passado. Segundo os autores, no estilo jornalístico escrito, o *PrP* é usado para enfatizar a relevância atual dos eventos, mesmo que alguns adjuntos adverbiais de tempo passado estejam na sentença, como nesses exemplos utilizados pelos autores.

É interessante notar também que o processo de gramaticalização notado por Schwenter (1984, p.1019), segundo o qual se utilizam advérbios de tempo junto do *PrP* para se reafirmar que um evento passado aconteceu em um presente que continua, o qual ainda é relevante, parece estar patente neste texto. No trecho, *While Chávez **has undertaken** a remarkable intervention on the level of primary assistance, many even among those who support him are concerned that, if and when oil prices drop from their record levels, there will be little left to see of his revolution. One day the Cuban doctors, who **have transformed** primary healthcare, will go home. While Chávez **has been busy educating** a few thousand Venezuelan doctors, all his billions of oil money **have not rebuilt** the decrepit hospitals*, faz-se necessário notar os exemplos de *PrP* de relevância atual, pois, de acordo com Downing & Locke (2002 pp.: 373, 375) a função de relevância atual do *PrP* tem uma inferência pragmática derivada do significado básico de anterioridade: a relevância atual é considerada em suas várias formas com uma conseqüência da combinação do *PrP* com o significado inerente do verbo ou até mesmo da situação. Tal uso dos significados de anterioridade e relevância atual parecem, segundo os autores, serem exemplos típicos do uso do *PrP* no discurso jornalístico, como pudemos observar nesse exemplo.

Em suma, nesse texto, a argumentação se constrói a partir da função discursiva do *PrP* que estabelece uma relação entre o produtor e o receptor, que traz o conhecimento do mundo para o texto através de uma série de resultados, evidências mas também possibilidades que deixam ao receptor a possibilidade de refletir e decidir. A estrutura do argumento passa a ser derivada de proposições produzidas e reconstruídas comunalmente e que segundo a teoria de Lauerbach (2007) se baseiam, neste texto em particular, em alegações que ajudam o receptor a formular sua verdadeira impressão do presidente Hugo Chávez.

O terceiro texto selecionado para análise, *Bush has created a comprehensive catastrophe across the Middle East*, de Timothy Garton Ash para o jornal britânico *The Guardian*, de 14 de Dezembro de 2006, retrata as atitudes do presidente Bush ante o Oriente Médio:

<p>Texto 3 - Bush Has Created a Comprehensive Catastrophe across the Middle East</p>	<p>Classificação das Ocorrências do PrP de acordo com as funções discursivas</p> <p><i>Manchete: has created</i> – resultativa, pressuposição de evidência e <i>hot news</i></p>
<p>In every vital area, from Afghanistan to Egypt, his policies have made the situation worse than it was before</p>	<p><i>have made</i> = resultativa, hot news</p>
<p>What an amazing bloody catastrophe. The Bush administration's policy towards the Middle East over the five years since 9/11 is culminating in a multiple train crash. Never in the field of human conflict was so little achieved by so great a country at such vast expense. In every vital area of the wider Middle East, American policy over the last five years has taken a bad situation and made it worse.</p>	<p><i>has taken</i> = resultativa com característica de <i>hot News</i></p>
<p>If the consequences were not so serious, one would have to laugh at a failure of such heroic proportions - rather in the spirit of Zorba the Greek who, contemplating the splintered ruins of his great project, memorably exclaimed: "Did you ever see a more splendiferous crash?" But the reckless incompetence of Zorba the Bush has resulted in the death, maiming, uprooting or impoverishment of hundreds of thousands of men, women and children - mainly Muslim Arabs but also Christian Lebanese, Israelis and American and British soldiers. By contributing to a broader alienation of Muslims it has also helped to make a world in which, as we walk the</p>	<p><i>has resulted</i> = resultativa <i>has also helped</i> = pressuposição de evidência</p>

<p>streets of London, Madrid, Jerusalem, New York or Sydney, we are all, each and every one of us, less safe. Laugh if you dare.</p>	
<p>In the beginning, there were the 9/11 attacks. It's important to stress that no one can fairly blame George Bush for them. The invasion of Afghanistan was a justified response to those attacks, which were initiated by al-Qaida from its bases in a rogue state under the tyranny of the Taliban. But if Afghanistan had to be done, it had to be done properly. It wasn't. Creating a half-way civilised order in one of the most rugged, inhospitable and tribally recalcitrant places on the planet was always going to be a huge challenge. If the available resources of the world's democracies, including those of a new, enlarged Nato, had been dedicated to that task over the last five years, we might at least have one partial success to report today.</p>	
<p>Instead Bush, Cheney and Rumsfeld drove us on to Iraq, aided and abetted by Tony Blair, leaving the job in Afghanistan less than half-done. Today Osama bin Laden and his henchmen are probably still holed up in the mountains of Waziristan, just across the Afghan frontier in northern Pakistan, while the Taliban is back in force and the whole country is a bloody mess. Instead of one partial success, following a legitimate intervention, we have two burgeoning disasters, in Afghanistan and in Iraq.</p>	
<p>The United States and Britain invaded Iraq under false pretences, without proper legal authority or international legitimacy. If Saddam Hussein, a dangerous tyrant and certified international aggressor, had in fact possessed secret stockpiles of weapons of mass destruction, the intervention might have been justified; as he didn't, it wasn't. Then, through the breathtaking incompetence of the civilian armchair warriors in the Pentagon and the White House, we transformed a totalitarian state into a state of anarchy. Claiming to move Iraq forward towards Lockean liberty, we hurled it back to a Hobbesian state of nature. Iraqis - those who have not been killed - increasingly say things are worse than they were before. Who are we to tell them they are wrong?</p>	<p><i>have not been killed</i> = resultativa na passiva visto que o agente é conhecido</p>
<p>Now we are preparing to get out. After working through Basra in Operation Sinbad, a reduced number of British troops will draw back to their base at Basra airfield. We will sit in a desert and call it peace. If the White House follows the</p>	

<p>Baker-Hamilton commission's advice, US troops will do something similar, leaving embedded advisers with Iraqi forces. Three decades ago, American retreat was cloaked by "Vietnamisation"; now it will be cloaked by Iraqisation. Meanwhile, Iraqis can go on killing each other all around, until perhaps, in the end, they cut some rough-and-ready political deals between themselves – or not, as the case may be.</p>	
<p>The theocratic dictatorship of Iran is the great winner. Five years ago, the Islamic republic had a reformist president, a substantial democratic opposition, and straitened finances because of low oil prices. The mullahs were running scared. Now the prospects of emocratization are dwindling, the regime is riding high on oil at more than \$60 a barrel, and it has huge influence through its Shia brethren in Iraq and Lebanon. The likelihood of it developing nuclear weapons is correspondingly greater. We toppled the Iraqi dictator, who did not have weapons of mass destruction, and thereby increased the chances of Iran's dictators acquiring weapons of mass destruction. And this week Iran's President Ahmadinejad once again called for the destruction of the state of Israel. Those American neocons who set out to make the Middle East safe for Israel have ended up making it more dangerous for Israel.</p>	<p><i>have ended up</i> = resultativa</p>
<p>We did not need an Iraq Study Group to tell us that resolving the Arab-Israeli conflict through a two-state solution for Israel and Palestine is crucial. In its last months the Clinton administration came close to clinching the deal. Under Bush, things have gone backwards. Even the Bush-backed Ariel Sharon scenario of separation through faits accomplis has receded, with the summer war in Lebanon, Hamas ascendancy in Palestine (itself partly a by-product of the Bush-led rush to elections), and a growing disillusionment of the Israeli public.</p>	<p><i>have gone, has receded</i> = resultativa</p>
<p>Having scored an apparent success with the "cedar revolution" in Lebanon and the withdrawal of Syrian troops, the Bush administration, by its tacit support of sustained yet ineffective Israeli military action this summer, undermined the very Lebanese government it was claiming to support. Now Hizbullah is challenging the country's western-backed velvet revolutionaries at their own game: after the cedar revolution, welcome to the cedar counter-revolution. In Egypt, supposedly a showcase for the United States' support for peaceful</p>	<p><i>Having scored</i> = resultativa</p> <p><i>electoral success for Islamists...seems to have frightened</i> = resultativa mas junto do verbo <i>seem</i> que indica uma certa modalização: a proposição pode ser correta ou não</p>

<p>democratisation in the Bush second term, electoral success for Islamists (as in Palestine and Lebanon) seems to have frightened Washington away from its fresh-minted policy before the ink was even dry. On the credit side, all we have to show is Libya's renunciation of weapons of mass destruction, and a few tentative reforms in some smaller Arab states.</p>	
<p>So here's the scoresheet for Afghanistan, Iraq, Iran, Israel, Palestine, Lebanon and Egypt: worse, worse, worse, worse, worse, worse and worse. With James Baker, the United States may revert from the sins of the son to the sins of the father. After all, it was Baker and George Bush Sr who left those they had encouraged to rise up against Saddam to be killed in Iraq at the end of the first Gulf war – not to mention enthusiastically continuing Washington's long-running Faustian pact with petro-autocracies such as Saudi Arabia. I'm told that Condoleezza Rice, no less, has wryly observed that the word democracy hardly features in the Baker-Hamilton report.</p>	<p><i>has wryly observed</i> = resultativa com ênfase por meio de advérbio</p>
<p>Many a time, in these pages and elsewhere, I have warned against reflex Bush-bashing and kneejerk anti-Americanism. The United States is by no means the only culprit. Changing the Middle East for the better is one of the most difficult challenges in world politics. The people of the region bear much responsibility for their own plight. So do we Europeans, for past sins of commission and current sins of omission. But Bush must take the lion's share of the blame. There are few examples in recent history of such a comprehensive failure. Congratulations, Mr President; you have made one hell of a disaster.</p>	<p><i>have warned</i> = epistêmica, pressuposição de ação futura <i>have made</i> = resultativa, ênfase com característica de <i>hot news</i> visto que o texto retoma fatos conhecidos pelo receptor e que juntos têm efeito claro no presente.</p>

Biber (1999, p.16) considera que o discurso jornalístico tem como principal propósito comunicativo a informação e o julgamento. Esse texto de *hard news* e de cunho político sobre o presidente Bush, em que, desde o título, faz-se uso do *PrP* com ênfase na função resultativa e de continuidade, e também com a função *hot news*, pode-se perceber que, embora esteja se questionando o resultado das suas ações enquanto presidente dos Estados Unidos e a repercussão mundial de suas atitudes, a importância de tais atitudes para o presente e para o futuro são extremamente relevantes, conceitos claramente expressos pelo uso do *PrP*, como em, *But the reckless*

*incompetence of Zorba the Bush **has resulted** in the death, maiming, uprooting or impoverishment of hundreds of thousands of men, women and children - mainly Muslim Arabs but also Christian Lebanese, Israelis and American and British soldiers*, em que fica patente os resultados expressos por meio da sentença inicial com o *PrP*. E em, *Congratulations, Mr President; you **have made** one hell of a disaster*, em que a conclusão expressa o resultado das atitudes impostas pelo presidente.

As escolhas léxico-gramaticais presentes nesses trechos, pelos usos dos verbos *result* e *make* junto do *PrP*, tem um papel fundamental para se criar um efeito de resultado real fundamentado em verdades que são públicas e notórias e que novamente ajudam na criação da coerência discursiva.

A frase final, *Mr President; you **have made** one hell of a disaster*, possibilita não apenas a confirmação de um resultado verídico e com relevância atual, mas também garante ao produtor a possibilidade de expressar sua opinião com a certeza de que seus objetivos comunicativos enquanto produções de significado estão sendo realizados.

Esse texto é um bom exemplo do impacto que emerge do uso do *PrP hot news*, pois confere ao texto jornalístico não apenas destaque, mas veracidade ao que se quer expressar. Os usos do *PrP hot news*, embora deixem clara a questão da relevância atual, trazem o fato como uma notícia muito nova que merece maior destaque na mídia. O uso de *PrP* reforça a natureza inédita das medidas tomadas pelo presidente como em, *Under Bush, things **have gone** backwards. Even the Bush-backed Ariel Sharon scenario of separation through faits accomplis **has receded**, with the summer war in Lebanon, Hamas ascendancy in Palestine (itself partly a by-product of the Bush-led rush to elections), and a growing disillusionment of the Israeli public.*

Sendo assim, a função do *PrP* como forma de introduzir uma *hot news* novamente aparece diante da necessidade do produtor expor algo novo ante uma situação já conhecida previamente como em, *In every vital area of the wider Middle East, American policy over the last five years **has taken** a bad situation and **made** it worse*. Em todos os usos de *PrP* acima percebe-se a real natureza de sensacionalismo e novidade que essas notícias possam provocar no receptor.

A presença do *PrP* com função resultativa novamente introduz o assunto com mais ênfase em ***Having scored an apparent success with the "cedar revolution" in Lebanon and the withdrawal of Syrian troops, the Bush administration, by its tacit support of sustained yet ineffective Israeli military action this summer, undermined the very Lebanese government it was claiming to support.***

No que diz respeito às outras funções do *PrP*, em particular, a que enfatiza a possibilidade de ação futura na função epistêmica em, *Many a time, in these pages and elsewhere, I have warned against reflex Bush-bashing and kneejerk anti-Americanism*, pode-se perceber não apenas a possibilidade de algo ocorrer mas como também a voz do produtor. Neste exemplo, percebe-se o que Lauerbach (2007) chama de conceito de falácia ou raciocínio falho, pois parece existir na construção do processo de argumentação por parte do produtor, ao mencionar *I have warned*, um procedimento de pedido de avaliação para a aceitabilidade dos argumentos, buscando assim a reação imediata dos receptores. Isso se deve mais pelo fato de em textos monológicos os produtores não terem acesso a tais reações. Esse mesmo uso do *PrP* ainda colabora para enfatizar o VN e trazer à tona a relevância atual da proposição que se segue.

Assim sendo, a estrutura de um argumento pode ser derivada de proposições produzidas e reconstruídas comunalmente. Todos os verbos com o *PrP*, sejam na voz ativa como passiva, também ajudam a ilustrar a polêmica sobre a questão, ilustrada por exemplos sobre a repercussão do problema, enfatizados pela escolha lexical com verbos de impacto como em, *Iraqis - those who have not been killed - increasingly say things are worse than they were before.*

Desta forma, os vários exemplos mostram uma notícia inédita e fazem uma alusão direta a novidade do assunto perante a sociedade como um todo. Toda essa escolha pelo uso do *PrP* parece ter uma função específica dentro do *hot news*: chamar a atenção do receptor para entender que além do fato ter sua relevância atual, ele traz hoje novidades na área como assunto que merece ser mais discutido pela sociedade.

Percebe-se nesse texto uma clara estrutura de argumentação no discurso. Lauerbach (2007), ao examinar como o argumento pode ser

reconstruído a partir do conjunto de proposições observa que as proposições desempenham diferentes funções argumentativas. No caso desse texto, a utilização do *PrP* parece contribuir para que algumas alegações, condições de validade e apoios sejam construídos no conjunto da argumentação: a partir do *PrP hot news, Bush **Has Created** a Comprehensive Catastrophe across the Middle East*, uma série de informações feitas em boa parte a partir da função resultativa do *PrP* são elencadas para construir a argumentação, persuadir, ou pelo menos ajudar o receptor a concluir na última sentença que, *Mr President; you **have made** one hell of a disaster*.

O quarto texto, *Pope Benedict the Invisible*, de Joseph Contreras para a revista Americana *Newsweek*, de 16 de Abril de 2007, revela o comportamento do Papa e sua posição frente a certos problemas da nossa sociedade:

<i>Texto 4 - Pope Benedict the Invisible</i>	Classificação das Ocorrências do <i>PrP</i> de acordo com as funções discursivas
Benedict has been almost invisible in the places he's needed most.	<i>has been</i> = parágrafo inicial que indica além de uma <i>hot news</i> uma pressuposição de evidências que comprovarão a hipótese expressa na frase topical.
On his upcoming trek to the Brazilian town of Aparecida do Norte, he plans to huddle with regional prelates worried about their declining influence, the growth of evangelicals and local moves to legalize gay unions and abortion. The pope should choose his words carefully; on one of his last trips, to his native Germany, he sparked a firestorm when he quoted in passing scathing comments about the Prophet Muhammad. Within days Benedict was being burned in effigy. He can expect a warmer greeting in South America. But there's no denying he's been a disappointment to many faithful there and elsewhere. Some U.S. Catholics condemn him as aloof, Europeans resent his intrusions into their affairs and he's never been popular in Latin America. The region, home to 450 million Catholics, had hoped to see one of its own succeed John Paul. Many there have felt ignored by the man who ultimately did.	<i>has been</i> = resultativa <i>has never been, have felt</i> = resultativa
Part of the problem is style. The last pope was a former parish priest who recast himself as an international player (he spoke eight languages, including Spanish and Portuguese). Benedict is a colorless academic who spent much of his career teaching theology and philosophy. "This is a professor, a quiet man, not an actor skilled in politics," says the American theologian Michael Novak. "[People] should not judge him by the	

standards of John Paul II."	
<p>Perhaps, but the differences go beyond personality. During his long tenure, John Paul undertook more than 100 trips abroad and showed real concern for the developing world. Although Benedict calls for more aid to Africa in a new book, he seems preoccupied by Europe. His defenders say this narrow focus represents a return to tradition. "Prior to the election of John Paul II, it was understood that the pope played a far more active role in European affairs," argues Friar Thomas Williams of the Legion of Christ.</p>	
<p>But Benedict's emphasis hasn't won him many fans. Just before his ascension, the then Cardinal Joseph Ratzinger warned Italians that "Europe has developed a culture that ... excludes God from the public conscience," and last month he decried Europeans' "dangerous individualism." Also last month, Italy's bishops came out against the country's attempt to extend rights to gay and unmarried couples. Such moves have rankled politicians—one parliamentary has warned Benedict against imposing a "clerical dictatorship" in Italy—and many of the faithful. "Ratzinger is getting too intrusive on [subjects] such as civil rights for unwed couples and is too out of date," says Milanese housewife Maria Novella Dall'Aglio.</p>	<p><i>hasn't won</i> = resultativa e pressuposição de evidência</p> <p><i>has developed</i> = resultativa/continuativa</p> <p><i>have rankled</i> = resultativa</p> <p><i>has warned</i> = epistêmica com possibilidade de ação futura</p>
<p>In the rest of the world, meanwhile, Benedict's presence has scarcely been felt. He was nowhere to be seen in 2005 after Hurricane Katrina hit New Orleans, arguably the most Catholic city in the United States. Nor has he paid much attention to Latin America, home to nearly half the world's Catholics and a key focus of John Paul's papacy. "He's ignored us completely," says Roberto Blancarte, a sociologist specializing in religious affairs at the Colegio de México in Mexico City.</p>	<p><i>has scarcely been</i> = resultativa mas com pressuposição de evidência</p> <p><i>Nor has he paid</i> = Uso do advérbio de negação <i>nor</i> enfatiza a função resultativa</p> <p><i>has ignored</i> = resultativa</p>
<p>In Benedict's absence, the influence of his church has continued to wane. In Latin America an estimated 8,000 people leave the Catholic Church every day, and according to the polling firm Latinobarómetro, the number of locals who call themselves Catholic dropped 9 percent between 1995 and 2005. The church's decline is most evident in Mexico, which has the second largest Catholic population on the planet. Coahuila state OK'd same-sex civil unions in January. Two months earlier, Mexico City granted new rights to same-sex couples, and it is expected to decriminalize abortion soon. Such measures</p>	<p><i>has continued</i> = pressuposição de evidência</p> <p><i>would once have seemed</i> = <i>hot news</i> de narrativa vívida a partir do uso do <i>modal perfect</i> esse assegura um posicionamento de surpresa e dúvida como forma de modalizar a possibilidade de tal attitude em tempos atuais</p> <p><i>have ruled</i> = resultativa</p>

<p>would once have seemed unthinkable in a society where the Virgin of Guadalupe rivals the flag as a national symbol. But left-wing politicians no longer fear the Vatican. Under John Paul, politicians "used to have a certain respect [for the church] and a belief that it wasn't in their interests to pick a fight" with it, notes Elio Masferrer Kan, a religious historian at Mexico's National School of Anthropology and History. Now they see it as a "paper tiger," as do judges in Argentina and Colombia, who have ruled in favor of allowing abortions in the past year.</p>	
<p>Were Benedict to become more active in Latin America, however, it wouldn't likely change matters. His one foray into local affairs alienated more Catholics than it reassured: in October he personally approved a Vatican document sharply critical of Father Jon Sobrino, an advocate of liberation theology. The irony of this was that liberation theology—a progressive Catholic social movement—is already considered a dead letter these days. His criticism thus struck many as mean-spirited and unnecessary; Leonardo Boff, a former Brazilian priest, wrote an open letter saying the pope's sanctions "filled me with sadness" and "defraud[ed] the poor."</p>	
<p>It also underscored just how conservative—and far from the mainstream—Benedict is. That will cause more trouble in the future, especially in Latin countries that already believe he is behind the times. Later this month, the Vatican is expected to permit congregations to celebrate mass in Latin without seeking prior approval. This represents a big step backward: Pope Paul VI abolished the Latin rite in 1969, and relatively few modern Catholics can even recall it. But that doesn't worry Ratzinger. "He's an old-fashioned guy who wants to go back to what [the church] was before," says David Gibson, the author of an acclaimed 2006 biography of the pope.</p>	
<p>The problem, according to Gibson, is that Benedict "doesn't seem to realize that he's a world leader and not an academic." Indeed, the pope's great misfortune may be his election to a job he was never suited for. With the Vatican facing an acute shortage of priests and nuns and its moral authority tarnished by child-abuse scandals, the world's 1.1 billion Catholics could use a shepherd who would help them tackle present and future problems. What they ve got instead is a reclusive intellectual more interested in resurrecting old rituals and disputes.</p>	<p><i>Have got</i> pode ser considerado um uso do <i>PrP</i>, pois faz parte de um texto em inglês Americano onde o uso não se refere apenas a condição de se ter algo, mas sim por se ter conseguido um determinado resultado. Dessa forma esse uso reflete a função resultativa</p>

--	--

Nesse texto nota-se no seu início o uso do *PrP* na manchete e no *lead*, algo que, segundo Bell (1991, p. 201) era mais específico dos noticiários na TV, o que nos indica mais uma alteração, fruto desse estudo diacrônico do *PrP*. Apoiando-se em Fairclough (2001), as manchetes são meramente um exemplo particularmente óbvio de uma tendência geral no discurso da mídia.

Segundo o autor, os jornais tendem a oferecer versões da verdade às vezes opostas (embora freqüentemente harmonizadoras), cada um as quais se baseia na reivindicação implícita e indefensável de que os eventos podem ser representados transparente e categoricamente e que perspectiva pode ser universalizada. Esse mito sustenta o trabalho ideológico da mídia, que oferece imagens e categorias para a realidade; posiciona e molda os sujeitos sociais e contribui principalmente para o controle e a reprodução social.

Ao iniciar o texto com, *Benedict **has been** almost invisible in the places he's needed most*, o produtor escolhe dar início a uma argumentação que pretende discorrer sobre os motivos que levam o Papa a ter tal atitude e convencer o receptor através de fatos que essa proposição é verdadeira. Dessa forma o uso do *PrP* nesse contexto, por meio da escolha pragmática do produtor, ajuda a reafirmar tal significado e o auxilia também no processo de persuasão do leitor a constatar tal novidade.

Lauerbach (2007) explica que uma premissa não-expressa de um argumento, isto é, um entimema, é um silogismo abreviado, um argumento incompleto ao qual a audiência provê inconscientemente a premissa que falta; o falante e audiência revelam suas crenças e valores não-declarados, revelam sua ideologia ou 'filosofia implícita' sobre a natureza da realidade, a natureza de sua comunidade e a concepção das relações sociais apropriadas.

Neste texto a estrutura da argumentação sobre o comportamento do Papa pode ser inferido como um exemplo de entimema, pois a partir dos usos do *PrP* percebemos uma série de fatos e argumentos prováveis que expressos pelas escolhas léxico-gramaticais com o uso do *PrP* reforçam o efeito retórico da proposição: *But Benedict, who turns 80 this month, **has rarely left home**; In the rest of the world, meanwhile, Benedict's presence **has scarcely been felt**. He was nowhere to be seen in 2005 after Hurricane Katrina hit New Orleans,*

*arguably the most Catholic city in the United States e em **Nor has he paid much attention to Latin America, home to nearly half the world's Catholics**In Benedict's absence, the influence of his church **has continued** to wane.*

Esses exemplos de variadas funções ajudam a construir o processo de argumentação que junto da opinião do leitor permitirá concluir se o resultado apresentado no final do texto faz sentido ou não: *What they've got instead is a reclusive intellectual more interested in resurrecting old rituals and disputes.*

Sendo assim, a revista e seus leitores partilham uma competência discursiva comum, conhecem as afirmações toleráveis, as permissões e proibições de que fala Kress (1985), e negociam o significado de um texto num modo de discurso sugerido para o leitor mediante opções lingüísticas significativas.

Faz-se necessário ainda mencionar que no trecho, *In Benedict's absence, the influence of his church **has continued** to wane. In Latin America an estimated 8,000 people leave the Catholic Church every day, and according to the polling firm Latinobarómetro, the number of locals who call themselves Catholic dropped 9 percent between 1995 and 2005*, pode-se perceber a função de pressuposição de evidência do PrP como também um fator relevante para a construção do discurso, pois após apresentar uma frase topical com *In Benedict's absence, the influence of his church **has continued** to wane*, uma série de dados e estatísticas são citadas para fundamentar a primeira proposição e parágrafo apresenta ainda o trecho, *Such measures **would once have seemed** unthinkable in a society where the Virgin of Guadalupe rivals the flag as a national symbol*, em que a modalização reforça o posicionamento do produtor sobre a atitude do Papa, atitude essa que o produtor pretende fazer com o que receptor aceite ou pelo menos avalie como provável tendo em vista os fatos contundentes que foram apresentados.

No último texto escolhido para uma análise mais detalhada, *Bush Tested by Royal Etiquette and a White Tie*, de Suzanne Goldenberg para o jornal britânico *The Guardian*, em 06 de Maio de 2007, discuti-se a questão das normas de etiqueta mais adequadas e exigidas quando da visita da Rainha Elizabeth II aos EUA:

<p>a White Tie</p>	<p>acordo com as funções discursivas</p>
<p>Americans have greeted the Queen with respectful curiosity</p>	<p><i>Have greeted</i> = <i>Hot news</i> e pressuposição de evidencia</p>
<p>For a president who would really rather serve guests a burrito or some other Tex-Mex favourite and still be in bed by 10pm, tomorrow night's state banquet for the Queen could be a trying time for George Bush. There is the attire - white tie and tails - the first time his administration has risen to such formality. There are the constraints of etiquette - no swigging water out of plastic bottles, or wolfing down food. And then, perhaps most of all, there is the conversation.</p>	<p><i>has risen</i> = resultativa/continuativa</p>
<p>As all of Britain knows, the Queen has a grandson, Harry, about to deploy to Iraq, and there has been speculation on America's public radio network NPR, and elsewhere, about whether the monarch might just say something to America's commander-in-chief about the war.</p>	<p><i>There has been</i> = uso do <i>there</i> existencial no aspecto perfectivo para explicitar a função continuativa</p>
<p>Social jitters at the White House aside, the past few days have been good for the Queen. Americans may not be taking the monarch to their hearts the way they did Diana, but they are warm, and above all respectful.</p>	<p><i>have been</i> = continuativa</p>
<p>In a week when the celebrity heiress Paris Hilton was sentenced to 45 days in jail for parole violation, Americans evidently seem to find something deeply reassuring about a public figure who can always be counted on for her sense of decorum. The Queen has also won over Americans by sheer dint of her durability. Her first visit to America came when Eisenhower was president in 1957, and her return to Virginia after half a century has earned her almost uniformly positive coverage in the press.</p>	<p><i>has also won</i> = resultativa mas com ironia ao comparar a popularidade da rainha com os últimos acontecimentos relativos à Paris Hilton</p> <p><i>has earned</i> = resultativa</p>
<p>The Daily Press, a regional paper, simply printed a giant headline saying: 'A royal treat'. The Virginia Pilot, by reputation the most liberal and progressive newspaper in the state, also plastered the Queen across its front: 'How often do you get to see the reigning monarch, much less in your own town?'</p>	
<p>The positive PR comes as a welcome last</p>	<p><i>has been regarded</i> = continuativa</p>

<p>hurrah for Penny Russell-Smith, the Queen's press secretary, who is about to step down after 13 years at Buckingham Palace. She has been regarded as a safe pair of hands rather than a spin doctor in the mould of Alastair Campbell. Her successor, Samantha Cohen, an Australian, is seen as belonging to a more modern breed of PR executive, although she is not thought to have had a major hand in the US tour or the management of the Annie Leibovitz photographs.</p>	<p><i>she is not thought to have had</i> = uso do PrP precedido de forma no infinitivo que indica função resultativa mas modalizada, o que coloca o fato como possivelmente não verdadeiro</p>
<p>Americans' curiosity could also be piqued by having seen the recent Helen Mirren film of The Queen. 'The Queen is someone you can respect no matter what you believe,' said committed royalist Andrew Lannerd, who flew from Indiana to Virginia to see the monarch. Lannerd told the Associated Press he had seen the movie eight times.</p>	<p><i>having seen</i> = resultativa</p>
<p>'Americans love the movies and they also love the British monarchy, so bringing the two together in such a wonderful way was really popular,' he said.</p>	
<p>And Americans seem determined to do this visit right. Even thousands of miles away from the Queen's tour of Virginia, Kentucky, and Washington, DC, American newspapers and television have conducted endless conversations about royal etiquette.</p>	<p><i>have conducted</i> = resultativa com relevância atual</p>
<p>In Louisville, Kentucky, where the Queen yesterday fulfilled a lifelong ambition by attending the Kentucky Derby, the premier event in the US racing calendar, more than two dozen employees at Churchill Downs track were given a crash course on etiquette. Official caterers for her lunch scoured the state for fresh local ingredients, while Papa John's, a local pizza chain, offered the entire royal family free slices for life.</p>	
<p>Although it was highly unlikely that the tens of thousands getting drunk on mint juleps in the infield would come into close proximity with the Queen, even the correspondent for the Racing Form felt obliged to offer tips on royal etiquette. There is no need for Americans to bow or curtsy, but if the Queen extends her hand, try not to shake too hard. 'If the Queen extends her hand to shake yours, by all means accept. But try to refrain from vigorously pumping the royal</p>	

<p>arm; a brief touch is preferred.' CNN was even more cautious, warning: 'Do not touch the Queen.'</p>	
<p>Yesterday's day at the races was the Queen's fifth visit to Kentucky. She has been here on private visits, indulging her passion for thoroughbreds. As on previous occasions, the Queen and Prince Philip stayed with the breeder and former US ambassador to London, Will Farish. 'It always seemed to me that she is at her best with horses and dogs - at least until the grandchildren came along,' said Robert Lacey, a royal biographer. 'Horses are her one great release.'</p>	<p><i>has been</i> = resultativa</p>
<p>True, the Queen cannot be described as glamorous and American reporters have been struggling for the terminology to describe her hats. The monarch also let down her guard enough to make a joke to her doctor about bowel movements in her visit to Jamestown on Friday.</p>	<p><i>American reporters have been struggling for the terminology to describe her hats:</i> continuativa, mas com certo toque de ironia por parte do produtor expressando também um <i>PrP hot news</i> de narrativa vívida</p>
<p>During a tour of the site of the first permanent English settlement, founded 400 years ago this month, the Queen pointed to a bizarre-looking relic said to be a device to cure constipation, and told her personal surgeon: 'You need to have some things like that.'</p>	
<p>The crowds have been smaller than expected, although that has been ascribed to the cloud and rain that have trailed her visit. But even the weather has not diminished the excitement of some Americans who continue to see in the Queen a symbol of America's enduring connection to its past. 'Most of us feel a kinship to England,' said Julia Rose, 59, from Richmond, Virginia, who says she can trace her ancestry to the very first English colonialists. 'Our state was named for Elizabeth I, the Virgin Queen, as are many of our rivers and towns.'</p>	<p><i>have been, has been ascribed, have trailed, has not diminished</i> = ênfase na função resultativa</p>
<p>Tomorrow night, such excitement transfers to Washington, when George and Laura Bush put on their formal banquet for the Queen and Prince Philip, and 130 others lucky - or well-connected - enough to have received an engraved and gold-trimmed invitation. The dinner is the first - and maybe the only - white-tie event of the Bush administration. Even Clinton had only three.</p>	<p>130 others lucky - or well-connected - enough to <i>have received</i> an engraved and gold-trimmed invitation = <i>PrP</i> precedido de forma no infinitivo expressando função resultativa</p>

<p>So far, the White House has confirmed the attendance of the vice-president, Dick Cheney, Condoleezza Rice, Defence Secretary Robert Gates and General Peter Pace, chairman of the joint chiefs of staff.</p>	<p><i>has confirmed = hot news</i></p>
<p>The Queen is to host a return banquet at the British embassy on Tuesday night, at which she can include those who did not make the first list - including the first President George Bush.</p>	
<p>For an administration mired in war and scandal, tomorrow's banquet offers a moment of escape. At the White House, workers have been washing the windows overlooking the Rose Garden, and bringing out photographs of earlier royal visits, including one of President Gerald Ford dancing with the Queen in 1976. The White House florist has ordered different shades of roses for every public room in the building. And George Bush, who fancies himself a straight-talking Texan, likes to bestow nicknames on people and isn't above talking to world leaders while eating a dinner roll, has been issued with a special etiquette guide for the occasion. Oh well, it's only one night.</p>	<p><i>have been washing / bringing out, has ordered = continuativa e resultativa has been issued = resultativa na passive</i></p>

Para Goffman (1995), *footing* representa o alinhamento, a postura, a posição, a projeção do "eu" de um participante na sua relação com o outro, consigo próprio e com o discurso em construção. No caso deste texto, o produtor se coloca numa perspectiva de observador crítico não apenas do movimento na Casa Branca, mas da repercussão da visita da rainha Elizabeth II aos EUA.

No que se refere à construção social da notícia, existe um viés de representação, posto que as instituições jornalísticas estejam situadas sociais, econômica e politicamente, isto é, qualquer coisa que seja dita ou escrita sobre o mundo é articulada de uma posição ideologicamente particular: a língua não é uma janela límpida, mas como dito anteriormente, um meio de refração e de estruturação, e, como consequência, a visão do mundo resultante será necessariamente parcial.

Para expressar tal posicionamento, o uso do *PrP* pode ser visto na função *hot news* nos exemplos, *Americans **have greeted** the Queen with*

respectful curiosity e *So far, the White House **has confirmed** the attendance of the vice-president, Dick Cheney, Condoleezza Rice, Defence Secretary Robert Gates and General Peter Pace, chairman of the joint chiefs of staff.*

Na função resultativa em *American newspapers and television **have conducted** endless conversations about royal etiquette* e em, *But even the weather **has not diminished** the excitement of some Americans who continue to see in the Queen a symbol of America's enduring connection to its past.*

O *PrP* também aparece junto a um segmento do texto em que prevalece um certo tom de ironia junto da função continuativa em, *True, the Queen cannot be described as glamorous and American reporters **have been struggling** for the terminology to describe her hats.*

Dessa forma, os exemplos ajudam a ilustrar a relevância que é definida em termos de efeito contextual. Segundo Sperber & Wilson (1995, p.2) a proposição é julgada relevante na medida em que seus efeitos no contexto sejam significativos e facilmente inferidos. No caso desse texto a relevância é estabelecida pelo grau de curiosidade que a situação desperta frente aos americanos, e pelos vários exemplos de *PrP*, inclusive os de *hot news* e *narrativa vívida* e também nos de tom mais irônico como em, *In a week when the celebrity heiress Paris Hilton was sentenced to 45 days in jail for parole violation, Americans evidently seem to find something deeply reassuring about a public figure who can always be counted on for her sense of decorum. The Queen **has also won** over Americans by sheer dint of her durability.* O tom irônico promovido pelas escolhas lexicais, *celebrity heiress*, *sense of decorum* e *durability* ajudam a descrever mecanismos aparentes juntos ao uso do *PrP* que, segundo Thornbury (2005, pp.145-146), ajudam os produtores, nesse caso específico, a jornalista, a usar a língua para criar um ponto de vista e posicionar o leitor *vis-à-vis* a este ponto de vista.

Ainda conforme o autor, as escolhas gramaticais são escolhas ideológicas e não neutras, acidentais ou sem valor. Elas declaram certo ponto de vista e tentam alinhar o leitor a esses valores. Kauffmann (2005, p.135) afirma que o jornal é uma mídia influente na sociedade. Ele veicula textos que atendem às necessidades sociais e culturalmente estabelecidas em formatos lingüísticos reconhecidos por uma comunidade discursiva. Como podemos verificar nesse trecho, *Americans' curiosity could also be piqued by **having***

seen the recent Helen Mirren film of *The Queen*. 'The Queen is someone you can respect no matter what you believe,' said committed royalist Andrew Lannard, who flew from Indiana to Virginia to see the monarch, a escolha típica da passiva no gênero notícia jornalística reforça o VN e retoma o que foi afirmado por Bell (1991, pp.163-174) que o *lead* pode incorporar uma prerrogativa e trazer categorias complementares, como a avaliação, fatos presentes durante todo esse texto em que se avalia o posicionamento dos americanos e do próprio president Bush.

A confirmação do que foi apresentado no *lead* em, Americans **have greeted** the Queen with respectful curiosity, é mostrado através de uma outra proposição, com um certo tom de ironia por parte da jornalista do *The Guardian*, em, And George Bush, who fancies himself a straight-talking Texan, likes to bestow nicknames on people and isn't above talking to world leaders while eating a dinner roll, **has been issued** with a special etiquette guide for the occasion. Oh well, it's only one night. A sentença na passiva reforça o VN ao enfatizar a questão do respeito, até mesmo pelo presidente e com um leve tom de ironia que pode sugerir que o mesmo poderia ser seguido em outras situações.

2. DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Pela análise das 628 ocorrências de uso do *PrP*, pôde-se perceber que algumas delas são mais evidentes no discurso jornalístico do que outras. Entre as funções analisadas, observou-se uma maior frequência das funções resultativas seguidas da função de relevância atual, em particular as de *hot news* quando analisamos os 5 textos e a prevalência das funções de revelância atual e *hot news* seguidas da resultativa quando analisadas todas as ocorrências dos 60 textos coletados. Para efeito de descrição dos resultados quantitativos, apresentaremos, a seguir, um quadro sumário com o número de ocorrências divididas por suas respectivas funções em cada texto da análise:

Quadro 1 - Resultados Quantitativos das Funções que Emergem do Uso do <i>PrP</i> no Discurso Jornalístico (*cada ocorrência pode realizar mais de uma função discursiva)						
Funções - <i>PrP</i>	Texto 1	Texto 2	Texto 3	Texto 4	Texto 5	TOTAIS

EXPERIENCIAL	1	---	---	---	---	1
EPISTÊMICA	2	7	1	1	---	11
PRESSUPOSIÇÃO DE EVIDÊNCIA	4	4	2	4	1	15
RESULTATIVA ou CONTINUATIVA	24	49	11	12	20	116
RELEVÂNCIA ATUAL COM <i>HOT NEWS</i> E NARRATIVA VÍVIDA	16	14	4	3	4	41

Quadro 2 - Resultados Quantitativos das Funções que Emergem do Uso do *PrP* no Discurso Jornalístico na Mídia Digital nos 60 Textos Coletados

Número total de ocorrências de *PrP* e *PrP Continuous* nos 60 textos : 628

Número de ocorrências por função:

Experiencial: 9

Epistêmica: 23

Pressuposição de Evidência: 30

Resultativa: 249

Relevância atual incluindo *hot news* e narrativa vívida: 317

Com base na análise dos 5 textos, e nos resultados apresentados nos quadros 1 e 2, pôde-se apreender que muitas funções se repetem nos vários textos. Dessa forma, tendo em vista que foram analisados e mostrados os 5 textos, passa-se, neste ponto do trabalho, a um resumo com as funções mais representativas nos dados coletados como um todo. Esse resumo tem como objetivo apenas descrever as principais funções analisadas que emergem no discurso jornalístico.

A discussão dos resultados nos remete às considerações do pesquisador sobre como determinados usos do *PrP* se apresentam em seus respectivos contextos e a que tipos de implicações no discurso esses usos nos

reportam. Dessa forma, esse procedimento de análise dos dados escolhido nos direciona às respostas da pergunta de pesquisa deste trabalho, ou seja, que funções discursivas são realizadas pelo *PrP* no discurso jornalístico na mídia digital e conseqüentemente em que medida essas funções podem contribuir para a caracterização mais satisfatória do *PrP* na língua inglesa.

Com o propósito de responder a pergunta de pesquisa, foram selecionados 5 entre os 60 artigos de jornais e revistas americanas e britânicas na mídia digital coletados que utilizados à luz da metodologia de coleta e da análise empregada, a pesquisa denominada documental, de acordo com Sanghera (2002), mostrou que os principais resultados podem ser resumidos da seguinte forma:

1. Tomando como base a definição de tempo verbal utilizada neste trabalho como uma unidade gramatical pela qual nós devemos tipicamente expressar nossa percepção dos eventos (Downing & Locke, 2002, p.314) e de aspecto, como a indicação da duração do processo e de sua estrutura temporal interna (Travaglia, 1985, p.27), não se pode falar em escolha de tempo verbal sem analisarmos a questão do aspecto em conjunto com as outras palavras que compõem o texto, ou seja, a escolha léxico-gramatical feita pelo produtor. Binnick (1991, pp.380-381) afirma que as escolhas de um tempo verbal e aspecto são pelo menos em parte, contextualmente determinadas e afetadas por fatores pragmáticos, a exemplo das pressuposições do falante. Desse modo, o *PrP* não deveria ser definido apenas como um tempo verbal, mas sim como a relação entre esse tempo verbal, o aspecto e as escolhas lexicais feitas pelo produtor, os quais se entrelaçam na construção do significado interpessoal como forma de expressar novos significados;
2. A visão de aspecto que prevalece neste trabalho é a de Hopper (1982, p.21), ou seja, de aspecto considerado mais no plano do discurso do que no semântico ou ainda como um fenômeno no que se refere à sentença. O motivo dessa escolha se deve ao fato de que a proposta do autor e a deste trabalho não cria um conflito com as reconhecidas conquistas de recentes trabalhos acerca do aspecto, mas certamente

questiona nosso entendimento de aspecto, enraizado, em última instância, no discurso. Dessa forma, fica clara a partir dos vários exemplos citados nos textos jornalísticos a diferença entre a classificação tradicional do *PrP* baseado apenas na questão semântica e a apresentada através desta análise, aqui descrita como representativa das várias funções discursivas que podem ser realizadas pela escolha pragmática do *PrP* por parte do produtor;

3. O *PrP* é uma forma mais eficiente, sob o ponto de vista discursivo, do que a princípio se podia imaginar, para expressar ênfase e resultados nas notícias dos tipos *hard* e *soft news*, que refletem uma tendência claramente marcada pela sua relação com o ato de se produzir um significado no presente que tem relação direta com o passado. O *PrP* é um recurso que, quando analisado com os outros elementos da construção do discurso no gênero jornalístico, demonstra uma escolha pragmática específica e determinante por parte do produtor em reforçar o significado e suas idéias. Isso pode ser feito de tal sorte que o produtor, ao fazer suas escolhas, permite construir um significado mais intenso, que reflète o posicionamento do produtor perante a notícia, seja ela de caráter de relevância atual ou uma *hot news*, seja porque simplesmente necessita de uma estrutura gramatical que enfatize por meio de suas funções específicas a verdadeira intenção de alertar ou convencer o receptor sobre o tipo de informação e mensagem que deseja expressar;
4. O *PrP* ajuda o produtor a estabelecer uma coerência discursiva, por meio das várias funções que emergem no discurso. Neste trabalho, pôde-se verificar uma maior incidência da função resultativa na análise detalhada de 5 textos seguida da relevância atual através da função *hot news*, e o contrário quando da análise de todos os 60 textos coletados. Dessa forma, concluiu-se que o *PrP* é mais uma opção do produtor, no caso desta pesquisa, o jornalista, para enfatizar o caráter contínuo da ação e de relevância atual, como pudemos observar nos mais diversos exemplos e contextos da mídia digital americana e britânica, seja pela

função resultativa como pela função de relevância atual, o *hot news*. Além disso, percebeu-se que o produtor tem o poder de procurar convencer o receptor da importância e real vivacidade da notícia em questão. Apesar da necessidade de outras pesquisas na área, tentou-se mostrar, através deste trabalho, que o *PrP* representa uma escolha verídica que ressalta claramente a notícia, a ideologia subjacente, determinados *frames* e o posicionamento do produtor, o *footing*, e torna o seu impacto ainda maior para o receptor. Além disso, a maneira pela qual o *PrP* representa o fluxo do tempo e expressa concretamente a temporalidade no discurso o torna uma escolha capaz de refletir variadas funções pragmáticas até então relatadas apenas de forma superficial nas gramáticas pedagógicas;

5. Pelos vários exemplos descritos, depreendeu-se que o *PrP* não é uma simples escolha, pois, do ponto de vista discursivo, a expressão do significado depende de quem fala, para quem se fala e sobre o que se fala. Por conseguinte, o *PrP* é uma opção clara do produtor de enfatizar a natureza corrente dessa ação e dos participantes envolvidos nela, e conseqüentemente, torna-se uma escolha mais relevante entre todas as outras possíveis para se representar a temporalidade gramaticalmente em situações de uso em que a relevância atual de um fato já ocorrido faz-se patente, como pudemos observar na sentença, *The Pope has died*, que chamou a atenção do pesquisador e também norteou o início desta pesquisa. Por isso, pode-se inferir que o *PrP*, literalmente, representa uma forma de intensificação do significado, carregado de valores ideológicos, e que ajuda no processo de argumentação presente no discurso jornalístico;

6. A partir dos dados analisados, independente da função discursiva que cada *PrP* possa desempenhar, e do tipo de notícia, *hard* ou *soft news*, pode-se notar que além das funções sintáticas e semânticas, discutidas no início da revisão da literatura, o *PrP* realmente tem funções discursivas que podem contribuir para uma caracterização mais satisfatória do *PrP*, pois seus usos dependem da relação entre produtor

e receptor, o qual traz o conhecimento do mundo para o texto e das necessidades pragmáticas exigidas pelo contexto. Daí, pode-se assegurar que é difícil para se entender o funcionamento do *PrP*, principalmente pelos alunos brasileiros, porque o *PrP* em geral é descrito apenas nas suas regras que correspondem às suas versões sintáticas e semânticas, esquecendo-se da sua relação com a produção do discurso e de todas as funções que o *PrP* nele podem desempenhar;

7. A função resultativa prevalece na análise dos 5 textos e tem grande relevância também no total de ocorrências pois é um importante meio para assegurar a veracidade das informações muitas vezes precedidas pela função *hot news* do *PrP*; as sentenças que fazem uso do *PrP* em sua função resultativa ou continuativa reforçam o VN, ajudam a estabelecer o *frame* e o posicionamento do produtor frente à notícia;

8. Os exemplos da função *hot news* do *PrP* demonstram uma característica no estilo jornalístico escrito, em que o *PrP* é usado para enfatizar a relevância atual dos eventos, mesmo que alguns adjuntos adverbiais de tempo passado também estejam presentes na sentença, como em alguns exemplos citados anteriormente. É interessante notar também que o processo de gramaticalização notado por Schwenter (1984, p.1019), segundo o qual se utilizam advérbios de tempo junto do *PrP* para se reafirmar que um evento passado aconteceu em um presente que continua, o qual ainda é relevante, se apresenta ainda que de forma não muito representativa, mas já demonstra uma nova escolha pragmática do *PrP* no intuito de enfatizar a questão da relevância atual de uma proposição mesmo que essa tenha sido referida a um evento passado e claramente determinado no fluxo do tempo;

9. O *PrP* através dos exemplos citados nos textos jornalísticos da mídia digital reflete a tese sustentada nesta pesquisa de que enquanto uma escolha pragmaticamente relevante este ajuda a ilustrar o estudo da língua a partir do ponto de vista dos seus usuários, especialmente das escolhas que eles fazem, as restrições que eles encontram no uso da

língua na interação social e os efeitos que os usos da língua têm sobre os participantes no ato de comunicação como um todo;

10. Pôde-se apreender e confirmar pela análise que a função resultativa do *PrP* tende a emergir no discurso jornalístico em grande quantidade como previsto na literatura estudada e verificado na análise dos 60 textos jornalísticos, e isto ocorre de quatro formas distintas: (i) como um simples resultado, mas que ajuda na coerência discursiva, (ii) como um resultado que ainda tem relevância no tempo presente, (iii) como resultado de pesquisas científicas, tendo como suporte asserções de pesquisadores de renome e ilustrado através de várias pesquisas e estatísticas, e (iv) como um resultado enfatizado pelo uso de alguns advérbios de intensidade.

A partir dos resultados apresentados, pode-se concluir que independente do tipo de notícia, *hard* ou *soft news*, o que realmente importa é a forma como a notícia é realizada, seja por meio da função resultativa, da relevância atual ou *hot news* ou ainda com menor frequência pelas funções epistêmica e de pressuposição de evidência. Em resposta à pergunta de pesquisa, o resultado do uso do *PrP* contribui para uma expressão do significado mais apurada, fruto de uma escolha motivada pragmaticamente, mais coerente e de acordo com o contexto e com a intenção do produtor.

Sendo assim, a partir desses resultados, tecem-se na seqüência as considerações finais desta pesquisa.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

À guisa de conclusão, este capítulo vai rever de forma sucinta a problemática que originou este trabalho, os objetivos daí derivados e a questão de pesquisa que especificou a sua meta. Serão também retrçados,

brevemente, os caminhos teóricos e metodológicos percorridos e os resultados atingidos. Por fim, serão abordadas as perspectivas discursivas e pedagógicas, o que faltou fazer, o que pode ser feito e os estudos futuros que podem ser criados a partir dos resultados obtidos, assim como as possíveis contribuições deste trabalho na área da Lingüística Aplicada e no ensino de inglês como LE.

1. Perspectiva Discursiva

Estas considerações finais se iniciam com uma citação de Larsen-Freeman (2003, p.44) que, certamente, resume o propósito desta pesquisa. Por que estudarmos gramática? A resposta me parece pertinente, ao entendermos a explicação da autora que diz: *Grammar is a tool of exquisite precision, allowing us to create forms in order to express delicate shades of meaning.* Gramática, é dentro deste contexto de pesquisa, a verdadeira possibilidade de escolha; uma prática social com a possibilidade de entender várias formas de expressão e, conseqüentemente, compreender como a língua funciona e de que maneira está a serviço da expressão de significados e da construção do discurso.

Tendo esta visão como “pano de fundo”, e de forma sumária, a descrição crítica da gramática, nesse caso específico, o uso e a escolha pragmática do *PrP* como forma de expressão e representação gramatical da temporalidade no discurso jornalístico, este trabalho pôde nos ajudar a entender melhor as escolhas léxico-gramaticais que se unem às funções que emergem do uso do *PrP* no discurso jornalístico.

Para fundamentar teoricamente este trabalho, recorreu-se a resenhas de autores que estudam o que é tempo verbal, tempo de evento e tempo de referência; a relação de tempo e aspecto na língua portuguesa e inglesa; a descrição do *PrP* e suas funções, seguida de uma caracterização do discurso jornalístico como objeto de pesquisa na lingüística aplicada.

Assim para concretizar tal estudo, o pesquisador retomou conceitos essenciais para a referida pesquisa que foram de Reichenbach (1947), passando por Vendler (1967), ao classificar as categorias dos verbos, apreendeu alguns dos principais elementos iniciais sobre o *PrP*, como os apresentados pelo estudos de Comrie (1985), e as funções do *PrP* segundo Schwenter (1994), Michaelis (1998), Engel & Ritz (2005) e Nishiyama & Koenig

(2005, 2006). Além disso, revelou o estudo da língua sob o aspecto da teoria da relevância, levando em conta os autores Wilson & Sperber (1996), as características do discurso por Goffman (1995), Fairclough (2001), Bednarek (2005) e Lauerbach (2007), o embasamento sobre as características da mídia e do discurso jornalístico, enquanto pesquisa científica, tratados por Bell (1991), Fowler (1991), Fairclough (1995,1999) e aspectos do discurso e da gramática sistêmico-funcional, princípios adquiridos a partir da leitura dos estudos de Halliday (1978, 1985) e Thompson (2004).

Pôde-se também observar que a expressão do significado através do *PrP* tem funções que necessitam de um estudo mais amplo em outros contextos de uso, inclusive no inglês oral, pois, apesar de termos mostrado como o produtor pode intensificar um significado mediante o uso deste tempo verbal na forma escrita e no gênero notícia jornalística, questões como o seu valor perlocucionário não foram abordadas e ainda necessitam de uma investigação mais detalhada em seus mais variados contextos de uso na língua inglesa.

Posso assegurar que o estudo do *PrP* no discurso jornalístico nos mostrou uma parte de uma escolha pragmática que certamente pode ser explorada em novas pesquisas, como por exemplo, sobre o uso do *PrP* na oralidade, como nos programas de televisão e outros subgêneros, sob a ótica de uma gramática específica da oralidade (*spoken Grammar*), o que pode trazer novos avanços e perspectivas complementares à questão discursiva.

Acredito ainda que pesquisas futuras possam trazer novas perspectivas a respeito da transitividade, da intertextualidade e de outros elementos pertinentes a construção do discurso na língua inglesa como um todo.

2. Perspectiva Pedagógica

Em suma, este trabalho sobre as funções que emergem do uso do *PrP* no discurso jornalístico, isto é, atividade caracterizada como funcional e pragmaticamente motivada, aqui apresentada por intermédio de uma série de textos escritos, procurou descrever vários tipos de relações no contexto jornalístico, com o intuito de relatar a riqueza da expressão de significados e como as escolhas na representação gramatical desses significados são determinadas, em parte, pelo conhecimento do produtor em criar tais efeitos. O

trabalho também tem por objetivo encetar uma série de pesquisas que possam ajudar professores e alunos a entenderem melhor a evidência e o porquê de existirem formas de expressão diferentes em um determinado contexto para atingir propósitos comunicativos sociais específicos.

Além disso, espera-se que, com este estudo, novos horizontes de pesquisa se delineiem em várias áreas de atuação, desde a lingüística aplicada e a educação, até o jornalismo, uma vez que ele possibilita imaginar novos rumos para os pontos de conexão entre pragmática e gramática, ao propiciar um maior entendimento dos tempos verbais, especificamente do *PrP*, no ensino e aprendizagem da língua inglesa. Tem-se também a intenção de oferecer novas perspectivas que possam contribuir para entender e esclarecer algo tão rico na língua inglesa, isto é, a expressão da temporalidade em seus mais diversos contextos. Para tanto, nos apoiamos em Kasper & Rose (2002), que afirma que a principal tarefa dos alunos consiste em descobrir os significados pragmáticos pelos quais as formas gramaticais podem ser associadas. Segundo os autores, os alunos em seu desenvolvimento pragmático e de gramática se deparam com diferentes tarefas em momentos distintos do seu processo de aprendizagem:

(...) in the very early phases they build on their available pragmatic knowledge, making do with whatever L2 grammar they have and at the same time acquiring the grammar needed to accomplish actions in L2. As learners progress, their learning task increasingly changes to figuring out the various pragmatic, often secondary meanings that specific grammatical forms have beyond their primary meaning(s). This process will evolve differently for different pragmatical forms and pragmatic meanings, and will depend, among other things, on the activities learners engage in and on whether grammatical and pragmatic knowledge of other languages helps to acquire new L2 pragmatic meanings of grammatical forms. Kasper & Rose (2002, pp.187-188)

A pretensão do pesquisador é que esta pesquisa venha juntar-se e também certamente contribuir à necessidade de estudos que explorem amplamente as questões investigativas com foco no desenvolvimento da pragmática e gramática no discurso em LE e que ajudem na produção de materiais didáticos, em particular, novas gramáticas pedagógicas que possam descrever os usos dos tempos verbais de uma forma mais ligada à produção do discurso nos mais variados gêneros do que na simples descrição de regras de uso. Para isso, menciona-se Crystal (1999), não somente porque suas

idéias vêm ao encontro da preocupação do pesquisador no que se refere ao futuro das pesquisas em lingüística aplicada em nosso país, mas também porque é propósito desta pesquisa se comprometer com o avanço e discernimento de propostas pedagógicas mais atualizadas com as variações lingüísticas no que se referem às mudanças de percepção da representação gramatical da temporalidade no ensino de inglês como LE em nosso país nas mais diversas instituições de ensino. Esta pesquisa faz-se também relevante, conquanto possa ajudar na produção de novos materiais didáticos e favorecer futuras implicações para a publicação de gramáticas pedagógicas mais coerentes e de acordo com as variações lingüísticas e suas novas funções pragmático-discursivas:

The future is one of increasing variety, and thus change. The sooner we prepare people to cope with this diverse new world, therefore, the better. Part of the answer is to teach them to swim in the right direction – with the tide, rather than against it. (David Crystal, 1999, p.8)

Acreditamos que a principal contribuição deste trabalho, já comprovada pelo pesquisador pelo planejamento e resultados de novos cursos de gramática avançada, tanto para alunos como para professores, é a possibilidade de descrever o *PrP* de forma mais coerente com a prática discursiva, no intuito de tornar a sua expressão e uso mais claros. Mais do que ensinar gramática, o professor, como afirmou Crystal, precisa ensinar seus alunos a nadarem na direção certa, que, ao nosso ver, consiste em valorizar e permitir a expressão mais adequada dos significados. Espera-se que este trabalho inspire professores e pesquisadores a darem continuidade a estudos sobre a expressão da temporalidade e do *PrP* em novos contextos de uso e, dessa maneira, promova o acesso a outros caminhos que auxiliem professores e alunos a descobrirem as diferentes nuances das escolhas léxico-gramaticais, segundo o propósito mais funcional da língua: expressar pensamentos e significados e desempenhar funções da forma mais relevante possível.

REFERÊNCIAS

ANDERSON, L. *The "Perfect" as a Universal and Language-Specific Category* in P.Hopper, *Tense-Aspect: Between Semantics and Pragmatics*, Amsterdam: John Benjamins, 1982.

- AZEVEDO FILHO, L. A. *Para uma gramática estrutural da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: GERNASA, 1975.
- BARDOVI-HARLIG, K. & DUDLEY, W. R. *The Role of Lexical Aspect in the Acquisition of Tense and Aspect*, TESOL Quarterly, volume 29, número 1, 1995.
- BARDOVI-HARLIG, K. *Tense and Aspect in Second Language Acquisition: Form, Meaning, and Use*. Cambridge, MA: Blackwell, 2000.
- BARDOVI-HARLIG, K. *Another Piece of the Puzzle: The Emergence of the Present Perfect in Language Learning*, volume 51, número 51, Oxford: Blackwell, 2001.
- BEDNAREK, M. A. *Frames Revisited - The Coherence-Inducing Function of Frames*. *Journal of Pragmatics*, volume 37, número 5, 2005.
- BELL, A. *The Language of News Media*. Oxford: Blackwell, 1991.
- BIBER, D. *Dimensions of Register Variation: A Cross-Linguistic Comparison*, Cambridge: CUP, 1995.
- BIBER, D. et al. *Longman Grammar of Spoken and Written English*, Harlow: Pearson Education, 1999.
- BINNICK, R. I. *Time and the Verb – A Guide to Tense and Aspect*, New York, NY: Oxford University Press, 1991.
- BRINTON, L. *The Development of English Aspectual System*. Cambridge: Cambridge University Press, 1988.
- CAMPOS, O. & GALEMBECK, P. de T. *Tempos Verbais: Uma Abordagem Funcionalista in Revista ALFA*, número 38, São Paulo, 1994.
- CARTER & MCCARTHY. *Cambridge Grammar of English*, Cambridge: Cambridge University Press, 2006.
- CASTILHO, A. T. *A Sintaxe do Verbo e os Tempos do Passado em Português*. Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, Marília, SP, 1967.
- CATHER, W. *O PIONEER!*. Raleigh: Alex Catalogue. (<http://www.netlibrary.com>), 1996.
- CLARK, B. *Relevance Theory and the Semantics of Non-Declaratives*, Tese de Doutorado: Universidade de Londres, Reino Unido, 1991.
- CLARK, E. *The Pragmatics of Contrast* in *Journal of Child Language* 17, 1990.
- COMRIE, Bernard. *Aspect*, Cambridge: Cambridge University Press, 1976.
- COMRIE, Bernard. *Tense*. Cambridge: Cambridge University Press, 1985.
- COX, R. M. *Preterite Uses of the Present Perfect in New Zealand English Narratives: A Case Study*. Dissertação de Mestrado, Departamento de Linguística, Universidade de Canterbury, Canterbury, Reino Unido, 2005.
- CRYSTAL, D. *A Dictionary of Linguistics and Phonetics*, Oxford: Blackwell. 1985.
- CRYSTAL, D. *Swimming with the Tide* in *IATEFL*, número 149. <http://www.iatefl.org/archives/Texts/149Crystal.html>, 1999.

- CUNHA, C. & CINTRA I. F. L. *Nova Gramática do Português Contemporâneo*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.
- CYSNE, A. E. M. *Levantamento e Análise de Estratégias de Produção de Present Perfect do Inglês por Falantes Nativos de Português*, Dissertação de Mestrado, LAEL: PUC-SP, 1990.
- DAHL, O. (Ed.). *Tense and Aspect in the Languages of Europe*, Berlin: Mouton de Gruyter, 2000.
- DeCARRICO, J. *Tense, Aspect and Time in the English Modality in TESOL Quarterly*, volume 20, número 4, 1996.
- DOWNING, A. & LOCKE, P. *A University Course in English Grammar*, New York, NY: Routledge, 2002.
- DOWTY, D. R. *Word Meaning and Montague Grammar*, Dordrecht: D. Reidel, 1979.
- DRY, H. *Sentence Aspect and the Movement of Narrative Time* in *Text*, volume 1, 1981.
- DRY, H. *The Movement of Narrative Time* in *Journal of Literary Semantics*, volume 12, 1983.
- ENGEL, D.M. *A Perfect Piece? The Present Perfect and Passé Composé in Journalistic Texts*. *Belgian Journal of Linguistics*, 12, 1998.
- ENGEL, D. M. *The Use of the Present Perfect in Australian English* in *Australian Journal of Linguistics*, volume 20, número 2, 2000.
- ENGEL, D. M. *Radio Talk – French and English Perfects on Air* in *Languages in Contrast*, volume 2, número 2, Amsterdam: John Benjamins, 2002.
- ENGEL, D. M. & RITZ, M. *Vivid Narrative Use and the Meaning of the Present Perfect in Spoken Australian English* in *Linguistics* in *Linguistics*, 2005a (no prelo).
- ENGEL, D. M. & RITZ, M. *“Perfect Change: Synchrony Meets Diachrony”*. Comunicação apresentada na XVII Conferência Internacional de Lingüística Histórica, Madison: USA, 2005b.
- EL-DASH, L. G. & BUSNARDO, J. *Tempos Verbais em Inglês e Português: Escolhas Pragmáticas a partir de Aspectos Semânticos. Trabalhos em Lingüística Aplicada*, volume 40, p.63-69, Campinas: UNICAMP, 2002.
- FABRICIUS-HANSEN, C. *Pragmatics of Tense and Time*. in J. C. Mey (org). *Concise Encyclopædia of Pragmatics*. Amsterdam: Elsevier, 1998.
- FAIRCLOUGH, N. *Media Discourse*. London: Edward Arnold, 1995.
- FAIRCLOUGH, N. *Discourse in Late Modernity*, Edinburgh: Edinburgh University Press, 1999.
- FAIRCLOUGH, N. *Discurso e Mudança Social*, Brasília: Editora UnB, 2001.
- FENN, P. *A Semantic and Pragmatic Examination of the English Perfect*. Tübingen: Gunter Narr, 1987.
- FLEISCHMAN, S. *Tense and Narrativity. From Medieval Performance to Modern Fiction*. Austin: University of Texas Press, 1990.

FONSECA, M. C. M. *Um Estudo das Formas Verbais de Pretérito nas Interlínguas de Brasileiros Aprendizes do Inglês e do Espanhol: Past Simple/Present Perfect e Pretérito Indefinido / Pretérito Perfecto*. Dissertação de Mestrado, São Paulo: Universidade de São Paulo, 2001.

FORSYTH, J. *A Grammar of Aspect*, Cambridge: Cambridge University Press, 1970.

FOWLER, R. *Language in the News – Discourse and Ideology in the Press*. London: Routledge, 1991.

GRAFF, D. *North American News Text Corpus*. Philadelphia: Linguistic Data Consortium, University of Pennsylvania, 1995-1997.

GOFFMAN, E. *Footing* In: Branca Telles Ribeiro & Pedro M. Garcez, *Sociolingüística Interacional*, Porto Alegre: AGE Editora, 1998.

HALLIDAY, Michael A.K. *Language as Social Semiotic*. London: Edward Arnold, 1978.

HALLIDAY, Michael A.K. *An Introduction to Functional Grammar*. London: Edward Arnold, 1985.

HARTLEY, J. *Understanding News*, London: Methuen, 1982.

HINKEL, E. *The Past Tense and the Temporal Verb Meanings in a Contextual Frame* in *TESOL Quarterly*, volume 31, número 2, 1997.

HOPPER, P.J. *Aspect and Foregrounding in Discourse* in Givón, T. *Syntax and Semantics: Discourse and Syntax*, volume 12, New York: Academic Press, 1979.

HOPPER, P. J. & Thompson S. A. *Transitivity in Grammar and Discourse* in *Language*, volume 56, número 2, 1980.

HOPPER, P. *Aspect Between Discourse and Grammar: An Introduction Essay* in P.Hopper , *Tense-Aspect: Between Semantics and Pragmatics*, Amsterdam: John Benjamins, 1982.

HOPPER, P. & TRAUGOTT, E. *Grammaticalization*, Cambridge: Cambridge University Press, 1993.

INOUE, K. *An Analysis of the English Present Perfect* in *Linguistics*, volume 17, 1979.

JONES, R. & CARTER, R. E. *Some Procedures for Estimating 'News Hole' in Content Analysis* in *Public Opinion Quarterly*, volume 23, número 3, 1959.

KAMP, H & REYLE, U. *From Discourse to Logic*, Dordrecht: Kluwer Academic Press, 1993.

KATZ, G. *A Modal Account of the English Perfect Puzzle* in Robert B. Young & Yuping Zhou (Eds.), *Proceedings of the SALT XIII*, Cornell University: CLC Publications, 2003. .

KASPER, G & ROSE, K. R. *The Development of Pragmatics and Grammar in Language Learning*, volume 52, número 51, Blackwell, 2002.

KAUFFMANN, C. *O Corpus do Jornal: Variação Lingüística, Gêneros e Dimensões da Imprensa Diária Escrita*. Dissertação de Mestrado. LAEL, PUC-SP: São Paulo, 2005.

KEMPSON, R. *Mental Representations: The Interface Between Language and Reality*, Cambridge: Cambridge University Press, 1998.

KLEIN, W. *The Present Perfect Puzzle* in *Language*, volume 68, 1992.

KORREL, L. *The Use of the Present Perfect in English and in Dutch: A Look Behind the Scenes*. *Lingua* 89, North-Holland, 1993.

KRESS, G. R. *Linguistic Processes in Sociocultural Practice*. Victoria, Australia: Deakin University Press, 1985.

LAMBRECHT, K. *Information Structure and Sentence Form*. Cambridge: Cambridge University Press, 1994.

LANGACKER, R. *Foundations of Cognitive Grammar*, volume 2, Stanford: Stanford University Press, 1991.

LARSEN-FREEMAN, D. *Teaching Language: From Grammar to Gramming*. Boston: Thomson Heinle, 2003.

LAUERBACH, G. *Argumentation in Political Talk Show Interviews*. *Journal of Pragmatics*, volume 39, 2007.

LEECH, E. *Meaning and the English Verb*, London: Longman, 1971.

LEECH, E. *Principles of Pragmatics*, London: Longman, 1983.

LI, C. N. & THOMPSON, S. A. *The Discourse Motivation for the Perfect Aspect: the Mandarin Aspect* in Hopper (org) *Tense-Aspect: Between Semantics and Pragmatics*. Amsterdam: John Benjamins, 1982.

LUFT, C. P. *Moderna Gramática Brasileira*, Porto Alegre: Globo, 1976.

MCCARTHY, M. *Discourse Analysis for Language Teachers*, Cambridge: Cambridge University Press, 1991.

MCCAWLEY, J. *Tense and Time Reference in English* in C. Fillmore and D. J. Lagenadoen (eds.), *Studies in Linguistic Semantics*, New York, NY: Holt, Rinehart & Winston, 1971.

MCCOARD, R. *The English Perfect: Tense Choice and Pragmatic Inferences*. Amsterdam: North-Holland Press, 1978.

MANI, I. et al. *The Language of Time - A Reader*, New York: Oxford University Press, 2005.

MEDEIROS, H. *O Psíquico e o Social: Dois Aspectos na Aprendizagem de uma Língua Estrangeira* in série Cadernos PUC, 17, São Paulo: EDUC, 1984.

MICHAELIS, L. A. *Aspectual Grammar and Past-Time Reference*. New York: Routledge, 1998.

MICHAELIS, L. A. *Time and Tense*. in B. Aarts & A. McMahon (eds.), *The Handbook of English Linguistics*, Oxford: Blackwell, 2006.

MOLSING, K. V. *Tempo e Aspecto do Presente Perfeito em Inglês e Português*, Revista Letras volume 69, UFPR, 2006.

MUSAN, R. *Tense, Predicates and Lifetime Effects* in Natural Language Semantics, volume 3, número 3, 1997.

NEVES, M.H.M. *A Gramática Funcional. Trabalho apresentado em mesa-redonda da ABRALIN na 45ª Reunião Anual da SBPC, Recife, 1993.*

NISHIYAMA, A. & KOENIG, J. [What is a perfect state?](#) in B. Schmeiser, V. Chand, A. Kelleher, and A. Rodriguez (eds.), *WCCFL 23 Proceedings*, Somerville, MA: Cascadilla Press, 2004.

NISHIYAMA, A. & KOENIG, J. *The Discourse Functions of the Perfect*, <http://www.acsu.buffalo.edu/~an1/interest.html>, 2005.

NISHIYAMA, A. & KOENIG, J. *The Perfect in Context: a Corpus Study* in *University of Pennsylvania Working Papers in Linguistics*, volume 12, número 1, 2006.

OLIVEIRA, A. A. *A Aquisição do Present Perfect em Contexto de Língua Estrangeira*, *Dissertação de Mestrado, Departamento de Letras, Belo Horizonte: UFMG, 2003.*

PALMER, F. *A Linguistic Study of the English Verb*, Miami: Miami University Press, 1968.

PEREZ, F. J. D. *Sperber and Wilson's Relevance Theory and its Applicability to Advertising Discourse: Evidence from British Press Advertisements in Atlantis*, *Revista de la Asociación Española de Estudios Anglo-Norteamericanos*, 2000

PETERSON, S. *International News Selection by the Elite Press: A Case Study* in *Public Opinion Quarterly*, volume 45, número 2, 1981.

PORTNER, P. *The (Temporal) Semantics and (Modal) Pragmatics of the Perfect* in *Linguistics and Philosophy*, volume 26, 2003.

POOL, I. S. et al. *The Prestige Press: A Comparative Study of Political Symbols*. Cambridge, MA.: MIT Press, 1970.

RAVEM, R. *Language Acquisition in a Second Language Environment* in J. Richards (ed.), *Error Analysis: Perspectives on Second Language Acquisition*, London: Longman, 1984.

REICHENBACH, H. *The Tenses of Verbs* in R. Hans, *Elements of Symbolic Logic*, New York: Macmillan, 1947.

REICHENBACH, H. *The Direction of Time*, Mineola, NY: Dover, 1999.

RICHARDS, J.C. *Introducing the Perfect: An Exercise in Pedagogic Grammar* in M.H. Long & J.C. Richards (eds.) *Methodology in TESOL*, New York: Newbury House, 1987.

SANGHERA, B. *Planning and Understanding Social Research - Student Workbook*, The American University in Kyrgyzstan, 2002.

http://uk.geocities.com/balihar_sanghera/qrmdocumentaryresearch.html

SCHLESINGER, P. *Putting 'Reality' Together*. BBC News. London: Methuen, 1987

SCHWENTER, S. A. *Hot News and the Grammaticalization of Perfects* in *Linguistics*, volume 32, 1994.

SEARLE, J. *Speech Acts*, Cambridge: Cambridge University Press, 1969.

SLOBIN, D. I. *Talking Perfectly: Discourse Origins of the Present Perfect*, in W. Pagliuca (Ed.) *Perspectives on Grammaticalization*, Benjamins: Amsterdam, 1994.

SMITH, C. *A Theory of Aspectual Choice in Language*, volume 59, 1983.

SPARKS, C & CAMPBELL, M. *The 'Inscribed Reader' of the British Quality Press* in *European Journal of Communication*, volume 2, número 4, 1987.

SPERBER, D. & WILSON, D. *Relevance - Communication and Cognition*, Oxford: Blackwell, 1995.

STOEVSKY, A. *The Perfect: Some Implications of the Displaced Mode*, comunicação apresentada na 9ª Conferência Internacional de Pragmática, Riva del Garda, Itália, 2005.

THOMPSON, G. *Some Misconceptions about Communicative Language Teaching*. *ELT Journal*, volume. 50, número 1, 1996.

THOMPSON, G. *Introducing Functional Grammar*, London: Arnold, 2004.

TRAVAGLIA, L. C. *O Aspecto Verbal no Português – A Categoria e sua Expressão*, Uberlândia: Universidade Federal de Uberlândia, 1985.

THORNBURY, S. *Beyond the Sentence*. Oxford: Macmillan, 2005

van DIJK (1988). *News as Discourse*, Hillsdale, NJ.: Lawrence Erlbaum, 1988.

van LAMBALGEN, M. & HAMM, F. *The Proper Treatment of Events*, Oxford: Blackwell, 2005.

VENDLER, Z. *Linguistics in Philosophy*, Cornell: Cornell University Press, 1967.

WADE, I. M. *A Study in the Usage of the Past and Present Perfect Tenses in British and American English*, Dissertação de Mestrado, LAEL: PUC-SP, 1978.

WILSON, D. & SPERBER, D. *Linguistic Form and Relevance* in *Lingua*, volume 90, 1993.

ZACKS J. M. & TVERSKY B. *Event Structure in Perception and Cognition* in *Psychological Bulletin*, volume 127, número 1, 2001.

ANEXOS

Textos em suas versões originais como nos *websites* dos jornais e revistas pesquisados.

Anexo 1: Texto do jornal *The Independent*:

THE INDEPENDENT

Third terror suspect has disappeared, Reid admits

By Nigel Morris, Home Affairs Correspondent

Published: 17 January 2007

John Reid faces intense embarrassment after admitting that a terrorist suspect vanished within days of being issued with a control order that was meant to restrict his movements.

The authorities have now lost track of three of 18 men they believe to be such a serious threat to security, either at home or abroad, that they have to be constantly monitored.

In a further damaging blow to the embattled Home Secretary, a Home Office report raised serious questions over border controls at major airports. It warned that immigration officers felt under "intense pressure" to allow foreign travellers into Britain, even where there were doubts over their status.

Mr Reid's efforts to get a grip on his department were set back last week by the disclosure that details of 27,500 convictions of Britons abroad were allowed to pile up in the Home Office without being entered on the national police computer.

Yesterday, Tony Blair expressed confidence that Mr Reid, who held what he called the "toughest job in government", would turn around the Home Office.

Within hours, however, the Home Secretary admitted that another terrorism suspect was on the run despite being on a control order, which required him to surrender his passport, live at a specified address and report daily to police. He is understood to be a Manchester man who had recently become radicalised and was suspected of planning to travel to Iraq to join the insurgency against Western troops.

Mr Reid said: "The individual is not believed to represent a direct threat to the public in the UK at this time."

Control orders, which can amount to virtual house arrest, were introduced two years ago after the policy of indefinite detention was thrown out by the courts. Eighteen control orders have so far been issued, but their shortcomings were exposed by the disappearance of an Iraqi man last August and of a UK national the following month. Both are still missing despite intensive police manhunts.

Home Office sources said that the latest man to abscond was at the "low end" of the control orders and argued there was no need for public alarm.

Meanwhile, Home Office research has discovered that immigration officers sometimes wave passengers through passport control because of staff shortages. It disclosed that staff at Heathrow and Gatwick airports were encouraged to grant "borderline" cases if in doubt. The Home Office report said: "At certain times of the day, when a lot of flights come in at the same time, control can become extremely busy.

"If this coincides with staff shortages, immigration officers can feel under intense pressure to deal with passengers more quickly than they would like, and sometimes to let passengers through without making further inquiries."

The report added: "Some immigration officers described rare occasions when, due to staff shortages, they had been instructed by chief immigration officers not to hold up any passengers at all."

David Davis, the shadow Home Secretary, said: "These disgraceful disclosures over control orders and border controls is more evidence John Reid is failing to protect the public."

* Five offenders convicted of serious crimes abroad are still working in jobs in Britain which required them to be vetted by the Criminal Records Bureau, the Home Office said last night. However, none of them had convictions for sexual and/or violent offences, it added.

<http://www.independent.co.uk/news/uk/politics/third-terror-suspect-has-disappeared-reid-admits-432449.html>

Anexo 2 : Texto do jornal *The Guardian*:

Bush has created a comprehensive catastrophe across the Middle East

In every vital area, from Afghanistan to Egypt, his policies have made the situation worse than it was before

Timothy Garton Ash
Thursday December 14, 2006
[The Guardian](#)

What an amazing bloody catastrophe. The Bush administration's policy towards the Middle East over the five years since 9/11 is culminating in a multiple train crash. Never in the field of human conflict was so little achieved by so great a country at such vast expense. In every vital area of the wider Middle East, American policy over the last five years has taken a bad situation and made it worse.

If the consequences were not so serious, one would have to laugh at a failure of such heroic proportions - rather in the spirit of Zorba the Greek who, contemplating the splintered ruins of his great project, memorably exclaimed: "Did you ever see a more splendidous crash?" But the reckless incompetence of Zorba the Bush has resulted in the death, maiming, uprooting or impoverishment of hundreds of thousands of men, women and children - mainly Muslim Arabs but also Christian Lebanese, Israelis and American and British soldiers. By contributing to a broader alienation of Muslims it has also helped to make a world in which, as we walk the streets of London, Madrid, Jerusalem, New York or Sydney, we are all, each and every one of us, less safe. Laugh if you dare.

In the beginning, there were the 9/11 attacks. It's important to stress that no one can fairly blame George Bush for them. The invasion of Afghanistan was a justified response to those attacks, which were initiated by al-Qaida from its bases in a rogue state under the tyranny of the Taliban. But if Afghanistan had to be done, it had to be done properly. It wasn't. Creating a half-way civilised order in one of the most rugged, inhospitable and tribally recalcitrant places on the planet was always going to be a huge challenge. If the available resources of the world's democracies, including those of a new, enlarged Nato, had been dedicated to that task over the last five years, we might at least have one partial success to report today.

Instead Bush, Cheney and Rumsfeld drove us on to Iraq, aided and abetted by Tony Blair, leaving the job in Afghanistan less than half-done. Today Osama bin Laden and his henchmen are probably still holed up in the mountains of Waziristan, just across the Afghan frontier in northern Pakistan, while the Taliban is back in force and the whole country is a bloody mess. Instead of one

partial success, following a legitimate intervention, we have two burgeoning disasters, in Afghanistan and in Iraq.

The United States and Britain invaded Iraq under false pretences, without proper legal authority or international legitimacy. If Saddam Hussein, a dangerous tyrant and certified international aggressor, had in fact possessed secret stockpiles of weapons of mass destruction, the intervention might have been justified; as he didn't, it wasn't. Then, through the breathtaking incompetence of the civilian armchair warriors in the Pentagon and the White House, we transformed a totalitarian state into a state of anarchy. Claiming to move Iraq forward towards Lockean liberty, we hurled it back to a Hobbesian state of nature. Iraqis - those who have not been killed - increasingly say things are worse than they were before. Who are we to tell them they are wrong?

Now we are preparing to get out. After working through Basra in Operation Sinbad, a reduced number of British troops will draw back to their base at Basra airfield. We will sit in a desert and call it peace. If the White House follows the Baker-Hamilton commission's advice, US troops will do something similar, leaving embedded advisers with Iraqi forces. Three decades ago, American retreat was cloaked by "Vietnamisation"; now it will be cloaked by Iraqisation. Meanwhile, Iraqis can go on killing each other all around, until perhaps, in the end, they cut some rough-and-ready political deals between themselves - or not, as the case may be.

The theocratic dictatorship of Iran is the great winner. Five years ago, the Islamic republic had a reformist president, a substantial democratic opposition, and straitened finances because of low oil prices. The mullahs were running scared. Now the prospects of democratisation are dwindling, the regime is riding high on oil at more than \$60 a barrel, and it has huge influence through its Shia brethren in Iraq and Lebanon. The likelihood of it developing nuclear weapons is correspondingly greater. We toppled the Iraqi dictator, who did not have weapons of mass destruction, and thereby increased the chances of Iran's dictators acquiring weapons of mass destruction. And this week Iran's President Ahmadinejad once again called for the destruction of the state of Israel. Those American neocons who set out to make the Middle East safe for Israel have ended up making it more dangerous for Israel.

We did not need an Iraq Study Group to tell us that resolving the Arab-Israeli conflict through a two-state solution for Israel and Palestine is crucial. In its last months the Clinton administration came close to clinching the deal. Under Bush, things have gone backwards. Even the Bush-backed Ariel Sharon scenario of separation through *faits accomplis* has receded, with the summer war in Lebanon, Hamas ascendancy in Palestine (itself partly a by-product of the Bush-led rush to elections), and a growing disillusionment of the Israeli public.

Having scored an apparent success with the "cedar revolution" in Lebanon and the withdrawal of Syrian troops, the Bush administration, by its tacit support of sustained yet ineffective Israeli military action this summer, undermined the very Lebanese government it was claiming to support. Now Hizbullah is challenging the country's western-backed velvet revolutionaries at their own game: after the

cedar revolution, welcome to the cedar counter-revolution. In Egypt, supposedly a showcase for the United States' support for peaceful democratisation in the Bush second term, electoral success for Islamists (as in Palestine and Lebanon) seems to have frightened Washington away from its fresh-minted policy before the ink was even dry. On the credit side, all we have to show is Libya's renunciation of weapons of mass destruction, and a few tentative reforms in some smaller Arab states.

So here's the scoresheet for Afghanistan, Iraq, Iran, Israel, Palestine, Lebanon and Egypt: worse, worse, worse, worse, worse, worse and worse. With James Baker, the United States may revert from the sins of the son to the sins of the father. After all, it was Baker and George Bush Sr who left those they had encouraged to rise up against Saddam to be killed in Iraq at the end of the first Gulf war - not to mention enthusiastically continuing Washington's long-running Faustian pact with petro-autocracies such as Saudi Arabia. I'm told that Condoleezza Rice, no less, has wryly observed that the word democracy hardly features in the Baker-Hamilton report.

Many a time, in these pages and elsewhere, I have warned against reflex Bush-bashing and kneejerk anti-Americanism. The United States is by no means the only culprit. Changing the Middle East for the better is one of the most difficult challenges in world politics. The people of the region bear much responsibility for their own plight. So do we Europeans, for past sins of commission and current sins of omission. But Bush must take the lion's share of the blame. There are few examples in recent history of such a comprehensive failure. Congratulations, Mr President; you have made one hell of a disaster.

<http://www.guardian.co.uk/commentisfree/2006/dec/14/comment.usa>

THE NEW YORK TIMES

January 16, 2007

FINDINGS

The Voices in My Head Say ‘Buy It!’ Why Argue?

By [JOHN TIERNEY](#)

PALO ALTO, Calif.

Now that scientists have spotted the pain and pleasure centers in the brain, they’ve moved on to more expensive real estate: the brain’s shopping center. They have been asking the big questions:

What is the difference between a tightwad’s brain and a spendthrift’s brain?

What neurological circuits stop you from buying a George Foreman grill but not a Discovery Channel color-changing mood clock?

Why is there a \$2,178.23 balance on my January Visa bill?

This last question isn’t yet fully answered, even after I stared at said Visa bill while lying inside a functional M.R.I. machine at Stanford University. But scientists are closer to solving the mystery. By scanning shoppers’ brains, they think they’ve identified a little voice telling you not to spend your money. Or, in my case, a voice saying, “At this price, you can’t afford not to buy the mood clock!”

For convenience’ sake, economists have traditionally assumed that buyers make rational choices: I think, therefore I shop. You pass up the George Foreman grill because you sagely calculate that the money would be better spent on, say, your child’s college fund. Or at least the mood clock. You choose to forgo one good in exchange for something better.

Even the most rational economists, though, realize that the shopper's mind is more complicated. The brain's "impartial spectator," as Adam Smith warned, has to duel with "the passions." Last year, after surveying shoppers' passions, behavioral economists at Carnegie Mellon University developed what they call the Tightwad-Spendthrift scale.

But this kind of survey reveals only what shoppers choose to confess. To find out more, the economists teamed with psychologists at Stanford to turn an M.R.I. machine into a shopping mall. They gave each experimental subject \$40 in cash and offered the chance to buy dozens of gadgets, appliances, books, DVDs and assorted tchotchkes. Lying inside the scanner, first you'd see a picture of a product. Next you'd see its price, which was about 75 percent below retail. Then you'd choose whether or not you'd like a chance to buy it. Afterward, the researchers randomly chose a couple of items from their mall, and if you had said yes to either one, you bought it; otherwise you went home with the cash.

The good news, for behavioral science, was that the researchers saw telltale patterns, which they report in the Jan. 4 issue of the journal *Neuron*. "We were frankly shocked at how clear the results were," said Brian Knutson, the Stanford psychologist who led the experiment. "It was amazing to be able to see brain activity seconds before a decision and predict whether the person would buy it or not."

The bad news, for my son's college funds, is that my responses to this experiment were not what could be called a happy medium, despite my best efforts at restraint. I passed up not just the Foreman grill but the sonic power toothbrush and the Bar Master electronic drink guide. But Dr. Knutson and his Stanford colleague, Elliott Wimmer, reported that "subject JT" chose to buy "50 percent of the items, approximately 2 standard deviations more than the average 30 percent buy rate."

I will not try to justify my need for the mood clock, the "Dodgeball" DVD, the desk-clip lamp and the smoothie maker. I would rather pin these choices on two culprits.

The first was my nucleus accumbens, a region of the brain with dopamine receptors that are activated when you experience or

anticipate something pleasant, like making money or drinking something tasty. In the experimental subjects at Stanford, this region was activated when they first saw pictures of things they wanted to buy. My nucleus accumbens just happened to respond more strongly than the typical subject's, so what else could I do? If it feels good, buy it.

The other culprit — the main villain, really — was my insula. This region of the brain is activated when you smell something bad, see a disgusting picture or anticipate a painful shock. It was typically activated in the brains of the other shoppers when they saw a price that seemed too high. I'd like to think of my insula as particularly stoic, the strong, silent type, but he's probably just an oblivious slob.

The lazy insula is a rarer affliction than you'd guess by looking at Americans' indebtedness. Tightwads slightly outnumber spendthrifts, according to surveys by George Loewenstein and his colleagues at Carnegie Mellon, Scott Rick and Cynthia Cryder. These behavioral economists think tightwads aren't any more rational than spendthrifts, because neither group is carefully weighing the long-term benefits of a Foreman grill versus college tuition. Dr. Loewenstein says the brain scans demonstrate that both kinds of shoppers are guided by instant emotions.

"We developed this propensity to experience direct pain when we spend money," Dr. Loewenstein said. "This explains why tightwads won't spend money even when they should. It also helps to explain why we overspend on credit cards, and why people prefer all-you-can-eat buffets instead of paying for each item they order. We like schemes that remove the immediate pain of paying."

These schemes are a blessing for pathological tightwads, but they leave spendthrifts worse off. Paying cash is the usual cure suggested, but that hasn't worked for me, presumably because my insula is such a slug. So I asked the Stanford psychologists to test another approach. After the shopping experiment, they scanned my brain while showing me a copy of my \$2,178.23 Visa bill and a control image of Dr. Knutson's credit card bill for a similar amount.

"When we compared your responses," Dr. Knutson told me, "we saw a little spot of insula activation when you saw your own bill."

This gives me hope for a technological cure for spendthriftness: a credit card that would remind you of your outstanding balance every time you started to buy something. It could flash the total in large numbers, or announce it in a voice (say, Simon Cowell's) designed to arouse any insula.

I realize there are certain practical obstacles to this scheme, like the unwillingness of merchants or credit -card companies to put themselves out of business. Even if a bank were willing to market the card, it would be tough to get spendthrifts to sign up for it.

But what's the alternative? You might remove the pleasure of shopping by somehow dulling the brain's dopamine receptors so that not even the new Apple iPhone would get a rise in the nucleus accumbens, but try getting anyone to stay on that medication. Better the occasional jolt of pain. Charge it to the insula.

<http://query.nytimes.com/gst/fullpage.html?res=9902EFDB1030F935A25752COA9619C8B63&scp=1&sq=the+voices+in+my+head+say+&st=nyt>

Anexo 4: Texto do jornal *USA TODAY*:



New Orleans symbolizes U.S. war on poverty

Updated 12/21/2006 9:49 PM ET

By Richard Wolf, USA TODAY

NEW ORLEANS — If this is Ground Zero for the federal government's war on poverty, it's hard to find the front lines.

Since Hurricane Katrina struck on Aug. 29, 2005, only 94 homeowners — and no tenants — have received federal aid to rebuild. The poor have been treated at walk-in health clinics while a federal-state partnership struggles to finance a new medical complex.

"I thought they would do a lot for us, but so far they haven't given us anything," says Albert Walker, 75, who's using insurance to rebuild a one-story home in the devastated Lower 9th Ward, which nearly disappeared under 11 feet of water. "Most of the people down here are waiting on the road to recovery."

SILENT NIGHTS: New Orleans struggles to rebuild | Photos

Fifteen months ago, President Bush stood in Jackson Square, in this city's fashionable French Quarter, and pledged to confront poverty, racial discrimination and a "legacy of inequality."

Now, as Democrats prepare to take charge of Congress, advocates for the poor say New Orleans symbolizes the government's fits and starts in addressing poverty. They want lawmakers to increase the minimum wage, cut interest rates on college loans and expand health insurance to more poor children.

Lawmakers take on issues

Democrats say they intend to raise the profile of anti-poverty issues. Rep. Maxine Waters, D-Calif., who will take over a key housing subcommittee, plans hearings here next month. Rep. Charles Rangel, D-N.Y., incoming chairman of the House Ways and Means Committee, plans to examine how poverty negatively affects economic growth, sprawl, crime, health care, even national security. "We can't afford poor folks," he says.

Any broader war on poverty will have to wait. The annual budget deficit is nearly \$300 billion. "It's a reflection of the political realities," says Rep. Mel Watt, D-N.C., outgoing chairman of the Congressional Black Caucus. "The public is fed up with these growing deficits."

Politics, too, presents a problem. Conservatives led by Rep. Mike Pence, R-Ind., don't want to spend heavily on social programs. Even liberals such as Rangel don't want to raise taxes. Senate Republicans can block almost anything from passing. "I don't see a concentrated war on poverty by Democrats," says Jared Bernstein of the liberal Economic Policy Institute. "But you are going to see a couple of well-chosen battles."

Like many, Tracie Washington remembers the Bush speech.

"I bought it," says Washington, director of the NAACP's Gulf Coast Advocacy Center. Today, she says, "It's like that old Wendy's commercial — 'Where's the beef?' "

"There's been very little done for health care, very little done for mental health services, virtually nothing done to shore up and support the criminal justice system," says Sen. Mary Landrieu, D-La. "For all the president saying 'We'll do whatever it takes,' it hasn't quite happened that way."

The majority of New Orleans' poorest residents remain outside the city, unable to return because of a shortage of habitable housing and soaring prices. More than 200,000 former residents are in the nationwide diaspora that Katrina created, about 80% of them black.

Tenants have yet to receive anything from a federally financed program intended to help people get back into their homes, even though more than 50,000 units of rental housing were destroyed. The federal government plans to replace many of those with private, mixed-income developments.

Making the immediate shortage worse is the Department of Housing and Urban Development's plan to tear down more than 4,000 units of public housing. HUD says it would cost \$130 million to rehabilitate the run-down projects. Low-income-housing advocates have gone to court to block the move. HUD now says it will be phased in.

It has been left to groups such as Catholic Charities USA and ACORN, which represents low-income families, to gut flooded houses. "The joke here is that we need a New Orleans Study Group," ACORN founder Wade Rathke says.

The federal government has invested billions into housing, health care and education, but red tape and a fear of fraud have slowed the flow of funds. The administration wants to change systems that were failing before Katrina struck:

- Housing.** It's trying to turn renters into homeowners with jobs and rent-to-own programs. The state is readying \$1.5 billion in rental aid to landlords and \$1.7 billion in low-income tax credits.

- Health care.** It wants to replace the old two-tiered system, in which the poor were relegated to Charity Hospital, by having the Department of Veterans Affairs join Louisiana State University in building a modern medical complex.

- Education.** It's investing in charter schools, where parents play a direct role, rather than rebuilding the old public school system that was one of the nation's worst.

Donald Powell, the federal coordinator of Gulf Coast rebuilding, is frustrated with the delays. "We need to be very resourceful about finding ways to speed up the process," he says.

Andy Kopplin, executive director of the Louisiana Recovery Authority, says aid was slow to arrive and tied with red tape. "We asked for significantly more than we got in lots of categories," he says.

Despite Bush's speech on poverty Sept. 15, 2005, little has been done to address it nationally.

The need is clear: Census Bureau figures show that about 37 million Americans, or 12.6%, lived in poverty in 2005 (annual income of \$19,971 or less for a family of four). The poverty rate has been rising since 2000. About 8.8 million families have severe housing-cost problems, up 33% since 2000.

New Orleans had the eighth-lowest median income in the nation among big cities in 2005 — \$30,771 — before Katrina. Orleans Parish had the sixth-highest poverty rate among counties, 24.5%.

Some experts say that if disaster struck elsewhere, poor city dwellers would fare worst. "We're under-investing in our urban core," says John Powell, executive director of the Kirwan Institute for the Study of Race and Ethnicity at Ohio State University.

Democratic leaders in the House and Senate have pledged to vote early next year to raise the federal minimum wage, stagnant since 1997, to \$7.25 an hour over two years from \$5.15. That would have an immediate impact in states such as Louisiana that have no minimum wage laws.

Program funding sought

The leaders also will try to reduce interest rates on student loans and expand the Children's Health Insurance Program to some of the 9 million children still uninsured.

Anti-poverty advocates such as Mark Greenberg of the liberal Center for American Progress say more money is needed for programs set to expire in coming years: food stamps, child care, Head Start, job training. They want changes in the tax code that would benefit the poor, such as an expansion of the earned income tax credit.

Democratic lawmakers caution against high expectations. They point to the budget deficit, the future insolvency of Medicare and Social Security and their own promises to pay for new spending.

"The body politic does not want to mention the word 'poverty.' All you're going to hear about is the middle class," Waters says. "We've got to talk about poverty, not only in Louisiana but in America."

As the 2008 presidential campaign heats up, experts say, the issues of poverty and inequality will be given voice by Democratic candidates such as former North Carolina senator John Edwards, who plans to announce his quest in New Orleans next week. "This is going to be a reference point for the debates nationally about equality and poverty," Rathke says.



Find this article at:

http://www.usatoday.com/news/nation/2006-12-21-new-orleans-poverty_x.htm

Anexo 5: Texto da revista *Newsweek*:

Newsweek

Life's A Beach

The real is flying high — and so are Brazilians.

By Mac Margolis

NEWSWEEK

Updated: 2:06 PM ET Dec 1, 2007

For the makers of Porsche, times have never been better in Latin America's biggest nation. Sales to Brazil have risen tenfold since 2003 and are set to hit a record 500 cars this year—not bad at \$144,000 to \$269,000 a pop. Of course, they seem a lot cheaper to Brazilians these days. With the real up 22 percent against the dollar in the last year, a car that fetched 800,000 reals in 2003 now retails for about 480,000. No wonder Brazil's luxury-goods market will soon top \$4.3 billion, an impressive 33 percent rise in the last five years, according to the São Paulo research firm GfK Indicator.

A new taste for expensive toys is only half the story. For four years running, the Brazilian real has outperformed the world's 16 most traded currencies. After nearly two decades of slumber, the world's ninth largest economy is regaining its place as an emerging-market favorite. Growth will hit 5 percent this year, up from 3.7. The boom in raw-materials prices has helped, as has export diversification away from the United States. Inflation, once a national curse, is down to 4.5 percent and the Treasury will post a budget surplus for the ninth straight year. Despite the spiking real, exports are surging in value and volume. Foreign direct investment is at a 60-year high. Much of the bounty is pouring into the São Paulo Stock Exchange, up 39 percent by volume this year alone. Once the world's biggest debtor, Brazil is now a net creditor, with \$160 billion in foreign reserves.

Brazilians have seen spurts of development before, but not like this. "Other countries may be growing faster, saving more or seeing higher investment rates," says Ricardo Amorim, emerging-markets strategist for WestLB Bank. "It's the combination of positive factors that sets Brazil apart." That combination is likely to win Brazil an investment-grade rating next year, which will drastically reduce company borrowing costs—and push the mighty real up yet another peg against the greenback.

And just because God is Brazilian, as the natives like to say, the country recently came across its biggest oil find ever, the Tupi fields, with some 5 billion to 8 billion barrels of light crude, which would make Brazil one of Latin America's leading energy titans, right behind Venezuela. Another petro-populist state in the making? Not likely. "Brazil is a place where there has been a real and sustained economic turnaround," says Lewis Alexander, chief economist at Citi. "Since 1994 you've had very strong political support for good, sensible policies. And it's not going to reverse."

The boom is silencing skeptics who've recently suggested deleting the "B" from BRICs, the acronym for emerging market dynamos Brazil, Russia, India and China, coined by Goldman Sachs senior economist Jim O'Neill in 2001. They may be missing the point. "A lot of the growth in China is due to urbanization, and Brazil has already gone through that," says O'Neill. "While the other [BRICs] economies have higher aggregate growth rates, they are peaking and may fall soon." By contrast, he says, "Brazil is on the verge of 5 to 7 percent growth."

The key now is whether president Luiz Inácio Lula da Silva can push through more reforms and cut red tape. Unloading a container in Brazil is still twice as expensive as it is in India, and takes three times longer than it does in China. The average Brazilian company pays 69 percent of their net profits to the government and spends 2,600 hours preparing taxes every year.

With municipal elections looming next year, getting Congress to focus on reform won't be easy. Still, it's remarkable how far the Brazilian economy has come. Can the sunny days last? It will depend on how a bigger U.S. decline plays out globally. For now, the Porsche tops are still down.

URL: <http://www.newsweek.com/id/73240>

Anexo 6 – Texto da revista *TIME*:



Monday, Jan. 07, 2008

Cell Phones Prolong Your Commute

By Peta Owens-Liston

At any given time, as many as one in 10 drivers are talking on their cell phones behind the wheel, say researchers at the University of Utah Traffic Lab. These distracted drivers not only pose a safety hazard, but, as new data suggests, they may be slowing down your commute.

Drivers on cell phones, even on hands-free devices, travel more slowly than other drivers, are less likely to pass sluggish vehicles and ultimately take longer to complete their commute — researchers estimate that such distracted drivers lengthen the average car commute by about 5% to 10%. That amounts to only a few extra minutes a day, but those minutes add up. Say your hour-long commute were cut by 10% a day — or 6 mins. — in each direction; the savings would translate to an entire weekend of free time a year. An additional 30 to 50 hours of yearly commuting time per person costs society broadly too — in fuel consumption, poorer air quality, and lost productivity at work. "When you take all the delays and aggregate them on a national level it is a staggering cost," says Peter Martin, associate professor of civil and environmental engineering and director of the University of Utah Traffic Lab.

In the new study, researchers tested 36 volunteers in driving simulators that reflected traffic speeds and conditions on Interstate 15, a major thoroughfare through Salt Lake City. Participants were observed "driving" in medium- and high-density traffic, and were told to obey the 65 mph speed limit and use turn signals; some were allowed to talk on their hands-free phones. The study was designed so that traffic would periodically slow in one lane, while another lane opened up. Researchers found that cell-phone users switched to faster-moving lanes about 20% less frequently than other drivers. They were less adept at keeping up with traffic flow, and it took them 2% to 3% longer to complete the commute than drivers who weren't distracted by cell phones.

Driving while talking into a cell phone is sort of like driving with one eye closed — studies suggest that your brain processes only half of the visual information it receives. So obstacles like pedestrians and swerving cars may go unregistered by the distracted driver. The effect is the same whether you use a handset or a hands-free phone, but, interestingly, listening to the radio or engaging in conversation with a fellow passenger isn't nearly as distracting. "There is something about talking on the phone that trips up the brain," says David Strayer, the study's author and a professor of psychology at the University of Utah, whose previous research found that drivers on cell phones were slower to react and five times more likely to have an accident than other motorists. "We are learning that there is something important about the production of speech and the role linguistics play in multitasking."

One theory is that when we're talking, we are busy generating mental images that may interfere with spatial codes necessary for driving. Another theory holds that we're overtopping our brain capacity by attempting two challenging tasks — having a conversation and driving a car — simultaneously. "The requirements to both listen carefully and respond while on a cell phone

creates 'interference' with the task at hand, driving in this case, and our research shows that we have limited cognitive resources to multitask," says Arthur Kramer, director of the Biomedical Imaging Center at the University of Illinois. When demand for our "neural resources" exceeds supply, the result is decreased performance — scanning less attentively for pedestrians, for example, or failing to maintain a lane or speed.

In a separate series of studies using simulators Strayer and his colleagues asked participants to navigate various traffic conditions while talking on a cell phone, then again while talking to the same person, this time in the simulator. The cell-phone talkers were far more distracted than drivers who talked to a passenger: 50% of the drivers on cell phones missed a designated exit, while none of those talking to a passenger did. "You communicate differently when you are in the car with someone because both people are aware of and can adjust to conditions that might require more concentration," Strayer says. The passenger may point out an upcoming exit, help navigate, alert you to a sudden stop, or understand when bad weather requires quiet concentration.

People have always multitasked behind the wheel: They smoke, brush their teeth, put on makeup, yell at the kids in the back seat. But the recent explosion in wireless technology has introduced a host of new and more complicated driver's side activities, like programming navigation systems, text messaging (which is even more dangerous than talking on the phone) and using laptops. "The distractions now are more cognitively demanding," says Strayer. "Now instead of short manual tasks like lighting a cigarette or changing the radio station, they have become mind-occupied tasks that take longer, placing a greater demand on the mind and compete for our attention."

Find this article at:

<http://www.time.com/time/health/article/0,8599,1700846,00.html>

Livros Grátis

(<http://www.livrosgratis.com.br>)

Milhares de Livros para Download:

[Baixar livros de Administração](#)

[Baixar livros de Agronomia](#)

[Baixar livros de Arquitetura](#)

[Baixar livros de Artes](#)

[Baixar livros de Astronomia](#)

[Baixar livros de Biologia Geral](#)

[Baixar livros de Ciência da Computação](#)

[Baixar livros de Ciência da Informação](#)

[Baixar livros de Ciência Política](#)

[Baixar livros de Ciências da Saúde](#)

[Baixar livros de Comunicação](#)

[Baixar livros do Conselho Nacional de Educação - CNE](#)

[Baixar livros de Defesa civil](#)

[Baixar livros de Direito](#)

[Baixar livros de Direitos humanos](#)

[Baixar livros de Economia](#)

[Baixar livros de Economia Doméstica](#)

[Baixar livros de Educação](#)

[Baixar livros de Educação - Trânsito](#)

[Baixar livros de Educação Física](#)

[Baixar livros de Engenharia Aeroespacial](#)

[Baixar livros de Farmácia](#)

[Baixar livros de Filosofia](#)

[Baixar livros de Física](#)

[Baixar livros de Geociências](#)

[Baixar livros de Geografia](#)

[Baixar livros de História](#)

[Baixar livros de Línguas](#)

[Baixar livros de Literatura](#)
[Baixar livros de Literatura de Cordel](#)
[Baixar livros de Literatura Infantil](#)
[Baixar livros de Matemática](#)
[Baixar livros de Medicina](#)
[Baixar livros de Medicina Veterinária](#)
[Baixar livros de Meio Ambiente](#)
[Baixar livros de Meteorologia](#)
[Baixar Monografias e TCC](#)
[Baixar livros Multidisciplinar](#)
[Baixar livros de Música](#)
[Baixar livros de Psicologia](#)
[Baixar livros de Química](#)
[Baixar livros de Saúde Coletiva](#)
[Baixar livros de Serviço Social](#)
[Baixar livros de Sociologia](#)
[Baixar livros de Teologia](#)
[Baixar livros de Trabalho](#)
[Baixar livros de Turismo](#)